

O CAMINHO DO CONDE.

Notas e comentários baseados no georreferenciamento do mapa [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS](#) de Georg Marcgrave no Google Earth¹.

Levy Pereira.

Versão 1.0 — 28 de fevereiro de 2013.



Figura 1 - Brasão de armas do Príncipe Maurício de Nassau no frontispício da Mauritshuis, na Stadhouderslaan 41, Haia, Holanda (foto de Levy Pereira).

ÍNDICE.

Pg.	ITEM.
4	I - INTRODUÇÃO.
5	II - AS ORIGENS DO CAMINHO.
6	III - POR QUE É DENOMINADO ' O CAMINHO DO CONDE '?
7	IV - O GEORREFERENCIAMENTO DA REGIÃO.
10	V - O GEORREFERENCIAMENTO D' O CAMINHO DO CONDE '.
23	VI - RESULTADOS E COMENTÁRIOS SOBRE O GEORREFERENCIAMENTO D' O CAMINHO DO CONDE '.
26	VII - NOTAS.

ANEXOS.

35	ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D' O CAMINHO DO CONDE ' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.
68	ANEXO 2 - BIBLIOGRAFIA E ICONOGRAFIA.
84	MAPAS AVULSOS.
85	ANEXO 3 - MAPA DE MARCGRAVE DO BRASIL.
85	BQPPB— BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS .
85	BRA — BRASÍLIA.
85	SE — <i>PRÆFECTURA DE CIRÍÍÍ vel SEREPIE DEL REY cum Itâpuáma.</i>
86	PE-M — <i>PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS.</i>
86	PE-IT — <i>PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, UNA CUM PRÆFECTURA DE ITÂMARACÁ.</i>
87	PB-RG— <i>PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE.</i>
88	ANEXO 4 - O mapa MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ (MBU) .

TABELAS.

7	TABELA 1 - TOPÔNIMOS NA REGIÃO D' O CAMINHO DO CONDE '.
23	TABELA 2: ' O CAMINHO DO CONDE ' – DISTÂNCIAS ESTIMADAS.

**Pg. ITEM.
FIGURAS**

- 1 Figura 1 - Brasão de armas do Príncipe Maurício de Nassau no frontispício da Mauritshuis, na Stadhouderslaan 41, Haia, Holanda (foto de Levy Pereira).
- 4 Figura 2 - '[O CAMINHO DE CONDE](#)' nos mapas [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS \(BQPPB\)](#) e [PRÆFECTURA PARANAMBUÇÆ PARS MERIDIONALIS \(PE-M\)](#).
- 9 Figura 3 - Imagem no Google Earth da região onde se insere '[O CAMINHO DO CONDE](#)', assinalados os entes do [BQPPB](#) com georreferenciamento mais confiável: linha do litoral e hidrografia.
- 10 Figura 4 - Forma que deveria ter a região d'[O CAMINHO DO CONDE](#)' se a escala fosse mantida uniforme no mapa [BQPPB](#) e PE-M.
- 22 Figura 5 - Visão geral d'[O CAMINHO DO CONDE](#)' georreferenciado (conforme a versão 1.0).
- 25 Figura 6 - Estradas hoje existentes (destacadas na cor rosa) entre o rio '[Carguatatiba](#)' e o engenho
- 31 Figura 7 - Demonstração da precisão geométrica dos mapas das Capitâneas (baseados no [BQPPB](#)) - vetores de deslocamento da posição de entes em relação ao mapa de referência obtidos pelo software MapAnalyst - apresentada pelo prof. Martijn Storms, Curador de Mapas e Atlas da Biblioteca da Universiteit Leiden, no Symposium 'Georg Marcgraf in Dutch Brazil', 23/09/2012, Leiden, Holanda. Imagem de Levy Pereira.
- 32 Figura 8 - Demonstração da precisão geométrica do [BQPPB](#) - grade de distorção obtida pelo software MapAnalyst - apresentada pelo prof. Martijn Storms no evento citado na Figura 6. Imagem de Levy Pereira.
- 34 Figura 9 - Título do mapa geral (wanderkaart) [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS \(BQPPB\)](#).
- 34 Figura 10 - Título e escala do mapa [PRÆFECTURA PARANAMBUÇÆ PARS MERIDIONALIS \(PE-M\)](#).

IMAGENS DOS TRECHOS GEORREFERENCIADOS.

- 11 TRECHO 01 — [Mondai](#)@Olho d'água sem nome
- 11 TRECHO 02 — Olho d'água sem nome@[Paratijĩ guaçu](#)
- 12 TRECHO 03 — [Paratijĩ guaçu](#)@ afluente [m.d.](#) do [Guairai mirĩ](#)
- 12 TRECHO 04 — afluente [m.d.](#) do [Guairai mirĩ](#)@[Guairai mirĩ](#)
- 13 TRECHO 05 — [Guairai mirĩ](#)@afluente [m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)
- 13 TRECHO 06 — afluente [m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)@afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)
- 14 TRECHO 07 — afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)@[Çabuçu](#)
- 14 TRECHO 08 — [Çabuçu](#)@[Paripoera](#)
- 15 TRECHO 09 — [Paripoera](#)@[Carguatatiba](#)
- 15 TRECHO 10 — [Carguatatiba](#)@[Caipiranga](#)
- 16 TRECHO 11 — [Caipiranga](#)@[Ietitĩba](#)
- 16 TRECHO 12 — [Ietitĩba](#)@afluente [m.d.](#) do [Aramarijĩ](#)
- 17 TRECHO 13 — afluente [m.d.](#) do [Aramarijĩ](#)@[Aramarijĩ](#)
- 17 TRECHO 14 — [Aramarijĩ](#)@[Guaratingapri ou R. Caŕtanha](#)
- 18 TRECHO 15 — [Guaratingapri ou R. Caŕtanha](#)@[Tapera d'Angola](#)
- 18 TRECHO 16 — [Tapera d'Angola](#)@[Tapamandé](#)
- 19 TRECHO 17 — [Tapamandé](#)@afluente [m.d.](#) do [Iunuçu](#)
- 19 TRECHO 18 — afluente [m.d.](#) do [Iunuçu](#)@[Iunuçu](#)
- 20 TRECHO 19 — [Iunuçu](#)@afluente [m.e.](#) do [Iunuçu](#)
- 20 TRECHO 20 — afluente [m.e.](#) do [Iunuçu](#)@[Iunuçu](#)
- 21 TRECHO 21 — [Iunuçu](#)@[Guaraiguaçu ou R. đ S. Ant. Grande](#)

89 GLOSSÁRIO.

90 AGRADECIMENTO.

O CAMINHO DO CONDE.

Notas e comentários baseados no georreferenciamento do mapa ['BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS'](#) de Georg Marcgrave no Google Earth¹.

Levy Pereira.

I - INTRODUÇÃO.

Os mapas [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS](#) (BQPPB) e o [PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS](#) (PE-M) plotam o caminho denominado ['O CAMINHO DE CONDE'](#) (vide Figura 2), desenhado no interior, no extremo oeste, entre a região da lagoa ['Mondaĩ ou Alagoa de Norte'](#) (Lagoa Mundaú) e o ['Guaraíguacu ou R. d S. Ant. Grande'](#) (Rio Santo Antônio Grande), nas proximidades do engenho ['N S dapenha d França'](#) e, relativamente, bastante afastado do litoral.

Há poucos caminhos com nomes próprios nesses mapas, pois além desse, só há mais outros dois.² Esse caminho não é mais conhecido como tal, com sua memória recusada ou perdida na bruma dos tempos e, possivelmente, é constituído por um conjunto de trechos em estradas ainda existentes, principais pavimentadas e vicinais de terra, ou abandonados, e a sua localização probabilística georreferenciada no Google Earth é aqui comentada.

Há a indicação, à margem desse caminho, da ['Barraca do Conde'](#), topônimo sem símbolo, desenhado nos mapas, mais uma referência explícita ao Conde, admitido como sendo o de um local de acampamento, neles plotado na cabeceira e na margem esquerda do ['Guaraĩmirĩ ou R d S. Antonio menino'](#), atualmente conhecido como Rio Meirim.

Esse caminho não deve ser o único da malha de caminhos pioneiros abertos pelo interior nessa região, pois há indícios de outros caminhos não mapeados no [BQPPB](#), por exemplo, o trecho percorrido por D. Luiz de Roxas y Borgia na sua ida de Alagoas a Porto Calvo em janeiro de 1636, que passava pelo engenho ['S. Chriſtoul'](#).



Figura 2 - 'O CAMINHO DE CONDE' nos mapas [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS](#) (BQPPB) e [PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS](#) (PE-M).

II - AS ORIGENS DO CAMINHO.

Quanto às origens, podemos dividir [O CAMINHO DO CONDE](#) em três segmentos:

1. O segmento sul, já estabelecido desde os primórdios da colonização portuguesa nessa área, entre o ['Mondaĩ'](#), passagem a vau no Rio Mundaú, cruzando o caminho de interligação do engenho ['N. S. d'Encarnaçãõ'](#) com o litoral, passando pelo Olho d'água (sem nome), até abaixo da foz do ['Paratijĩ miri'](#) no ['Paratijĩ guaçu'](#), no local da passagem a vau no Rio Prataji;
2. O segmento intermediário, cortando os vales do ['Paratijĩ guaçu'](#), ['Guairai mirĩ'](#), ['Çabuçu'](#), ['Paripoera'](#) e ['Carguatatiba'](#), com trechos abertos no final de 1635 e início de 1636, para a contraofensiva de D. Luiz de Roxas y Borgia;
3. O segmento norte, o que avança mais a oeste, entre os rios ['Carguatatiba'](#) e ['Guaraiguaçu'](#), cortando os vales do ['Caipiranga'](#), ['Ietitĩba'](#), ['Aramarijĩ'](#), ['Guaratingapri ou R. Caítanha'](#), ['Tapamandé'](#), ['Iunuçu'](#) e ['Guaraiguaçu ou R. d S. Ant. Grande'](#), possivelmente aberto por campanhistas, as tropas de Camarão, Henrique Dias e outros capitães, após a contraofensiva de 1639-1640.

O segmento intermediário começou a ser aberto durante a denominada Ofensiva Final³ dos neerlandeses, para permitir o deslocamento por terra das tropas⁴ comandadas pelo General espanhol D. Luiz de Roxas y Borgia, das Alagoas⁵ para Porto Calvo⁶, numa marcha pelo interior do país, flanqueando as posições neerlandesas do Coronel Crestofle d'Artischau⁷, acantonadas no litoral, em Paripoeira⁸, que bloqueava o caminho pelo litoral, o único então existente.

O período no qual esse trecho foi aberto situa-se entre a chegada das tropas de D. Luiz de Roxas y Borgia a Alagoas, em 25 de Novembro de 1635 e os primeiros dias de janeiro de 1636, quando suas tropas avançaram por ele.

Há alguma informação sobre sua importância estratégica, construção e características de parte desse caminho registradas por Duarte de Albuquerque (sic) Coelho, nas [MEMORIAS DIARIAS DE LA GVERRA DEL BRASIL](#)⁹, e Joannes de Laet, no [HISTORIA OU ANAIS DOS FEITOS DA WIC DESDE O COMECO ATE O ANO DE 1636](#).

Na marcha de D. Luiz de Roxas y Borgia, em janeiro de 1636, suas tropas utilizaram o trecho intermediário, todavia, o abandonaram após o ['Carguatatiba'](#), utilizando um caminho não desenhado no [BQPPB](#), até o engenho ['S. Chri\[toual\]](#), engenho de bois com igreja, na [m.d.](#) do ['Ietitĩba'](#) (Rio Jitituba), de Cristóvão Dias Delgado¹⁰. Os neerlandeses haviam incendiado esse engenho e mataram seu proprietário por colaboração com os portugueses, presumivelmente em dezembro de 1635.¹¹

O Conde de Banholo e suas tropas o retrilharam na sua retirada de Porto Calvo, batidos pelo Conde de Nassau, em janeiro de 1637.

O segmento norte, que faz um grande arroteio contornando o engenho ['S. Chri\[toual\]](#) pelas cabeceiras do ['Guaratingapri ou R. Caítanha'](#) pode ter sido aberto no período de 1639 a 1640, mas não para a contraofensiva do Conde da Torre.¹² Estes passaram pelo engenho, conforme acima observado.

Utilizaram ['O CAMINHO DO CONDE'](#) nesse período os terços de D. Felipe Camarão, Henrique Dias e outros capitães que realizavam excursões de reconhecimento e no avanço na campanha do Conde da Torre. As tropas de Luiz Barbalho, na sua retirada em 1640, desde ['Allagoa'](#) (barra do Rio de Touros, Touros-RN) até ['S. Salvador'](#) (São Salvador-BA), possivelmente o percorreram, pois o domínio do oceano e dos caminhos vizinhos ao litoral era neerlandês.

Essa região, onde se insere esse Caminho, montuosa e coberta de florestas virgens, como apropriadamente assinalado no [BQPPB](#), estava sendo desbravada naquela época, e certamente havia muitos caminhos, veredas e picadas abertas por brasileiros, por mateiros que extraíam pau-brasil e madeira de lei, e por eventuais colonos ou quilombolas nela estabelecidos, estes assinalados na ['Tapera de d'Angola'](#) e, assim, pode-se inferir a alta probabilidade de que apenas parte dessa rede de vias de comunicação, então existentes, foi levantada e mapeada.

III - POR QUE É DENOMINADO 'O CAMINHO DO CONDE'?

As origens desse caminho, citadas no item anterior, não são conclusivas para se estabelecer a quem, ou melhor, a qual Conde, a denominação 'O CAMINHO DO CONDE' homenageia. Há dois Condes que poderiam estar sendo lembrados:

1. Giovanni Vincenzo di San Felice, o Conde de Banholo;
2. João Maurício de Nassau-Siegen (Johan Maurits van Nassau-Siegen ou Johann Moritz von Nassau-Siegen), Conde de Nassau-Siegen, Governador, Almirante e Capitão-General dos domínios conquistados e por conquistar pela Companhia das Índias Ocidentais no Brasil.

Não incluí Duarte Albuquerque Coelho, Conde de Pernambuco, nessa lista, por entender que o título foi concedido por D. Felipe IV, de Espanha (III de Portugal) após 1640, quando o Donatário de Pernambuco pouco influía na sua Capitania, por este ter fixado residência na Espanha e ocorrido a Restauração em Portugal. Há quem o cite como o "Conde de Olinda", título que ele não teve, nem está citado na capa do seu livro 'Memórias Diárias', publicado em 1654, sendo aí escrito ser ele DVARTE DE ALBVRQUERQUE COELLO, Marques de Basto, Conde, i Señor de Pernambuco, i de las Villas de Olinda, San Francisco, etc.

Nem D. Luiz de Roxas e Borja, do qual não encontrei seguramente seu título nobiliárquico, pois a única menção, parentesco com Duques, foi feita por Joannes de Laet¹³.

E por que poderia ser menção a Banholo? O Conde era, forçado pelas circunstâncias, especialista em retiradas, decisões difíceis, muitas vezes incompreendidas, recomendadas pela prudência à arte de comandar. Basicamente, para sobreviver e continuar a luta noutra ocasião menos desfavorável. E, quase sempre, confundidas com covardia e motivo de chacotas entre amigos e inimigos.¹⁴ Ora, em janeiro de 1637, o Conde de Banholo recuou apressadamente de Porto Calvo quando o Conde de Nassau atacou aquela praça forte, retirando-se pelo caminho do interior, o mesmo da sua vinda nessa campanha. Isso poderia ser a lembrança que levaria a se nomear o caminho pelo interior como 'O CAMINHO DO CONDE'.

Todavia, há outras fortes evidências indicadoras de ser o nome desse caminho homenagem ao Conde de Nassau-Siegen. Não encontrei referência de que ele tenha trilhado esse caminho¹⁵ antes de 1642, mesmo assim, o conceituado historiador Luiz da Câmara Cascudo¹⁶ não hesita em afirmar:

"O Guaraimiri ou rio de SantAntônio Pequeno termina num topônimo alusivo às guerras: — barraca do Conde, início de uma zona denominada caminho do Conde e que se referirá a Nassau."

E continua:

«O "caminho do Conde" aludirá à marcha do conde João Maurício de Nassau, em 1637, perseguindo Giovanni Vincenzo San Felice, conde de Bagnuolo. É um caminho pelas abas das serras, mais de retirada do que de perseguição.».

A informação que disponho cita que o Conde de Nassau percorreu essa região no segundo semestre de 1643, conforme Gaspar Barléu informa²¹:

"Vai Mauricio às Alagoas.

Por esta ocasião, extrema necessidade de mantimento oprimia Loanda, assim como o Brasil. Não se acreditava que houvesse outro remédio para tal carestia senão a diligente cultura das terras em Alagoas. Declaravam os portugueses que outrora nem o Brasil os havia provido de vitualhas, sendo-lhes preciso pedi-los a Portugal ou aos ribeirinhos do São Francisco. Decidiu-se, pois, empregar toda a diligência em colonizar as Alagoas. De boa vontade resolveu Maurício viajar para ali em companhia de Pedro von Hagen, para que, depois de examinar a natureza dos terrenos, os vendesse aos futuros colonos. Pôs à frente deste importante negócio Henrique Moucheron, a quem confiou a administração das províncias das Alagoas, Porto Calvo e São Francisco."

Gonsalves de Mello também registra informações a respeito dessas decisões do Conde, inclusive a sua intenção de visitar as Alagoas, comunicada ao Conselho dos XIX, na Generale Missiven de 31 de agosto de 1643²².

Isso é mais um forte indício de que '[O CAMINHO DO CONDE](#)' se refira a Nassau, não o guerreiro, e sim o administrador, ainda que essa notícia de Barléu seja muito sintética, sem informar detalhes da região ou dos caminhos percorridos pelo Conde Maurício.

O mapa [BQPPB](#)²³ possivelmente indica o caminho por onde o Conde Maurício de Nassau e Pedro von Hagen passaram, prospectando a possibilidade de ali se estabelecer a região de colonização e o futuro celeiro¹⁷ do Brasil Holandês.

E se assim for, a razão de sua denominação seria algo diferente daquela que o mestre Câmara Cascudo em 1954 lhe tinha atribuído. E ao percorrer essa região praticamente desabitada cortada pelo '[O CAMINHO DE CONDE](#)', entre os rios '[Paratijĩ guaçũ](#)' e '[Guaraíguaçũ ou R. d S. Ant. Grande](#)', ao Conde de Nassau também se deve acrescentar, às suas muitíssimas habilidades, a de explorador, fato desapercibido até agora.

IV - O GEORREFERENCIAMENTO DA REGIÃO.

Neste trabalho adotamos as seguintes premissas para caracterização do '[O CAMINHO DO CONDE](#)' e metodologia de seu georreferenciamento:

- a) Extremos para o Caminho:
 - Travessia do '[Mondaĩ](#)' (Rio Mundaú), próximo ao engenho '[N S dAijuda](#)' (Engenho Mundaú), em Satuba-AL;
 - Travessia do '[Guaraíguaçũ ou R. d S. Ant. Grande](#)' (Rio Santo Antônio Grande), próximo ao engenho '[N S dapenha d França](#)' (Usina Santo Antônio), em São Luís do Quitunde-AL.
- b) Segmentação em 21 trechos no [BQPPB](#), objetivando minimizar os erros da interpretação e georreferenciamento do seu trajeto no Google Earth, da seguinte forma:
 1. [Mondaĩ@Olho d'água sem nome](#)
 2. [Olho d'água sem nome@Paratijĩ guaçũ](#);
 3. [Paratijĩ guaçũ@](#) afluente [m.d.](#) do [Guairai mirĩ](#)
 4. [Afluente m.d.](#) do [Guairai mirĩ@Guairai mirĩ](#);
 5. [Guairai mirĩ@](#)afluente [m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#);
 6. [Afluente m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu@](#)afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#);
 7. [Afluente m.d.](#) do [Çabuçu@Çabuçu](#);
 8. [Çabuçu@Paripoera](#);
 9. [Paripoera@Carguatatiba](#);
 10. [Carguatatiba@Caipiranga](#);
 11. [Caipiranga@Ietitĩba](#);
 12. [Ietitĩba@](#)afluente [m.d.](#) do [Aramarijĩ](#);
 13. [Afluente m.d.](#) do [Aramarijĩ@Aramarijĩ](#);
 14. [Aramarijĩ@Guaratingapri ou R. Caítanha](#);
 15. [Guaratingapri ou R. Caítanha@Tapera d'Angola](#)
 16. [Tapera d'Angola@Tapamandé](#);
 17. [Tapamandé@](#)afluente [m.d.](#) do [Iunuçu](#);
 18. [Afluente m.d.](#) do [Iunuçu@Iunuçu](#);
 19. [Iunuçu@](#)afluente [m.e.](#) do [Iunuçu](#);
 20. [Afluente m.e.](#) do [Iunuçu@Iunuçu](#);
 21. [Iunuçu@Guaraíguaçũ ou R. d S. Ant. Grande](#).

- c) Avaliação dos dados da pesquisa bibliográfica e iconográfica dos 26 topônimos (verbetes) relacionados com o Caminho (vide Anexo 1):

TABELA 1 - TOPÔNIMOS NA REGIÃO D' <u>O CAMINHO DO CONDE</u>'.			
<u>O CAMINHO DO CONDE</u>	<u>N S dAiuda</u>	<u>Mondaĩ</u>	<u>[Mondaĩ]</u>
<u>Mondaĩ ou Alagoa de Norte</u>	<u>Pta Jaragea</u>	<u>Pta. de Içara</u>	<u>[Jatiuca]</u>
<u>R doce</u>	<u>Guaraíguacû ou R. d S. Ant. Grande</u>	<u>Guaraĩmirĩ ou R d S. Antonio menino</u>	<u>R Paripoera</u>
<u>Tapera d'Angola</u>	<u>Aramarijĩ</u>	<u>Caipiranga</u>	<u>Çabuçu</u>
<u>Barraca de Conde</u>	<u>Paratijĩ guaçu</u>	<u>Paratijĩ miri</u>	<u>S. Gonçalo</u>
<u>Carguatatiba</u>	<u>S. Chrijtoual</u>	<u>Iunuçu</u>	<u>Tapamandé</u>
<u>Guaratingapri ou R. Całtanha</u>	<u>N S dapenha d França</u>		

- d) Apreciação da imagem do georreferenciamento no Google Earth do quadro regional onde se insere 'O CAMINHO DO CONDE', atribuindo especial importância à situação dos entes geográficos do BQPPB com georreferenciamento mais confiável: litoral, e a hidrografia – vide Figura 3.

Nota-se nessa imagem da região (Figura 3), onde os caminhos foram suprimidos para destacar os entes com georreferenciamento mais confiável:

- O georreferenciamento dos entes no litoral entre a 'Pta. Jaragea' (Ponta de Jaraguá) e a barra do 'Guaraíguacû ou R. d S. Ant. Grande' está relativamente bom, sem entes com posicionamento probabilístico aproximado (seriam representados em vermelho);
- O georreferenciamento dos entes hidrográficos, o da lagoa 'Mondaĩ ou Alagoa de Norte' e dos rios principais, também está relativamente bom, à exceção da bacia do 'Guaraíguacû' na sua parte alta, onde admito ter havido troca na escrita dos topônimos dos rios 'Guaraíguacû' e 'Iunuçu' no BQPPB.
- Muitos rios não mapeados (RNM), destacados em amarelo nessa imagem, e servem para se estudar alternativas de identificação dos entes desenhados no BQPPB e visualização das áreas de suas bacias.
- A bacia do 'R Paripoera' é relativamente pequena, afastando-se pouco do litoral para oeste, cerca de 9,5 km, e envolvida pelas bacias dos rios 'Guaraĩmirĩ ou R d S. Antonio menino' e 'Iaçapucjỹ ou R. das Frades' (atual Rio Sapucaí ou Sapucaia).
- A bacia do 'Guaraíguacû ou R. d S. Ant. Grande' mostra que a região da bacia do seu afluente 'Iunuçu' (efetivamente o alto curso do Rio Santo Antônio Grande) está afastada da sua barra no litoral cerca de 22 km.
- A bacia do 'Paratijĩ guaçu' (atual Rio Prataji) mostra que a foz do seu afluente m.d. do 'Paratijĩ miri' (atual Rio Messias ou Rio do Meio) dista cerca de 7,6 km da sua barra no litoral.

Isso permite observar que, quando comparamos o quadro regional onde se insere 'O CAMINHO DO CONDE' nos mapas BQPPB e o PE-M (Figura 2) com a imagem no Google Earth (Figura 3), há uma distorção nesses mapas, exagerando-se o afastamento do litoral do Caminho nas bacias do 'Paratijĩ guaçu' e 'R Paripoera'.

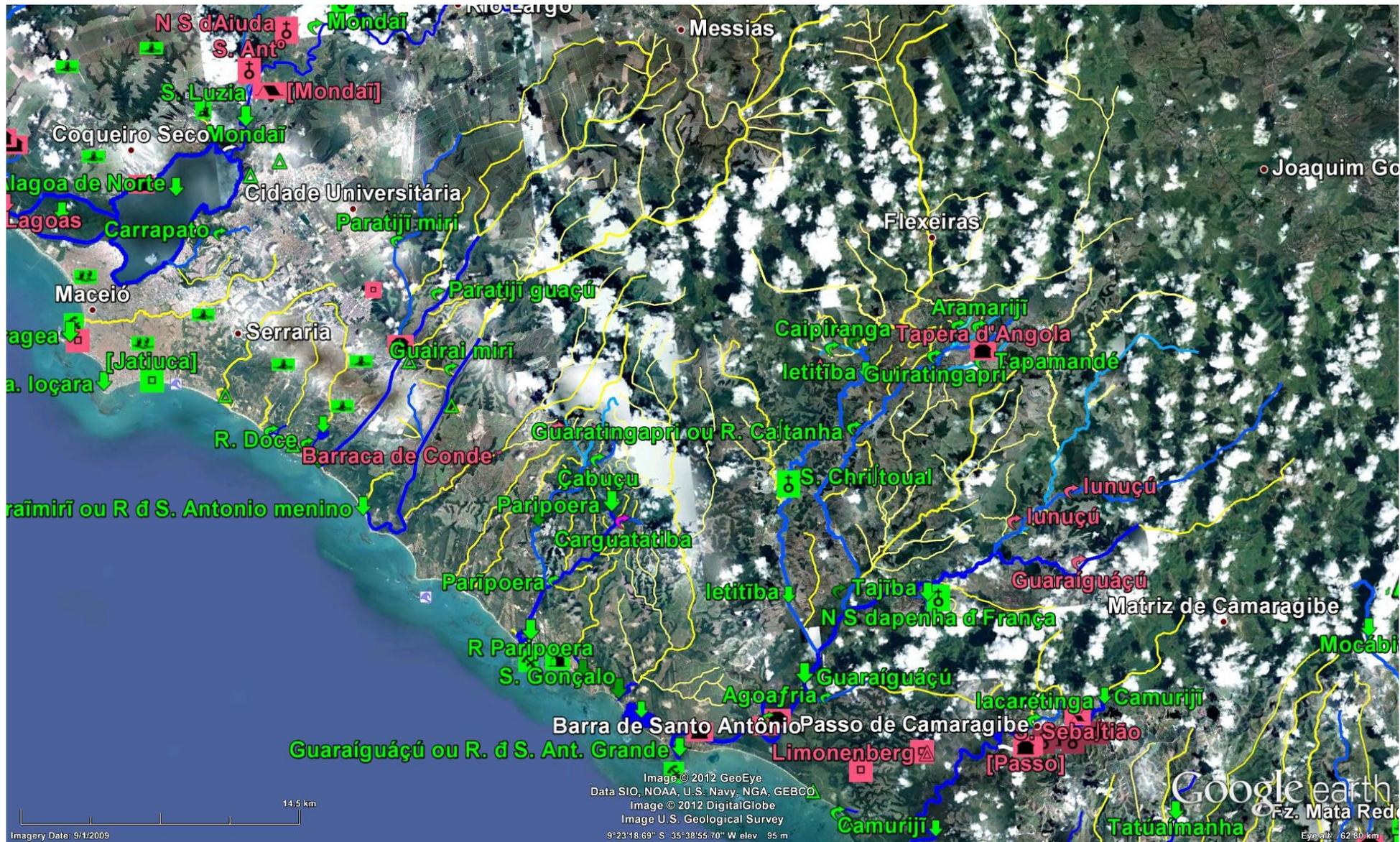


Figura 3 - Imagem no Google Earth da região onde se insere '[O CAMINHO DO CONDE](#)', assinalados os entes do [BOPPB](#) com georreferenciamento mais confiável: linha do litoral e hidrografia.

V - O GEORREFERENCIAMENTO D'O CAMINHO DO CONDE'.

O georreferenciamento do caminho permite interpretações que se enquadram em duas situações:

- Obediência total aos entes desenhados no mapa com admissão de que não há enganos na posição e na toponímia, à exceção da assumida para a inversão da escrita dos nomes do 'Guaraiguáçu' com o 'Iunuçu' anteriormente citada.
- Admissão de que há enganos no traçado e na toponímia nas cabeceiras dos rios.

A segunda situação só deve ser aventada se prevalecer a convicção de que não há, ou há pouca distorção intencional no desenho do mapa nessa região, ou seja, abandono intencional da escala uniforme, exagerando e uniformizando a 'largura' do território nessa região, tornando-a paralela ao litoral.

Sou propenso, face aos poucos erros que encontrei no BQPPB relacionados à posição relativa de rios¹⁹ e de escala, a assumir que a primeira situação é a mais provável no caso.

Creio ter havido muita discussão durante a elaboração dessa parte do BQPPB, destacada no PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS (PE-M), pois o estreitamento do mapa seria notável nessa área, o que poderia parecer estética e politicamente inadequados²³.

Destacamos na imagem do Google Earth (Figura 4) o 'limite' da região d'O CAMINHO DO CONDE' se esta fosse desenhada com escala uniforme nos mapas BQPPB e PE-M, onde a representação dessa região está com precisão geométrica²⁰ modificada, possivelmente, intencionalmente para parecer paralela ao litoral.



Figura 4 - Forma que deveria ter a região d'O CAMINHO DO CONDE' se a escala fosse mantida uniforme no mapa BQPPB e PE-M.

Mostram-se, nas páginas seguintes, os trechos d'O CAMINHO DO CONDE' com a imagem do BQPPB ao lado da imagem com o resultado do georreferenciamento da forma como está no arquivo BQPPB V 1-0.kml para o Google Earth, disponível em

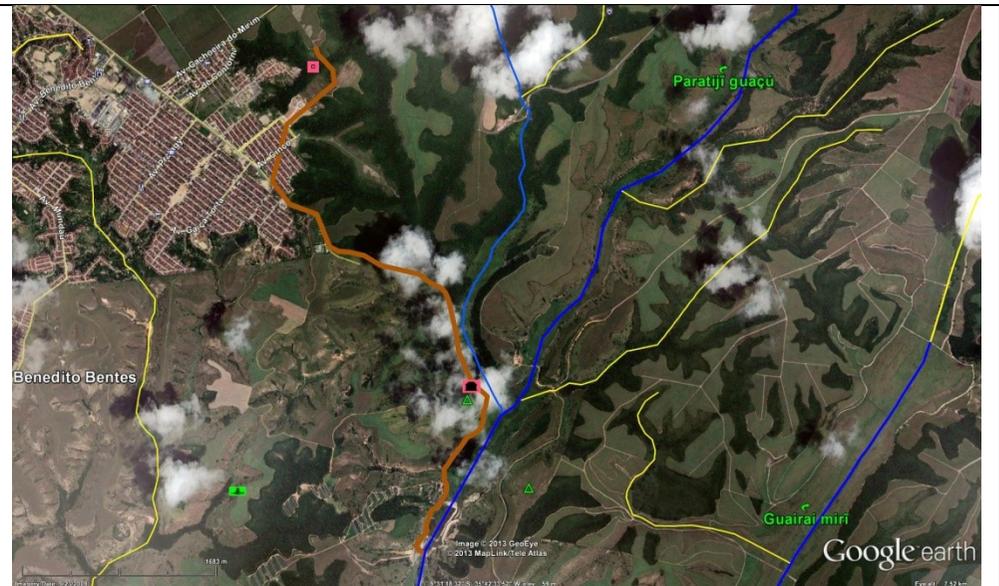
http://164.41.2.93/bibliatlas/Cole%C3%A7%C3%A3o_Levy_Pereira

Nessas imagens a orientação dos dois mapas é a mesma — o Norte está à direita — para permitir a observação direta dos desvios de extensão e orientação.

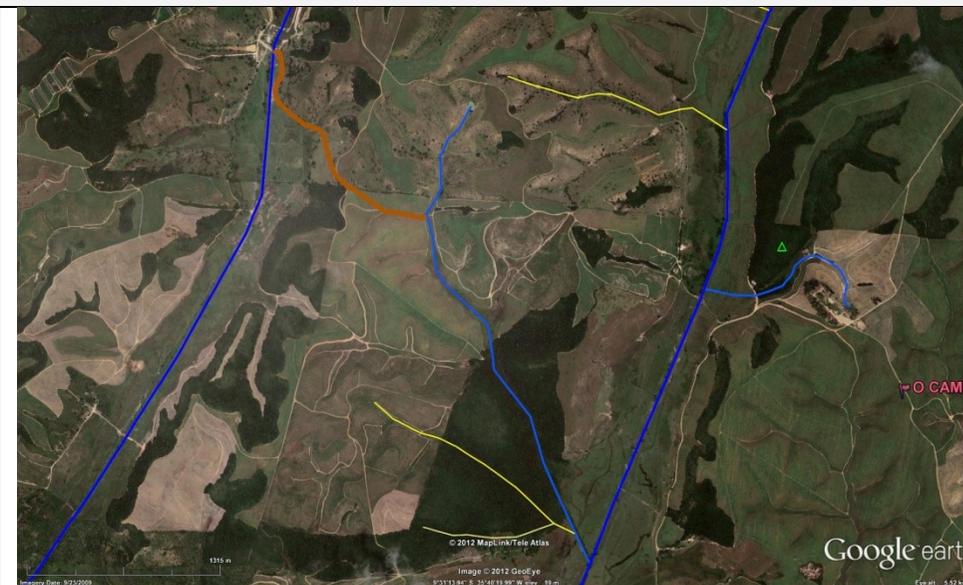
TRECHO 01 - [Mondai](#)@Olho d'água sem nome



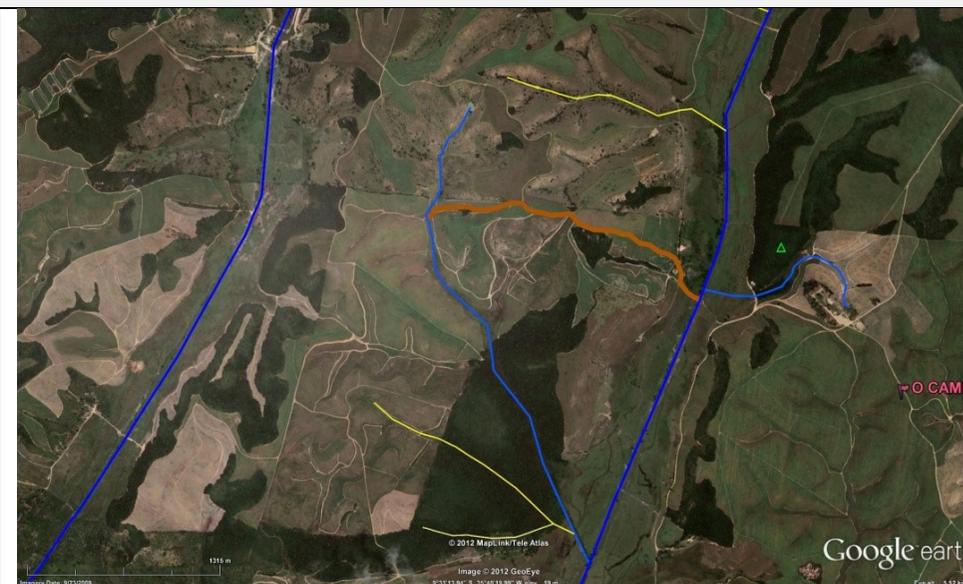
TRECHO 02 - Olho d'água sem nome@[Paratiji guaçu](#)



TRECHO 03 - [Paratiji guacú](#)@ afluente [m.d. do Guairai miri](#)



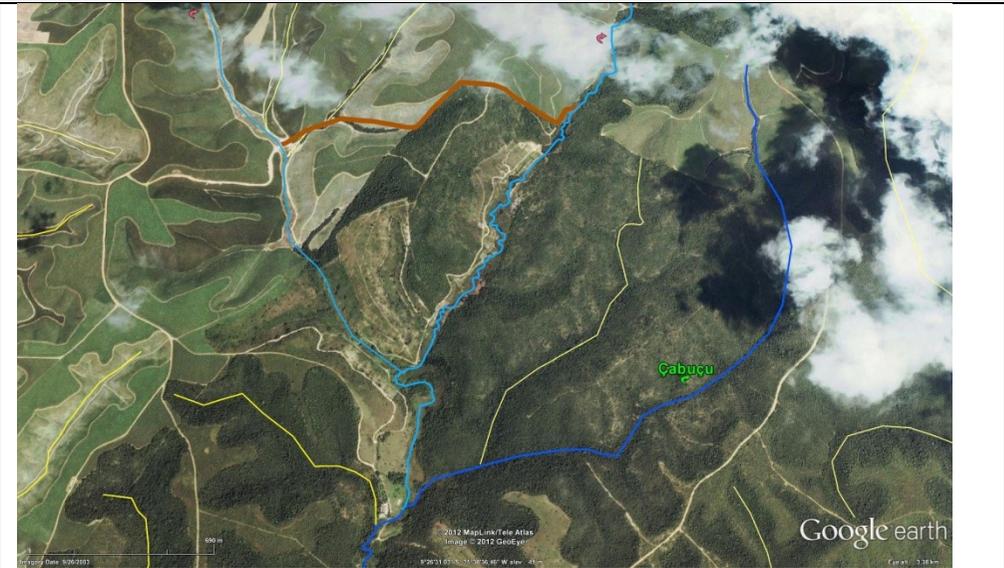
TRECHO 04 - afluente [m.d. do Guairai miri](#)@[Guairai miri](#)



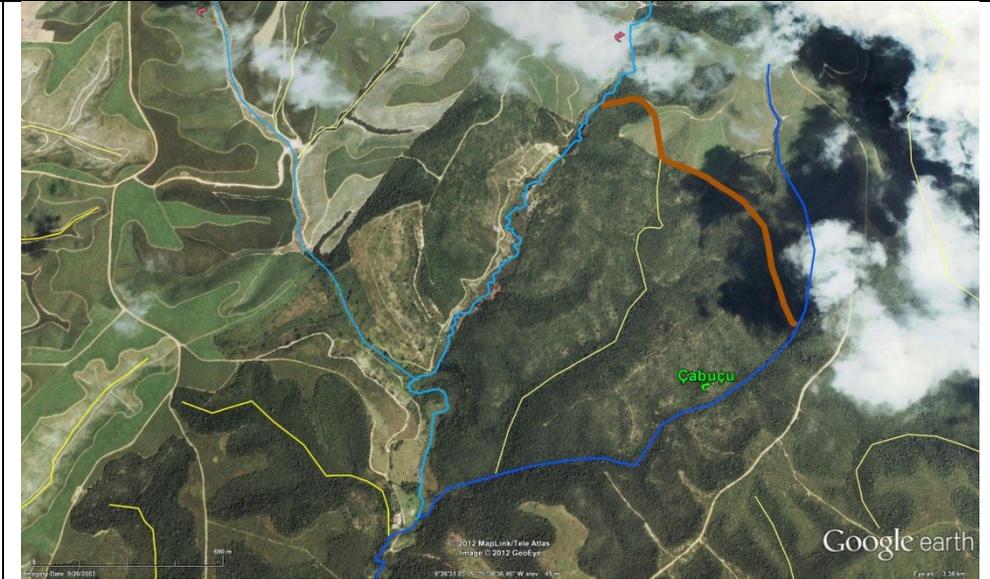
TRECHO 05 - [Guairai miri](#)@afluente [m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)



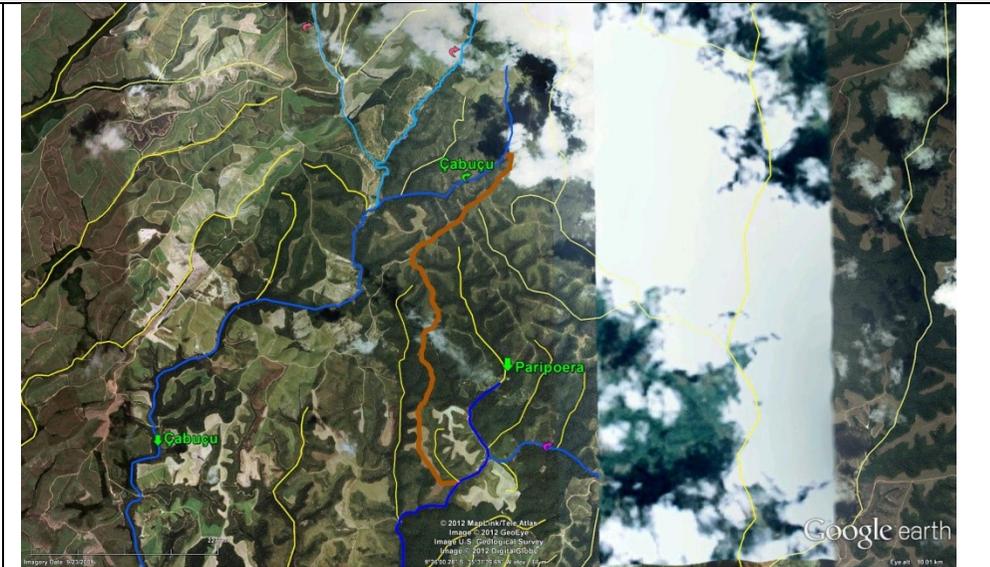
TRECHO 06 - afluente [m.d.](#) do afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)@afluente [m.d.](#) do [Çabuçu](#)



TRECHO 07 - afluente m.d. do Cabuçu@Cabuçu



TRECHO 08 - Cabuçu@Paripoera



TRECHO 09 - [Paripoera@Carguatatiba](#)



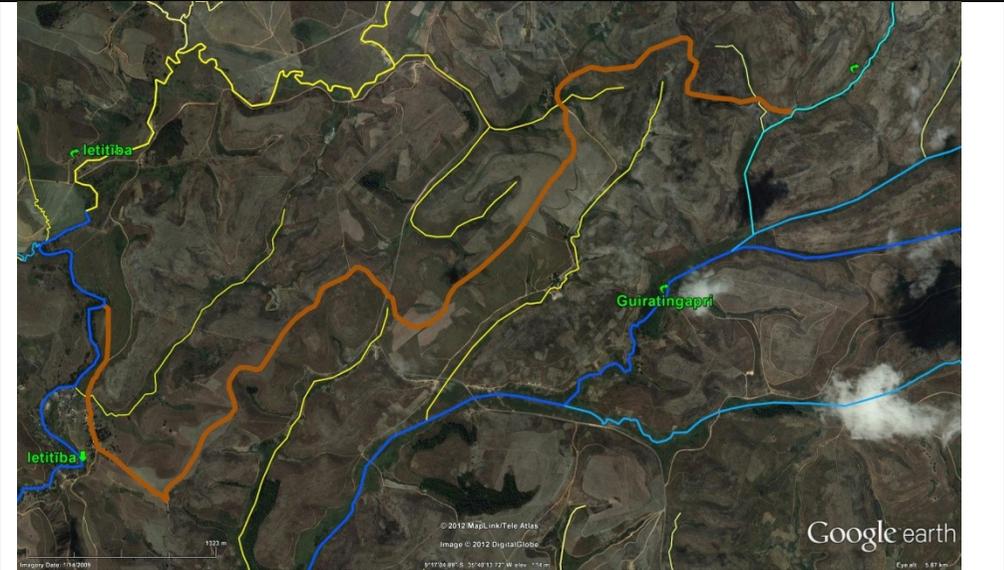
TRECHO 10 - [Carguatatiba@Caipiranga](#)



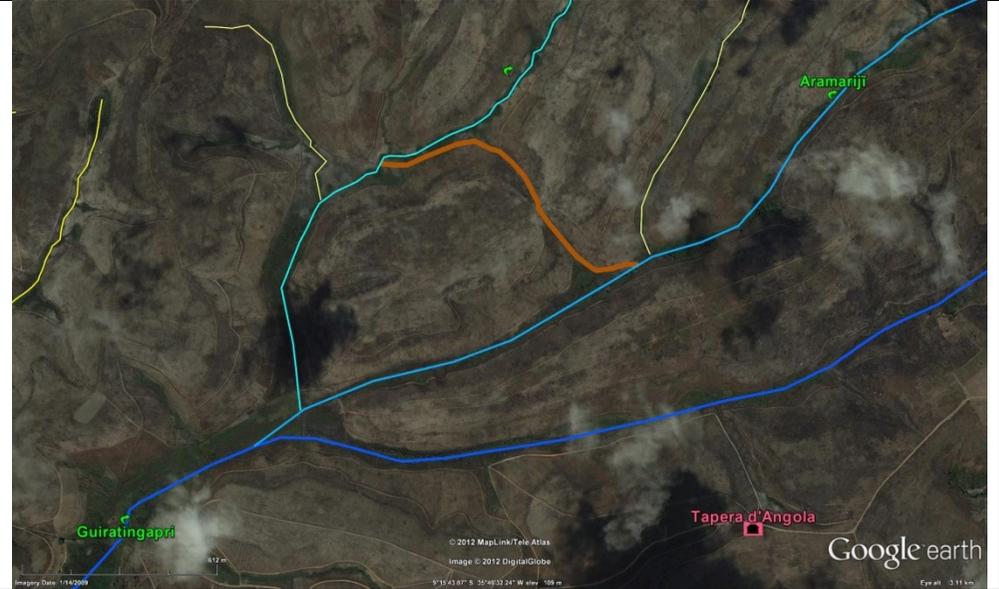
TRECHO 11 - [Caipiranga@Ietitiba](#)



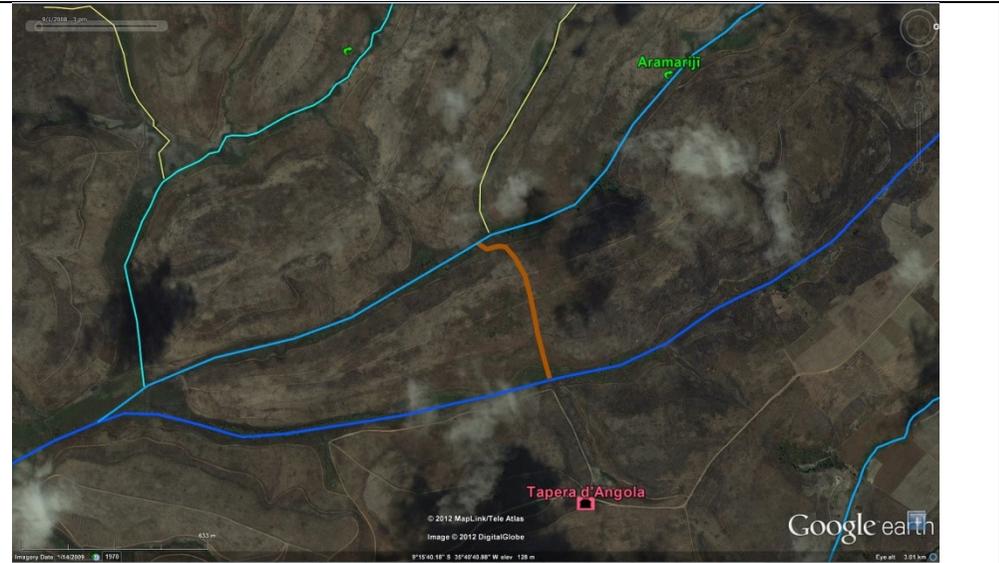
TRECHO 12 - [Ietitiba@afluente m.d. do Aramarij](#)



TRECHO 13 - afluente m.d. do Aramarijĩ@Aramarijĩ



TRECHO 14 - Aramarijĩ@Guaratingapri ou R. Ca|tanha



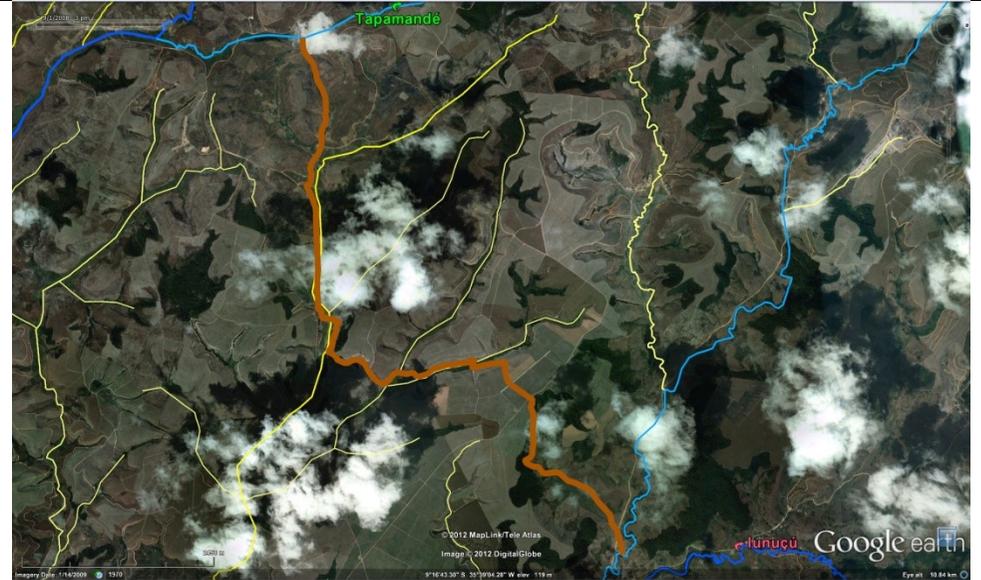
TRECHO 15 - [Guaratingapri](#) ou [R. Caltanha](#)@[Tapera d'Angola](#)



TRECHO 16 - [Tapera d'Angola](#)@[Tapamandé](#)



TRECHO 17 - [Tapamandé](#)@afluente [m.d.](#) do [Iunuçu](#)



TRECHO 18 - afluente [m.d.](#) do [Iunuçu](#)@[Iunuçu](#)



TRECHO 19 - [Iunuçu](#)@afluente [m.e.](#) do [Iunuçu](#)



TRECHO 20 - afluente [m.e.](#) do [Iunuçu](#)@[Iunuçu](#)



TRECHO 21 - [Iunuçu@Guaraíguacû](#) ou R. d S. Ant. Grande

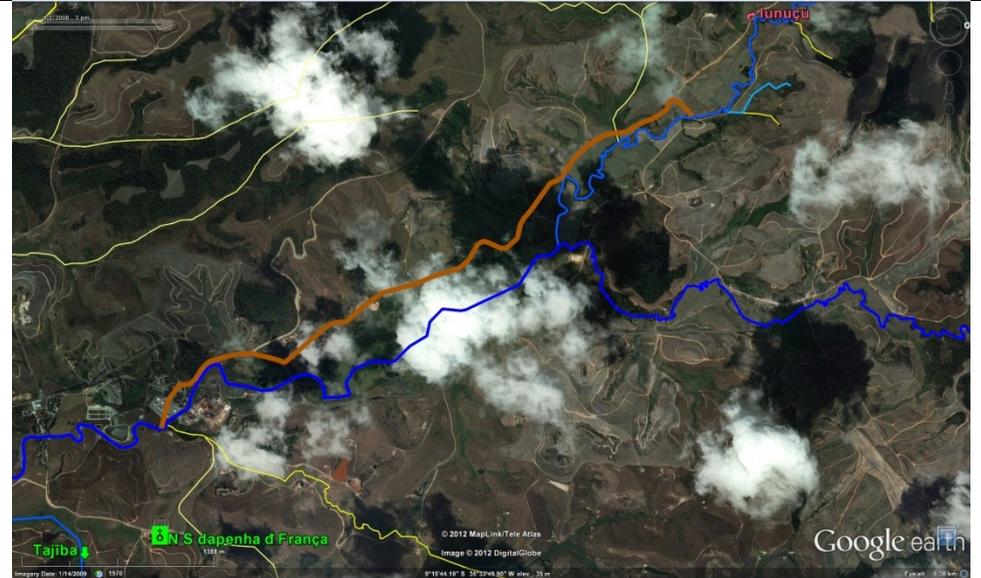




Figura 5 - Visão geral d'OCAMINHO DO CONDE' georreferenciado (conforme a versão 1.0).

VI - RESULTADOS E COMENTÁRIOS SOBRE O GEORREFERENCIAMENTO D'O CAMINHO DO CONDE'.

Este georreferenciamento é uma interpretação baseada nas seguintes premissas:

- Conformação do caminho à hidrografia do mapa, admitindo-se que os rios principais que formam bacias com foz no litoral estejam bem identificados no levantamento em campo - sem erros no mapa - veja os comentários no item IV acima;
- Alguns trechos do caminho são ainda utilizados, ou seja, são estradas principais ou vicinais em uso;
- Os trechos de caminho entre riachos, ou cacimbas (fontes d'água) devem ser relativamente curtos, não excedendo 6 km - isso é essencial para o deslocamento de homens e alimárias transportando armas e suprimentos;
- Admissão de que houve uma distorção intencional no desenho do mapa para apresentar o caminho relativamente paralelo ao litoral, e distante do mesmo.

A tabela abaixo, ainda que reflexo dessa interpretação, permite uma estimativa aproximada das distâncias percorridas em cada trecho e total d'O CAMINHO DO CONDE':

#	TRECHO	DISTÂNCIA (km)
1	Mondaĩ @Olho d'água sem nome	16,7
2	Olho d'água sem nome@ Paratijĩ guaçu	5,8
3	Paratijĩ guaçu @ afluente m.d. do Guairai mirĩ	1,7
4	Afluente m.d. do Guairai mirĩ @ Guairai mirĩ	2,1
5	Guairai mirĩ @afluente m.d. do afluente m.d. do Çabuçu	9,5
6	Afluente m.d. do afluente m.d. do Çabuçu @afluente m.d. do Çabuçu	1,4
7	Afluente m.d. do Çabuçu @ Çabuçu	1,3
8	Çabuçu @ Paripoera	5,2
9	Paripoera @ Carguatatiba	2,7
10	Carguatatiba @ Caipiranga	19,4
11	Caipiranga @ Ietitĩba	3,2
12	Ietitĩba @afluente m.d. do Aramarijĩ	8,7
13	Afluente m.d. do Aramarijĩ @ Aramarijĩ	1,1
14	Aramarijĩ @ Guaratingapri ou R. Caŧanha	0,6
15	Guaratingapri ou R. Caŧanha @ Tapera d'Angola	0,4
16	Tapera d'Angola @ Tapamandé	1,5
17	Tapamandé @afluente m.d. do Iunuçu	10,6
18	Afluente m.d. do Iunuçu @ Iunuçu	0,7
19	Iunuçu @afluente m.e. do Iunuçu	2,3
20	Afluente m.e. do Iunuçu @ Iunuçu	0,3
21	Iunuçu @ Guaraĩguáçũ ou R. d S. Ant. Grande	5,2
	O CAMINHO DO CONDE (total)	100,4

O mapa [BOPPB](#) e PE-M têm escala denominada "*Milliaria horaria quorum novemdecim uni gradui latitud. respondent*", ou seja, léguas que correspondem a 1/19 (um dezenove avos) de grau no Círculo Máximo (Equador terrestre), que, pelo conhecimento de hoje, essa légua corresponderia a aproximadamente 5,86 km. Medindo-se diretamente o comprimento d'O CAMINHO DO CONDE' usando a escala desenhada nos mapas encontramos aproximadamente 15 léguas, o que corresponderia a aproximadamente a 88 km. Essa distância obtida no mapa tem uma diferença que pode parecer grande quando comparada com os 100,4 km do georreferenciamento feito, que resulta em cerca de 12,4 km a mais, ou +14%. Contudo, com tantas variáveis, inclusive a presumível distorção intencional no desenho do mapa, isso pode significar que essa interpretação está relativamente aceitável.

A avaliação, trecho a trecho, permite constatar que os trechos críticos ou de maior dificuldade de interpretação são os que se afastam do "paralelismo" ao litoral conforme esse caminho está desenhado no [BQPPB](#):

- No segmento sul, constituído pelo TRECHO 01 - [Mondaĩ@Olho d'água sem nome](#) e TRECHO 02 - [Olho d'água sem nome@Paratijĩ guaçu](#), onde o local de travessia a vau no '[Paratijĩ guaçu](#)', abaixo da foz do '[Paratijĩ mirĩ](#)' impõe-lhe a direção rumo ao litoral, pois a passagem a vau no [Mondaĩ](#) dista cerca de 17 km do litoral e a foz do '[Paratijĩ mirĩ](#)' dista apenas 7,6 km do mesmo;
- TRECHO 10 - [Carguatatiba@Caipiranga](#), onde o '[Carguatatiba](#)' está na cabeceira da pequena bacia do '[Paripoera](#)', a pouco mais de 9 km do litoral, e o rio que interpretei como '[Caipiranga](#)' afasta-se mais de 22 km do mesmo. O posicionamento do '[Caipiranga](#)' leva em conta que esse riacho é afluente [m.d.](#) do '[Ietitĩba](#)', com foz a montante do engenho '[S. Chriŕtoul](#)', o qual, por sua vez, já está afastado 14,7 km do litoral;

O segmento norte, constituído pelos trechos 10 a 21, comparativamente tem boa consistência nos rumos, mas as extensões apresentam relativamente altas distorções nos trechos 12 a 17, entre o [Ietitĩba](#) e o [Iunuçu](#).

A observação do trecho intermediário (Trechos 3 a 9, entre o '[Paratijĩ guaçu](#)', e o '[Carguatatiba](#)', na bacia do '[Paripoera](#)', mostra que a interpretação desse trecho se conforma bem com o que foi dito do caminho do interior percorrido por D. Luiz de Roxas y Borgia e Giovanni Vincenzo di San Felice, o Conde de Banholo, pois há informação segura de que tenham passado pelo engenho '[S. Chriŕtoul](#)', e dali prosseguido pelo caminho desenhado no [BQPPB](#), percorrendo os vales do rio '[Guaratingapri ou R. Caŕtanha](#)' e do '[Guaraĩguaçu ou R. đ S. Ant. Grande](#)', e subindo pela [m.d.](#) desse rio até o engenho '[N S dapenha đ França](#)'.

A Figura 6 mostra, destacadas na cor rosa, estradas hoje existentes no presumível trecho entre o engenho '[S. Chriŕtoul](#)' e o '[Carguatatiba](#)' na cabeceira do '[Paripoera](#)', trecho este que não foi desenhado no [BQPPB](#) nem no mapa ([IAHGP-Vingboons, 1640](#)) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE (parte meridional de Pernambuco). Esse caminho destacado em rosa, possivelmente foi trilhado pelas tropas de D. Luiz de Roxas y Borgia no avanço para Porto Calvo e Giovanni Vincenzo di San Felice, o Conde de Banholo, na retirada, demonstrando compatibilidade com o georreferenciamento feito para o segmento sul d'[O CAMINHO DO CONDE](#)'.

Resta-me, finalmente, destacar que neste trabalho adotei as melhores alternativas e hipóteses que pude nas circunstâncias, e, assim, este trabalho não tem a pretensão de estar perfeito, e tenho consciência de que este pode ser aperfeiçoado com novas informações e abordagens sobre esse assunto. Da minha parte, tenho a intenção de mantê-lo atualizado e harmonizado com as eventuais correções e melhorias no georreferenciamento do [BQPPB](#) nessa área.



Figura 6 - Estradas hoje existentes (destacadas na cor rosa) entre o rio 'Carguatatiba' e o engenho 'S. Chri|toul' no vale do rio 'letitiba' (Rio Jetituba).
 O CAMINHO DO CONDE: notas e comentários do georreferenciamento no Google Earth.

VII - NOTAS.

- (1) O arquivo com o georreferenciamento do mapa ['BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS'](#) de Georg Marcgrave para o software Google Earth* (extensão .kml) está disponível no site do Laboratório Experimental de História Social - LEHS da Universidade de Brasília - UnB em [Arquivos para instalação da versão Google Earth](#) acesso em 17/01/2013.
(* Google Earth é um software da Google Inc. ("Google"), localizado em 1600 Amphitheatre Parkway, Mountain View, CA 94043, Estados Unidos.
- (2) Os outros dois caminhos com nomes no [BQPPB](#), também situados no Pernambuco Meridional, região sul do Pernambuco Holandês, atual território do Estado de Alagoas, são o ['O CAMINHO DE CAMARAÕ'](#) e o ['Gouverneurs pat'](#).
- (3) Conceito metodológico para o período 1635-1636 do Brasil Holandês do historiador Evaldo Cabral de Mello, em (Melo, 2010), Capítulo 5, pg. 125.
- (4) A tropa que defendia Pernambuco era constituída por homens de várias nacionalidades e etnias:
 - Brasileiros (brancos, mulatos, caboclos e outros);
 - Portugueses;
 - Europeus, a maioria espanhóis e italianos, e de outras nacionalidades, mercenários das tropas neerlandesas que mudaram de lado;
 - Índios, brasileiros ou tupis, e tapuias, e
 - Negros.As neerlandesas:
 - Cidadãos da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos;
 - Mercenários europeus, alemães, franceses, ingleses, nórdicos e outros;
 - Índios, brasileiros e tapuias;
 - Negros, e
 - Brasileiros (brancos e mestiços).Nesse período os comandantes em chefe que se opunham eram:
 - O espanhol D. Luiz de Roxas e Borja, pela Espanha e Portugal, e
 - O polonês Sigismund von Schkoppe (Segismundo Escup), da Silésia, nascido na cidade de Lublin, pela República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos.
- (5) O General espanhol D. Luiz de Roxas e Borja e reforços chegaram na ['Pta Jaragea'](#), a Ponta de Jaraguá, na atual cidade Maceió-AL, ao anoitecer de 28 de Novembro de 1635, e começaram a desembarcar em 30 de novembro, e se reuniram às forças comandadas pelo General napolitano Giovanni Vincenzo di San Felice, Conde de Banholo (Bagnuoli, Bagnuolo, ou Bagnolo), que, após serem expulsas de Porto Calvo, bateram em retirada e estavam acantonadas na região das Alagoas, centradas no presídio (quartel) depois ocupado e denominado ['Quartier'](#) pelos neerlandeses, cercanias da povoação de ['S. Luzia'](#), atual cidade de Santa Luzia-AL, às margens da ['Mondã ou Alagoa de Norte'](#).
Alguns detalhes de como as tropas do Conde de Banholo aguardaram os reforços nas Alagoas são rememorados em [\(Coelho, 1654\)](#), Ano 1635, 29 de julho, fol. 201b-202a, pg. 415-416:
"Os dois capitães, Paulo de Parada e Sebastião de Lucena, que tinham vindo de Lisboa, vieram encontrar no caminho o General, com as cartas e despachos. Acharam-no no rio de Santo Antônio Grande, a seis léguas de Alagoas. Chegando à do Norte em 29 de julho, onde estava o conde de Banholo e conferenciando com ele sobre o que se devia fazer a respeito das ordens do rei, resolveu-se que logo se fosse ocupar Alagoas do Sul, por ser naturalmente mais defensável; e com o que se fizesse se poderia bem defender. E também era coisa considerável estar no meio dos três portos: o de Jaraguá, o de Alagoas e o dos Franceses; que muito convinha conservar para o recolhimento e desembarque de nossas armadas. ... Entrou o General na povoação de Alagoas do Sul a dois de agosto; e o conde de Banholo ficou ainda na do Norte, cinco ou seis dias. Tratou-se logo de fortificá-la, como pôde ser e não como era necessário; porque para isto faltava material e gente."
- (6) Povoação assinalada no mapa [BQPPB](#) e PE-M com o topônimo ['N S đ Preflentaçon ou Poũ đ 4 enos ou do Pto. Caluo'](#), e no [MBU](#) como 'Fort Pº Calvo', atual cidade de Porto Calvo-AL.

- (7) Crestofle d'Artischau Arciszewski (ou Krzysztof Arciszewski), oficial militar muito capaz, que serviu à República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, nasceu em Rogalin, Polônia, em 1592.
- (8) Local na barra do rio assinalado nos mapas [BQPPB](#) e PE-M como '[R Paripoera](#)', 'Paripoera' e '[Paripoera](#)', próximo à igreja '[S. Gonçalo](#)', barra marcada com símbolo de porto, hoje cidade de Paripueira-AL. Os neerlandeses construíram um fortim na margem norte da barra nessa época.
- (9) [\(Coelho, 1654\)](#):
 @Ano 1635, ARGUMENTO, fol. 170b-171a, pg. 353-354:
 "Começa a fortificar Alagoas do Sul e a enviar algumas tropas para o campo, com avisos importantes; e por novo caminho aberto, por ter-nos vedado o da praia, com a ocupação da Peripueira."
 @Ano 1635, agosto, fol. 202a-202b, pg. 416-417, cita um possível local da bifurcação d'[O CAMINHO DO CONDE](#)' do caminho pelo litoral, no local então conhecido como Poço:
 "Entrou o General na povoação de Alagoas do Sul a dois de agosto; e o conde de Banholo ficou ainda na do Norte, cinco ou seis dias. Tratou-se logo de fortificá-la, como pôde ser e não como era necessário; porque para isto faltava material e gente. Na paragem que chamam do Poço, seis léguas a norte, e que tomava os dois caminhos, o da praia e o do interior, se pôs um corpo de guarda, fazendo-se uma trincheira, em que entrava a cada semana uma companhia e alguns índios.
 Em quinze do mesmo agosto, veio o inimigo com seu coronel Cristóvão Arquichofle com dois mil soldados, para ocupar a Peripueira, a oito léguas de Alagoas, e duas da mesma paragem do Poço. Em uma eminência sobre a praia, junto à ermida de S. Gonçalo, que era dos religiosos do Carmo, fizeram um reduto; e outro abaixo, na praia, para estorvar-nos a comunicação com o campo e com os moradores que não puderam retirar-se, e nos quais o General confiava e tinha inteligências para saber os desígnios do inimigo, coisa em que sempre pôs particular cuidado."
 @Ano 1635, 28 de agosto, fol. 203a, pg. 418:
 "Enviava algumas pessoas ao campo por caminhos que fez abrir de novo pelo interior; tendo o inimigo tomado o principal e ordinário. Por eles, muitas vezes, sabia seu intentos."
 @Ano 1635, últimos dias de dezembro, fol. 210b, pg. 433:
 "O mestre-de-campo-geral D. Luis de Roxas e Borjas começou a trabalhar com grandíssimo zelo e cuidado. Tratou de fortificar o quartel e a paragem em que o deixaram, para assegurá-la do inimigo, que tão perto tinha por terra, e, com suas doze naus, por mar. Ia enviando a artilharia, munições e o demais para a povoação de Alagoas do Norte, onde queria deixar tudo; para ficar mais desembaraçado e poder marchar pelo campo, por onde mandou abrir um novo caminho; e enviou na frente o alferes Sebastião de Soto com vinte homens, para poder ter as notícias que lhe eram necessárias; ainda que logo teve algumas por uns do inimigo que vieram render-se."
 @Ano 1636, janeiro, fol. 213b, pg. 439, relatando fatos ocorridos no dia 6:
 "Com isto, começou a marchar o Mestre-de-Campo-Geral pelo caminho que mandara abrir, que foi tão trabalhoso, pelos pântanos e outeiros, que houve dia em que se passaram 66, sendo alguns tão altos e difíceis que alguns cavalos ficaram ao pé deles, por não poder passar adiante.
 No outro dia, sete, ...".
 @Ano 1636, março, fol. 222a-222b, pg. 456-457:
 "Na povoação de Alagoas do Norte começou o Conde a fazer um forte em que se pusessem as peças de artilharia que se pudessem recolher, e as munições, e tudo o que havia; para que ficasse com a segurança que convinha.
 Cada dia molestava mais a falta de farinha, por ser o principal e ordinário sustento; e se não chegassem da Bahia alguns barcos (que lá se mandou comprar com o que levavam as armadas para o socorro de Pernambuco), mal se poderia passar. E era muito o que passavam mal os moradores por esta falta. Por tudo tornou Duarte de Albuquerque a convencer o Conde a ir a Porto Calvo, oferecendo-se a acompanhá-lo, servindo-o com uma lança, como o fez.
 Partiu o Conde, em 15 de março, para lá, por outro novo caminho que se mandou abrir, por ser intolerável aquele por onde havia ido D. Luis de Roxas."
- (10) [\(Laet, 1644\)](#), Décimo Terceiro Livro - 1636, pg. 898, citando o depoimento do nobre napolitano, chamado Heitor de la Calce, em 21 de janeiro de 1636, que caiu prisioneiro dos neerlandeses na Batalha de '[Mato redondo](#)' (Mata Redonda), ocorrida três dias antes:
 "Declarou que da Ponta de Jaraguá marcharam primeiro quatro ou cinco léguas, e que depois volveram à esquerda para o mato e assim, com grande trabalho, alcançaram o Engenho Novo de Rodrigo de Barros, depois de atravessar o engenho da Cristóvão Dias, e que era um mau caminho e impossível de se levar por ele artilharia; comparou essa jornada à expedição de Aníbal através dos Alpes, dizendo que num dia caminharam por 36 colinas íngremes."

- (11) Vide as citações no topônimo (verbetes) '[S. Christoual](#)'.
- (12) Segundo ([Barléu, 1647](#)), pg. 167, essa campanha de 1640 tinha os seguintes comandantes hispano-luso-brasileiros:
"Comandantes da armada espanhola.
 Nas listas encontradas figuravam os seguintes comandantes e militares: D Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, capitão-general de terra e mar, João de la Vega, almirante de Castela, que comandava 16 galeões, fora as naus sujeitas à jurisdição do rei (248); Rodrigo Lobo, almirante de Portugal, tendo às ordens 10 galeões, exceto os vasos diretamente subordinados ao mando real; o Conde Bagnuolo, mestre de campo general; Francisco de Moura, coronel de cavalaria; Antônio Rodrigo, tenente-coronel de cavalaria; Nuno de Melo, Tiago Pires de Lucena, Francisco Pezaram de Castro, comandantes dos esquadrões; Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos, general de artilharia; Paulo Nuno, tenente-general de artilharia. Davam ainda as listas os nomes dos seguintes coronéis: Urbano de Unada, que comandava 1.000 soldados; Fernando da Silveira, 1.100; Luiz Barbalho, 1.500; Manuel Mascarenhas, 800; Fernando de Laduenga, 500; Heitor de la Calce, 160. Eram os seguintes os tenentes-coronéis: Alonso Ximenes, Pedro Corço de Somona e Martinho Ferreira. Eram estes os sargentos-mores: Antônio de Freitas, Francisco Duarte, Paulo Bagnuolo, João de Araujo, Pedro Martins e Paulo de Parada.
 Contavam-se 900 soldados naturais do país, 600 índios às ordens de Camarão e 400 negros capitaneados por Henrique Dias. Tinham-se, além disso, nas naus, 2.000 homens de reserva, não incluindo os que, por amor do rei, tomavam armas sem receber soldo, como o Conde de Castelo Melhor".
 Cláudio Brandão, Notas do Tradutor em ([Barléu, 1647](#)), pg. 388-389:
 «(248) *praeter eas, quae Regis rigidiorie jussu militabant*" (p. 160). Na tradução de T. Silberling "... ohne die jenigen welche der könig selbst hatte pressen lassen" (p. 458).».
- (13) ([Laet, 1644](#)), Décimo Terceiro Livro - 1636, pg. 894:
 "Era um homem de alta linhagem, pois pelo lado paterno da família do Duque de Lerma, tinha o apelido de Rojas, e pelo materno, Borgia; acrescentava o título de Duque de Ganja, tinha 48 anos de idade e servira muito tempo o rei, em Flandres, como capitão, sendo nomeado mestre-de-campo quando tomaram a Ilha de S. Martinho e viera agora como general."
- (14) O Conde de Banholo recuou:
 ▫ De Porto Calvo para as Alagoas, duas vezes, em 1635 e em 1637;
 ▫ De Alagoas para '[Sirigi del Rey](#)' (cidade de São Cristóvão), de 10 a 31 de março de 1637;
 ▫ De '[Sirigi del Rey](#)' para '[Toro do Gracia dauí](#)' (Torre de Garcia d'Ávila, na Capitania da Bahia), de 14 a 29 de novembro em 1637.
 Alguns comentários sobre sua atuação em fevereiro de 1637, em Porto Calvo:
 ► ([Calado, 1648](#)), Livro primeiro, Capítulo III, pg. 83:
 "Ficou o inimigo da outra parte do Rio Comendaituba, e a nossa gente da parte da povoação; e em se cerrando a noite, o Conde de Banholo se saiu do reduto aonde estava, e por o caminho secreto, e ponte que tinha preparado, passou o Rio Manguaba, que cerca por um lado a povoação, e achando ali os cavalos que tinha mandado pôr naquela paragem, se partiu para Camaragibe, e dali para a Alagoa, e para que a soldadesca se fosse após ele, mandou deitar do reduto abaixo uma caixa, a qual veio rodando por o outeiro, e fazendo estrondo como que a tocavam; e os Capitães imaginando que o inimigo vinha por aquela parte, se puseram em ala, e mandando saber o que era, e achando a verdade, e como o Conde de Banholo ia já caminhando, e levava consigo a Duarte de Albuquerque, e uma tropa de soldados, logo todos desampararam a povoação, e se puseram a caminho em seu seguimento, e tanto temor levava o Conde, que indo caminhando por a mata que estava entre a povoação, e Camaragibe, levava velas acesas por ver por onde ia, e se afastar dos grandes atoleiros, e ia dizendo: Passe-se palavra que ninguém fale. (O que ouvido por um magote de mulheres, que se iam retirando, e estavam junto ao caminho esperando que amanhecesse, para verem o caminho por onde iam) lhe começaram a dizer muitas injúrias, chamando-lhe infame, covarde, traidor, aleivoso, fementido, e outras afrontas semelhantes a estas, ao que ele não respondeu coisa alguma, senão: Marcha, marcha!"
 ► ([Coelho, 1654](#)), Ano 1637, comentando as ações do Conde de Banholo:
 @fol. 239b-240a, janeiro:
 "Passou-se o Conde ao outeiro de Amador Álvares com a outra gente, para ver de lá o que poderia fazer. Com esta mudança, ocasionou-se outra, não só de mau presságio, mas ainda de pior consequência; e foi que a roupa de muitos que não eram mosqueteiros, ia-se tirando da vila para Alagoas, com o que os soldados se desanimaram, entendendo, por esta tão vil ação em tal momento, que se cuidava mais da retirada que de esperar o inimigo, do qual falaremos agora um pouco."
 @fol. 242a-242b, pg. 496-497, 18 de fevereiro:

"O conde de Banholo, não ignorando o que desta derrota podia se seguir, com a confusão presente tratou do que pôde; mas como já não era a tempo de poder executar a não ser o que ele dava de si, considerando com madureza, e achando-se com menos gente (porque muita, depois da ocasião, não veio ao reduto em que ele estava, e foi para Alagoas, onde lhes parecia que todos iriam parar), retirou-se com a que tinha, e que pôde juntar, para Alagoas, na mesma noite de 18. Ainda chegariam a 800 homens o que juntou, e deixou-os com o tenente Alonso Ximenes, para que, pelo caminho da praia, mais fácil para os carros, fosse dando guarda aos moradores que se fossem retirando; e o fez a maior parte dos moradores daquela paróquia, com os outros que tinham vindo do campo. O de Banholo seguiu com poucos pelo caminho que fizera abrir e por onde tinha vindo. Enquanto caminha, voltaremos a dizer o que fez o conde de Nassau."

► ([Pudsey, circa 1670](#)), Fólio 26r, pg. 115, comentando os eventos da tomada de Porto Calvo em 1637:

"O velho governador colocou um regimento de mosqueteiros e marinheiros no mesmo instante em serviço³³⁵ e marchou em direção a um outro passo, para ganhar o rio para que chegassem nossos barcos. Ao perceber isto, o Conde de Bagnoli pouco esperou para partir, para que não o sitiássemos, estando seus homens desencorajados com essa derrota. Ele marchou no mesmo dia para Camaragibe com seu exército, deixando o forte sob o comando de um capitão castelhano,³³⁶ tendo nele 4 companhias de infantaria, vinte peças de artilharia de bronze, 4 morteiros sem nenhuma falta de munição."

► ([Papavero & Teixeira, 2000](#)), NOTAS à TRADUÇÃO:

@pg. 181:

«335 - "The old Goovernour tooke a Regiment of musketears and the sea men at the same instant of s'vyce", no original. Mantivemos uma tradução a mais literal possível dessa passagem um tanto confusa, em que Pudsey parece afirmar que o antigo governador, Sigemundt van der Schkoppe, teria marchado incontinenti com uma tropa de marinheiros e mosqueteiros para garantir o acesso dos barcos holandeses pelo rio Comandatuba. Vide nota 330.

336 - "Leavinge the woorke to be comanded by a Castelianer Captaine", no original. Provável referência ao comandante de artilharia Miguel Gilberton. Vide nota 330.»

@pg. 180:

«330 - A julgar pelos comentários de Southey (1810-19) e Varnhagen (1871), os reforços obtidos por Nassau totalizavam 12 navios e 2700 homens logo integrados aos efetivos disponíveis. Pouco tempo depois de assumir o governo, o novo comandante logrou organizar uma poderosa força de ataque composta por 3000 soldados e 800 marinheiros armados, além de 600 índios e negros. Sob as ordens de Nassau e capitaneados por Sigemundt van der Schkoppe, uma parte desse contingente marchou por terra até a foz do rio Una, enquanto Jacob Arciszewski trazia outros por mar até Barra Grande. Unidas as duas colunas no dia 17 de fevereiro de 1637, o exército seguiu para Porto Calvo, onde Bagnoli havia se entrincheirado com tropas muitíssimo menos numerosas. Ao saber que seu imediato Almiron fracassara em deter os holandeses às margens do rio Comandatuba, Bagnoli fugiu para as Alagoas abandonando seus camaradas de armas, que ainda resistiram vários dias em uma das fortalezas de Porto Calvo sob as ordens do comandante de artilharia Miguel Gilberton. Sem poder fazer frente a um inimigo muito superior, os defensores terminaram por capitular no dia 5 de março, sendo todos transportados para a ilha Terceira do arquipélago dos Açores. Com essa rendição, os holandeses obtiveram 22 canhões de bronze e outros tantos de ferro, quatro grandes morteiros, muita munição e nada menos que 500 toneladas de pólvora, pois Bagnoli havia reunido em Porto Calvo todo o seu paiol.»

- (15) ([Barléu, 1647](#)), pg. 43, informa que o Conde de Nassau se deslocou pelo mar da '[Baya grande ou Pto. de Calvo](#)' (Barra Grande) à '[Pta Jaragea](#)' (Ponta de Jaraguá), nas Alagoas, na campanha de 1637:

"SCHKOPPE parte para as Alagoas.

Providenciadas as cousas necessárias à fortificação e resistência dos baluartes, foi Schkoppe enviado para as Alagoas, com forças e cavalaria, em busca dos remanescentes do exército adverso. O Conde Maurício, para aliviar os soldados fatigados da marcha, embarcando-os na Barra Grande (é uma enseada espaçosa, comportando mais de vinte naus, vizinha de Porto Calvo), saltou em terra junto à ponta de Jaraguá (58), não longe das Alagoas, e perseguiu o inimigo até o rio de São Francisco."

Cláudio Brandão, NOTAS DO TRADUTOR, pg. 373-374, in ([Barléu, 1647](#)):

«(58) "... consensis in Barragrandi ... navibus, ad promontorium SERGOOE appulit" (p. 42). É erro do autor ou do tipógrafo que L'Honorè Naber repetiu: — "... bij Kaap SERGOA, niet ver van de Alagoas geland ..." (p. 51). É JARAGUÁ, que nos cronistas e autores holandeses da época ocorre sob a forma JARAGOA, v. gr. em Marcgrav, Hist. Rer. Nat Bras., liv VIII, c. I.»

- (16) ([Câmara Cascudo, 1956](#)), pg. 165 e pg. 171.

- (17) A região do ['Nhuanhû'](#), os afamados e fertilíssimos Campos do Inhauns, na cabeceira do ['Çenembĩ ou R. de S. Miguel'](#)
- (18) (Rio São Miguel), no atual município de Anadia-AL, é uma região mais adequada para colonização e celeiro de grãos e criação de gado do que a região d'['O CAMINHO DO CONDE'](#), mas temos que ponderar no sentido de que não foi essa a região visitada por Nassau e Pedro von Hagen em 1642 pelos seguintes indícios:

- O caminho que passa pelo ['Nhuanhû'](#) é assinalado no [BQPPB](#) como ['O CAMINHO DO CAMARAÕ'](#);
- Johannes Van Walbeek e Hendrick de Moucheron só visitaram, ou deram notícia segura dessa região, e a enalteceraam como região de criação de gado, quando inspecionaram Alagoas em outubro 1643:

▶ [\(Walbeek & Moucheron, 1643\)](#):

@ pg. 130-131:

"No distrito das Alagoas se compreendem de ordinário os Campos de Unhaú, situados no rio de São Miguel, que passa de permeio. São conhecidos esses campos como os mais belos pastos de todo o Brasil. Antes da guerra existia ali uma incrível cópia de gado, e de presente não só se acham desabitados pelo homem, como quase não têm gado, não tanto em consequência das incursões que por ali houve (com o que se destruiu uma grande parte dele), quanto por causa dos tigres que nessa região aumentaram, e especialmente por causa dos morcegos; visto como estes caem sobre os animais e lhes furam o couro com os seus dentes agudos, as moscas pousam imediatamente para sorver o sangue e os bichos ou vermes aparecem nas feridas, o que faz morrer o gado. Esta é a razão porque o gado, em vez de aumentar por si mesmo, está destruído e aniquilado. Mas, em sendo os campos habitados e o gado convenientemente tratado, o mal a que agora está sujeito pode ser prevenido com facilidade.

O caminho ordinário do engenho São Miguel ou da aldeia situada defronte para os Campos de Unhaú segue ao sudoeste e ao longo do rio primeiramente, durante duas léguas de boas terras de pasto, até Furado, ribeiro que sai no São Miguel, e depois por três léguas de campina seca ou charneca até o passo do rio, onde começam os Campos de Unhaú.

...

Os Campos de Unhaú pertenceram às pessoas seguintes: a primeira meia légua [a contar] do dito passo a Gonçalo Ferreira, ausente; depois uma légua a Manuel de Caldas, que mora na ilha da Misericórdia; duas léguas de terras, uma do lado do norte e outra do lado do sul do rio São Miguel a Manuel Pinto Pereira, que reside em Serinhaém, mas vai morar nas Alagoas; duas léguas situadas junto ao rio a Gonçalo da Rocha Barbosa, ausente; duas léguas situadas do mesmo modo, aos filhos de Brásio Correia Dantas, que ficaram residindo nesta conquista; meia légua a Bastião Ferreira, que reside na lagoa do Sul; meia légua a Matias Correia de Brito, que também ficou; meia légua a Belquior Pinto, que reside em Serinhaém; finalmente três léguas a Belquior Alvares, e estas são as últimas que se descobriram nestas regiões. Todas essas terras [a contar] do passo do rio são as melhores e mais belas pastagens do Brasil, e, como dissemos, estão presentemente desertas."

- Essa região está relativamente próxima dos Palmares Grandes, pois o caminho que vai das Alagoas para esses Palmares passa por ela:

▶ [\(Margrave, 1648\)](#), pg. 261, informa que o caminho mais fácil para o quilombo grande de Palmares passa pelos campos de "Nhunahu" (sic):

"E há aqui dois distritos (na verdade na Prefeitura de Pernambuco) que os Lusitanos chamam Palmeiras por causa da abundância daquelas árvores que aí nascem, nos quais os Negros fugitivos se refugiaram;

...

A maior Palmaria fica vinte ou trinta milhas atrás da aldeia de S. Amaro, perto do Monte que e chamado Behe. Acredita-se ser cerca de cinco milhares de negros ...

O caminho mais fácil para eles é por S. Amaro do lado de Alagoas e daí pelos campos de Nhunahu e Cororipe, até que apareça o cume do monte Wairakaco, onde se encontra o rio Paraíba que deve ser descido até que se atinja o chamado monte «Behe», e daí para curvar até os vales."

▶ [\(Nieuhof, 1682\)](#), informa que o caminho mais curto para o quilombo grande de Palmares cruza os campos de "Nhumahu" (sic):

@ pg. 39:

"Na Capitania de Pernambuco há duas florestas, a que os portugueses chamam Palmares tanto a maior como a menor."

@ pg. 40:

"Os Palmares grandes encontram-se entre 20 e 30 milhas para além da aldeia de Santo Amaro, junto à montanha de Behe (37) e está cercada por uma dupla estacada. Conta-se que cerca de 5.000 negros (38) habitam os vales contíguos às montanhas, além de outros muitos que vivem em grupos menores de 50

ou 100, por outros lugares. Suas habitações se acham dispersas. Fazem sementeiras e colheitas entre as matas e possuem certas cavernas onde podem se refugiar em caso de necessidade.

...

O caminho mais curto para os seus domínios vai de Alagoas através de Santo Amaro, cruzando as planícies de Nhumahu e Cororipe, rumo à encosta da montanha de Warracaco, até que atinge o rio Paraíba, que se tem de transpor para alcançar o monte Behe, de onde se vai diretamente aos vales."

(19) ([Câmara Cascudo, 1956](#)), pg. 170.

(20) Os erros de desenho (posição relativa) de rios percebidos até agora no [BQPPB](#), além do tratado neste documento (nome do [Tunuçu](#) trocado com o [Guaraíguaçu](#), no alto curso deste último, onde o trecho desse rio está denominado [Guaraiguaça](#)) foram:

- O [Tambáarĩrĩy](#), [Capiĩnaguaba](#) e o [Tuĩnandĩba](#), rios na [COPAĨBA](#) (região nas faldas e na Chapada da Borborema) desenhados como afluentes do [Camaratĩba](#) (Rio Camaratuba), na Paraíba;
- O [Nhĩacóca](#) (Rio Boa Água) com foz a montante da foz do [Poĩmimbaba](#) (Rio Mumbaba), ambos afluentes do [Guaramama](#) (Rio Gramame), na Paraíba;
- O [Itĩnga](#) desenhado como um só rio afluente [m.e.](#) do [Çobauna](#) (Rio Sumaúma Grande ou Varrela), quando na realidade são dois rios distintos, o Rio da Estiva e o Rio Sumaúma Mirim, ainda que ambos sejam afluentes [m.e.](#) do [Çobauna](#) (Rio Sumaúma Grande ou Varrela).

(21) Precisão geométrica (geometrical accuracy) é um parâmetro comparativo entre a posição desenhada num mapa geográfico em relação a pontos de controle. O mapa [BQPPB](#) (e seus derivados) está desenhado em 2D (exceto onde há a única indicação de profundidade no oceano, a qual é tecnicamente uma indicação 3D), assim a precisão geométrica pode ser resumida num vetor que indica a diferença relativa de rumo e distância num setor do mapa quando comparado com pontos de controle, ou seja, pontos cuja localização seja conhecida com melhor precisão, geralmente obtidos em um mapa moderno que sirva de referência.

Há ferramentas (programas de análise de precisão) para avaliar a precisão geométrica de mapas históricos disponíveis sem custo na web, por exemplo, o *MapAnalyst*, que pode ser obtido em <http://mapanalyst.org/download.html> acesso em 20/12/2012.

Vide as Figuras 7 e 8 abaixo.

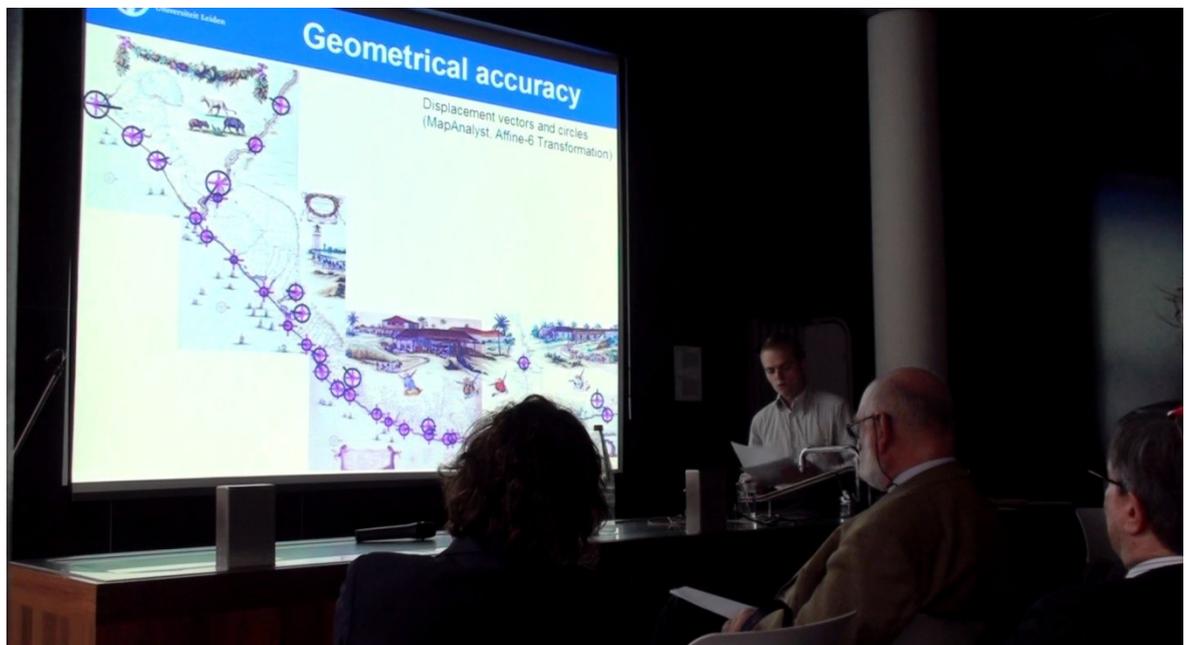


Figura 7 - Demonstração da precisão geométrica dos mapas das Capitânicas (baseados no [BQPPB](#)) - vetores de deslocamento da posição de entes em relação ao mapa de referência obtidos pelo software MapAnalyst - apresentada pelo prof. Martijn Storms, Curador de Mapas e Atlas da Biblioteca da Universiteit Leiden, no Symposium 'Georg Marcgraf in Dutch Brazil', 23/09/2010, Leiden, Holanda. Imagem de Levy Pereira.

(24) Jose Antonio Gonsalves de Mello — ([Gonsalves de Mello, 1985](#)) — comentando o relatório de Johannes van Walbeek e Hendrick de Moucheron — ([Walbeek & Moucheron, 1643](#)) — sobre a situação das Alagoas em outubro de 1643, foca aspectos interessantes a respeito do mapeamento e das condicionantes políticas visando a colonização da região. Destaco:

- Havia divergência entre a posição do Conde e a do Conselho dos XIX sobre quem seriam os repovoadores — ([Gonsalves de Mello, 1985](#)), pg. 113-114:

«Em 26 de março de 1642, lê-se na ata do Alto Conselho, "por insistência de diversos moradores desta conquista, que se manifestavam em favor de se repovoar as Alagoas", resolveram o Conde e o dito Conselho publicar um edital nestes termos:

"Os moradores das Alagoas e outros súditos nossos nos expuseram por escrito como estão dispostos a tornar a cultivar a terra e povoá-las, se concordássemos e lhes concedéssemos certas condições que eles nos apresentaram. Assim, tendo examinado as ditas condições e considerando quão importante é, para todo este Estado, que aquelas terras sejam novamente beneficiadas como dantes e querendo para esse fim favorecer tanto as pessoas que lá se encontram quanto as que ali vierem a se fixar, resolvemos conceder-lhes os artigos seguintes:

..."

O Conde e o Conselho afirmavam que seria preferível que aquelas terras das Alagoas fossem ocupadas por neerlandeses e seus aliados, mas isso não parecia fácil, em especial por povoadores com capitais para introdução de gado, que tanta falta fazia ao abastecimento do Brasil (3).

Entretanto, o Conselho dos XIX pôs um ponto final nesse retorno dos emigrados, ao decidir que "a resolução de Vossas Nobrezas, na questão do povoamento das Alagoas, deve ser afastada em relação aos portugueses ou antigos moradores, pois que aquelas terras tão férteis deverão ser ocupadas e cultivadas apenas pela nossa nação, de modo a fundar ali uma colônia que se assemelhe aos usos civis e eclesiásticos da nossa pátria". A idéia do Conselho era de que não apenas neerlandeses povoassem as Alagoas, mas que também escoceses, valões, franceses, etc., ali se estabelecessem, arrendando ou comprando terras e gozando da isenção do dízimo por sete anos se fossem casados e, depois, por cada filho mais um ano (4).».

- A divergência acima apontada poderia ser o motivo para se prospectar as condições de uma região desabitada, o que poderia prover alguma flexibilidade na contemporização dos interesses dos moradores ou dos que pretendiam retornar para as Alagoas, e o parecer do Conselho dos XIX, de que "terras tão férteis deverão ser ocupadas e cultivadas apenas pela nossa nação, de modo a fundar ali uma colônia que se assemelhe aos usos civis e eclesiásticos da nossa pátria".
- Há uma "carta perfeita" da região das Alagoas, outro resultado dessas inspeções, cuja possível autoria foi atribuída a Walbeek — ([Gonsalves de Mello, 1985](#)), pg. 117-118:

«Esta a situação da questão quando da viagem de estudo de Moucheron às Alagoas; não está indicado por que motivo foi designado para a missão, juntamente com aquele, o Assessor do Alto e Secreto Conselho, Johannes van Walbeek. Talvez para que, a uma pessoa de confiança do Conde, fosse juntada uma outra que representasse o pensamento daquele Conselho; ou porque, tendo ele conhecimento de topografia, pudesse levantar o mapa que o Conselho dos XIX solicitava (7).

O Relatório foi entregue ao Alto Conselho no Recife em 26 de novembro de 1643; decidida a missão de Moucheron em fins de agosto, tiveram os dois autores pouco menos de três meses para a viagem e redação do texto. Outro resultado do trabalho foi levado ao Conselho dos XIX em mão, pelo próprio Conde; uma "carta perfeita" das Alagoas, conforme noticia a generale missive datada do Recife em 10 de maio de 1644, anexa à qual foi remetida cópia deste Relatório (8). ».

([Gonsalves de Mello, 1985](#)), pg 121:

"(7) ARA, OWIC 59, generale missive do Recife 2 de abril de 1643. O Relatório refere-se a um mapa: vide nota (9).

(8) ARA, OWIC 59, **generale missive** da data citada, por cujo motivo este Relatório se conserva entre papéis de 1644. A "carta perfeita" não teria sido levantada por Jorge Marcgrave, pois este teria partido para Angola em meados de agosto de 1643; infelizmente o paradeiro dela é desconhecido.

(9) ARA, OWIC 55, carta de J. van Walbeek ao Conselho dos XIX, Recife 7 de maio de 1640. Parece que a Sra. Elisabeth van Walbeek, que está mencionada como testemunha em inúmeros batizados realizados na Religião Reformada no Recife nos anos de 1641-46, era sua mulher: C. J. Wasch, "Een doopregister der Hollanders in Brazilie", *Algemeen Nederlandsch Familieblad* n^os 5 e 6 (Amsterdam 1888-89). Há em nome de Walbeek um processo criminal na Coleção de Papéis Criminais do Foro da Província da Holanda, no ARA, 1649 n^o 15, relativo ao período de seu serviço no Brasil como Assessor do Alto e Secreto Conselho."

- Esta "carta perfeita" foi elaborada após a viagem de Johannes van Walbeek e Hendrick de Moucheron, quando inspecionaram a região das Alagoas, no entorno das ['Mondaí ou Alagoa de Norte'](#) e ['Paraígera ou Algoa de Sal'](#) e a do ['Nhuanhû'](#), já colonizadas, e a viagem do Conde Maurício. Ou seja, levantada em campo entre outubro de 1643 e a data do retorno da viagem do Conde às Alagoas, data ainda não esclarecida. E

desenhada sem a contribuição de Georg Marcgrave, na repartição de hidrografia do Recife, sob a orientação do Almirante Johannes van Walbeeck, que acumulava esse cargo com o de Assessor do Conselho Político, conforme observado por Gonsalves de Mello.

- Há forte possibilidade dessa "carta perfeita", ainda não localizada, estar incorporada no mapa geral [BQPPB](#), e no mapa [PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS \(PE-M\)](#), no desenho das regiões visitadas por Walbeeck e Moucheron, assim como no da região d'[O CAMINHO DO CONDE](#), possivelmente percorrida pelo Conde Maurício e seu séquito durante a sua visita de inspeção às Alagoas.



Figura 9 - Título do mapa geral (wanderkaart – mapa de parede) [BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS \(BQPPB\)](#).

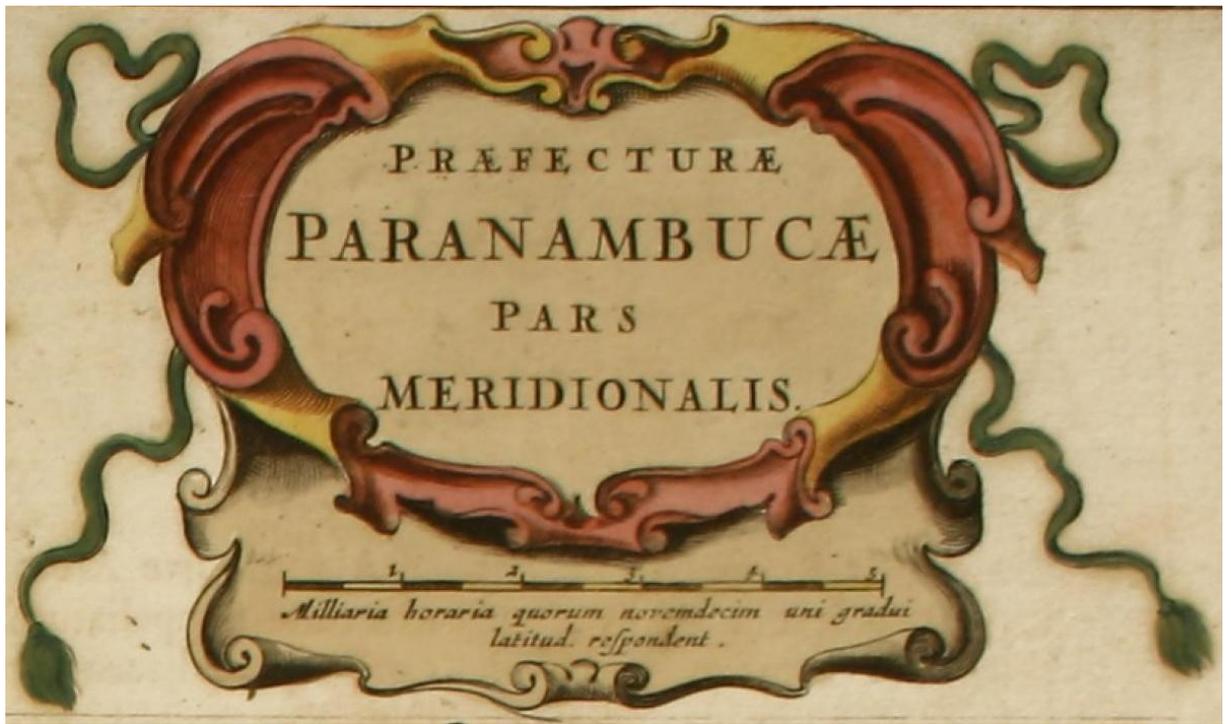


Figura 10 -Título e escala do mapa [PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS \(PE-M\)](#).

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Aramarijĩ	<p>Aramarijĩ Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Riacho afluente m.e. do 'Guaratingapri ou R. Caſtanha' / 'Guiratingapri' (Rio Pindoba, no baixo curso; Riacho Barreiro ou Grotta Grande no alto curso). Nomes históricos: Aramarijĩ; Aramariji. Nome atual: ... Citação: ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Pela direita vem o Ietitiba, cujo subafluente, nos limites do mapa onde corre uma serrania, é o Caipiranga, paralelo à costa; o Guiratingapri ou Rio Castanha, também com as águas do Aramariji."</p>
Barraca de Conde	<p>Barraca de Conde Natureza: sem símbolo Casa? Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Assinalado somente com o nome, sem símbolo, possivelmente um rancho ou local de acampamento, no 'CAMINHO DE CONDE', entre os rios 'Guairai miri' (Rio Meirim) e o rio sem nome (possivelmente o atual Rio do Estado), afluente m.d. do 'Cabuçu' (Rio Suaçuí). Nome histórico: Barraca de Conde. Nome atual: ... Citações: ► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "O Guaraimiri ou rio de SantAntônio Pequeno termina num topônimo alusivo às guerras: — barraca do Conde, início de uma zona denominada caminho do Conde e que se referirá a Nassau." @ 170: "O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
Çabuçu	<p>Çabuçu Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio afluente m.d. do 'Paripoera' (Rio Paraguai - Rio Suaçuí). Nomes históricos: Çabuçu; Cabuçu. Nome atual: Rio Suaçuí. Nota: Atualmente a denominação Suaçuí aplica-se ao curso do rio até a barra no Oceano, ou seja, é o rio principal. No BQPPB, o 'Çabuçu' (Rio Suaçuí) é considerado afluente do 'Paripoera', o qual, a montante da junção, é o atual Rio Paraguai. Citações: ► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "O rio Paripoera desagua com o Cabuçu, unidos antes da descarga. O Paripoera passa além dumas serras, Carguatatiba." @ pg. 171: "O "caminho do Conde" aludirá à marcha do conde João Maurício de Nassau, em 1637, perseguindo Giovanni Vincenzo San Felice, conde de Bagnuolo. É um caminho pelas abas das serras, mais de retirada do que de perseguição. Vemo-lo riscando os rios Cabuçu, Paripoera, Caipiranga, Ietitiba, Aramariji, Guaratingapri, baixando à direita da "Tapera de Angola", pelo amontoado de serras, indo passar o rio Tapamundé, acurvando-se para transpor o Iuniçu e findar no engenho de Nossa Senhora da Penha de França."</p>
Caipiranga	<p>Caipiranga Natureza: riacho Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Riacho afluente m.e. do 'Ietitiba' (Rio Jitituba) e cortado pelo 'CAMINHO DE CONDE'. Nome histórico: Caipiranga. Nome atual: possivelmente, Riacho Pedra Grande. Citação: ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Na pars borealis o primeiro rio é o Guaraiguaçu ou Sant'Antônio Grande, com dois afluentes pela esquerda, o Tagiba e o Água-Fria. Pela direita vem o Ietitiba, cujo subafluente, nos limites do mapa onde corre uma serra, é o Caipiranga, paralelo à costa; o Guiratingapri ou Rio Castanha, também com as águas do Aramariji."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
Carguatatiba	<p>Carguatatiba Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Riacho afluente m.e. do 'Paripoera' (Rio Suaçuí - Rio Paraguai,) e cortado pelo 'CAMINHO DE CONDE'. Nome histórico: Carguatatiba. Nome atual: ... Citação: ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165, interpreta esse topônimo como sendo o de uma serra: "O rio Paripoera desagua com o Cabuçú, unidos antes da descarga. O Paripoera passa além dumas serras, Carguatatiba."</p>
Guaraíguáçú ou R. d S. Ant. Grande	<p>Guaraíguãçú ou R. d S. Ant. Grande Natureza: rio, barra de rio, porto. Mapas: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ, e PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS. Capitania: PARANAMBVCA. Rio com barra no Oceano Atlântico, ao sul do 'Camurijí' (Rio Camaragibe - AL). 'R. S. Anthony' no MBU. Porto na barra. Nomes históricos: Guaraíguãçú; Guaraiguacú; Guaraiguacu; Guaraiguaça; R. d S. Ant. Grande; St Antony grandê; rio de Sant'Antônio Grande; Santo Antônio Grande; R. S. Anthony; Rio Santo Antônio; St Antony. Nome atual: médio e baixo cursos: Rio Santo Antonio Grande; alto curso: Rio ... Notas: Na sua foz fica a cidade de Barra de Santo Antônio-AL. Adoto a hipótese de que houve engano na elaboração do mapa BQPPB, trocando na escrita as posições do 'Guaraíguáça', alto curso do Rio de Santo Antônio Grande, com 'Iunuçú', seu afluente. Como suporte para essa hipótese, assume-se que 'Iunuçú', Unuçu, seja corruptela de "Uruçu" (ou vice-versa), pois esse afluente do Santo Antônio Grande, possivelmente, é o rio Uruçu (nome a se confirmar em levantamento em campo), pois há uma fazenda URUÇU (UNUÇU em outros mapas do IBGE mais antigos) na sua cabeceira - vide mapa IBGE Geocódigo 2703809 Joaquim Gomes-AL. Citações: ► Mapa PE (Albernaz, 1612), plotado, 'S: Antº.', ao sul do 'Camarágiba' (Rio Camaragibe - AL).</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'R. St Antony', ao sul do 'R°. Camarajiný' (Rio Camaragibe - AL).</p> <p>► Mapa Y-31 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio St. antonij Mimijn ende Cabo St. aúgústijn, plotado, 'St Antony grande:', ao sul do 'Kamaragýbý' (Rio Camaragibe - AL).</p> <p>► Mapa PE (Orazi, 1698) PROVINCIA DI PERNAMBUCO, plotado, 'Guaraiguacû', ao sul do 'Camuriji' (Rio Camaragibe - AL).</p> <p>► (Laet, 1637), "Descrição do Brasil desde o Recife de Pernambuco ao sul até o Rio São Miguel", pelo capitão Willem Jansz, pg. 172:</p> <p>"... De Camaragibe ao Rio Santo Antônio são três léguas desimpedidas. Santo Antônio é um rio limpo quando se está dentro nele, mas ao entrar não se lhe encontra a abertura. Está muito seco, de maneira que na maré baixa dificilmente entra nele uma chalupa. No entanto, muitos barcos grandes costumam chegar ali, descarregando na rada, e depois levantam-nos sem carga por meio de balsas colocadas por baixo para entrarem. Rio acima, os portugueses tiveram uma fortaleza provida de 6 peças, que foi tomada pelos nossos, com morte da guarnição, as peças levadas e o edifício destruído. Esta terra de Camaragibe a Santo Antônio é plana, sem colinas. A abertura do Rio Santo Antônio reconhece-se pelo morro redondo que deve permanecer a oeste, e logo se pode avançar para ele; mas em navios grandes com calado de 10 a 12 pés deve ter-se muito cuidado, porque mais de meia légua grande da costa há um recife subaquático.</p> <p>De Santo Antônio Grande a Santo Antônio Mirim são duas léguas. Sua entrada não é apta para qualquer tipo de barcos ou iates. De Santo Antônio Grande ao Rio da Alagoa são 2 léguas."</p> <p>► (Nassau-Siegen; Dussen; Keullen - 1638), pg. 78:</p> <p>"Tem, também, rios próprios para barcos e embarcações pequenas, como o das Jangadas, de Sirinhaém, Formoso, Una, Camaragibe, Santo Antônio Grande, as Alagoas, São Miguel e rio São Francisco, o qual, apesar de ser um grande rio, não tem barras ou portos capazes.</p> <p>Esses rios, por caudalosos que sejam no interior das terras, têm na entrada ou parcéis perigosos, que a fazem incômoda, ou bancos que, em razão da saída das águas e da forte arrebentação do mar, se têm formado diante da maior parte dos rios desta costa."</p> <p>► (Dussen, 1640), pg. 140:</p> <p>"RIOS DE PERNAMBUCO</p> <p>Além dos que já foram referidos acima, ainda há, na extensão do litoral de Pernambuco, muitos rios navegáveis em ambas as direções para barcos costeiros, a saber: rio das Jangadas a 4 milhas ao Sul do Recife, rio Sirinhaém, rio Formoso, rio Una, rio das Pedras ou Pôrto Calvo, Camaragibe, Santo Antônio Grande, onde podem entrar navios de porte médio, ..."</p> <p>► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Da 'A praia', onde há 'Um pequeno pasto em uma varzezinha.', até o 'Rio Guaraiguaçu ou rio de Sant'Antônio Grande', percorre-se em 1 3/4 h; - Do 'Rio Guaraiguaçu ou rio de Sant'Antônio Grande', que 'atravessa-se em canoa e também se pode vadear em maré baixa', até 'Rio Jaçapucaia', percorre-se em 1 1/2 h de viagem.

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
	<p>► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Na pars borealis o primeiro rio é o Guaraiguaçu ou Sant'Antônio Grande, com dois afluentes pela esquerda, o Tagiba e o Água-Fria. Pela direita vem o Ietitiba, cujo subafluente, nos limites do mapa onde corre uma serrania, é o Caipiranga, paralelo à costa; o Guiratingapri ou Rio Castanha, também com as águas do Aramariji. No Guiratingapri cai o Tapamondé e, entre ambos, sobem serras, ao pé das quais há uma indicação: — Iapera d'Angola. Será o quilombo velho que Roulox Baro em 1644, e Johan Blaer e Jurgens Reijmbach, no ano seguinte, tentaram destruir inutilmente? Outro afluente do Guaraiguaçu é o Iunuçu.".</p>
Guaraimirĩ ou R. đ S. Antonio menino	<p>Guaraimirĩ ou R. đ S. Antonio menino Guaírai mirĩ Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio com barra no Oceano Atlântico, barra entre as do 'Paratijĩ' (Rio Prataji) e 'R Paripoera' (Rio Suaçu). Nomes históricos: Guaírai mirĩ; Guaraimirĩ; Guaraimiri; Guaraimini; Guairaimiri; R. St Antony mirin; R. St. Antº mirin; Rº St. Antonÿmÿmÿn; St Antonÿ Mimÿn; Santo Antônio Mirim; R. đ S. Antonio menino; rio de Santo Antônio Menino; rio de SantAntônio Pequeno; Maxigua. Nome atual: Rio Meirim. Citações: ► Mapa PE (Albernaz, 1612), plotado, 'Maxigua' ('Guaraimirĩ ou R. đ S. Antonio menino' no BQPPB, atual Rio Meirim), barra entre 'Jaragua:' (Ponta de Jaragua) e o rio 'Piripaua' ('R Paripoera' no BQPPB, atual Rio Suaçu). ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotado, 'R. St. Antº mirin' (Rio Meirim), barra entre a 'Pta. đ Jaragua' (Ponta de Jaragua) e 'R. RĒpoĒra' (Rio Suaçu). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'R. St Antony mirin' (Rio Meirim), barra entre as do 'Rº. Paratagy' (Rio Prataji) e 'R. PĒroĒro' (Rio Suaçu). ► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotado, 'Rº St. Antonÿmÿmÿn' (Rio Meirim), barra ao norte da 'Pa. Sergioa:' (Ponta de Jaragua). ► Mapa Y-31 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio St. antonij Mimijn ende Cabo St. aúgústijn, plotado, 'St Antonÿ Mimÿn:' (Rio Meirim) barra ao norte do 'R Parpowero:' (Rio Suaçu). ► (Laet, 1637), "Descrição do Brasil desde o Recife de Pernambuco ao sul até o Rio São Miguel", pelo capitão Willem Jansz, pg. 172: "De Santo Antônio Grande a Santo Antônio Mirim são duas léguas. Sua entrada não é apta para qualquer tipo de barcos ou iates." ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do 'Rio Paripoera', que 'Vadeia-se de baixa mar', até '... uma grande enseada, onde há também água potável, mas, ruim', percorre-se em 1 h;</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>- Vadeia-se (um riacho) e percorre-se até o 'Fim da enseada' em 1/2 h;</p> <p>- De 'Uma outra enseada até o rio Guaraimini ou rio de Santo Antônio Menino' percorre-se em 1 h;</p> <p>- Do '... rio Guaraimini ou rio de Santo Antônio Menino', até o 'Rio Paratii', percorre-se em 3/4 h de viagem.</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956):</p> <p>@ pg. 165: "O Guaraimiri ou rio de SantAntônio Pequeno termina num topônimo alusivo às guerras: — barraca do Conde, início de uma zona denominada caminho do Conde e que se referirá a Nassau."</p> <p>@ pg. 171: "O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
<p>Guaratingapri ou R. Castanha</p>	<p>Guaratingapri ou R. Castanha Guiratingapri Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio afluente m.d. do rio 'Guaraíguáçú ou R. d S. Ant. Grande' (Rio Santo Antonio Grande). Nomes históricos: Guaratingapri; Guiratingapri; R. Castanha; Rio Castanha. Nome atual: Rio Pindoba, no baixo curso; Riacho Barreiro ou Grotta Grande, no médio e alto cursos.</p> <p>■ Notas: 1) o alto curso do Rio Pindoba é conhecido como Rio da Cachoeira, e na sua m.e. há a Fazenda Castanha Grande; 2) não associamos o alto curso do rio Pindoba pela forma que o 'Guaratingapri' está desenhado no BQPPB, formando um ângulo acentuado (curva à esquerda), que se parece mais ao curso do Riacho Barreiro ou Grotta Grande. Vide mapa IBGE Geocódigo 2708501 SÃO LUIZ DO QUITUNDE - AL.</p> <p>■ Citações: ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'Rº. Castanha', afluente m.e. do 'Rº. Gitituba' (Rio Jetituba). Nota: o 'Rº. Castanha' é efetivamente afluente do Rio Santo Antônio Grande e não do Rio Jitituba. ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Na pars borealis o primeiro rio é o Guaraiguaçu ou Sant'Antônio Grande, com dois afluentes pela esquerda, o Tagiba e o Água-Fria. Pela direita vem o Ietitiba, cujo subafluente, nos limites do mapa onde corre uma serrania, é o Caipiranga, paralelo à costa; o Guiratingapri ou Rio Castanha, também com as águas do Aramariji. No Guiratingapri cai o Tapamondé e, entre ambos, sobem serras, ao pé das quais há uma indicação: — Iapera d'Angola."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Iunuçu	<p>Iunuçu Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio afluente m.d. do rio 'Guaraíguáçu ou R. d S. Ant. Grande' (Rio Santo Antonio Grande). Nomes históricos: Iunuçu. Nome atual: alto curso do Rio Santo Antônio Grande. Nota: Adoto a hipótese de que houve engano na elaboração do mapa BQPPB, trocando na escrita as posições do 'Guaraíguáça', alto curso do Rio de Santo Antônio Grande, com 'Iunuçu', seu afluente. Como suporte para essa hipótese, assume-se que 'Iunuçu', Unuçu, seja corruptela de "Uruçu" (ou vice-versa), pois este afluente do Santo Antônio Grande, possivelmente, é o rio Uruçu (nome a se confirmar em levantamento em campo), pois há uma fazenda URUÇU (UNUÇU em outros mapas do IBGE mais antigos) na sua cabeceira - vide mapa IBGE Geocódigo 2703809 Joaquim Gomes-AL. Citação: ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Na pars borealis o primeiro rio é o Guaraiguaçu ou Sant'Antônio Grande, com dois afluentes pela esquerda, o Tagiba e o Água-Fria. Pela direita vem o Ietitiba, cujo subafluente, nos limites do mapa onde corre uma serra, é o Caipiranga, paralelo à costa; o Guiratingapri ou Rio Castanha, também com as águas do Aramariji. No Guiratingapri cai o Tapamondé e, entre ambos, sobem serras, ao pé das quais há uma indicação: — Iapera d'Angola. Será o quilombo velho que Roulox Baro em 1644, e Johan Blaer e Jurgens Reijmbach, no ano seguinte, tentaram destruir inutilmente? Outro afluente do Guaraiguaçu é o Iunuçu."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
[Jatiuca]	<p>Jatiuca Sem nome no BQPPB. Natureza: fonte, olho d'água ou cacimba Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Fonte, olho d'água ou cacimba sem nome no BQPPB, na enseada ao norte da 'Pta. de Ioçara' (Ponta Verde ou Ponta de Pajuçara). Nome atual; Lagoa Jatiuca, no Hotel Jatiúca, cidade de Maceió-AL. Lagoa formada por riacho costeiro com a foz obstruída por areia na praia, conhecida como lagoa de maceió, ou como se dizia no século XVII, lagoa de rio tapado. Citações: ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotada como duas lagoas no litoral, ao norte da 'Pta. d'É Jaragua.' Neste mapa a Ponta de Pajuçara está desenhada, sem nome, ao norte e junto da ponta acima citada. ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do 'Rio Doce', que 'Vadeia-se. Este rio tem água fresca na foz, bem como pasto.', até o 'Riozinho sem nome', percorre-se em 1/2 h; - Do 'Riozinho sem nome', até a 'Água potável, mas não é boa', percorre-se em 1/2 h; - Da 'Água potável, mas não é boa", até a 'Ponta de Ioçara (Juçara)', percorre-se em 1/4 h de viagem.</p>
Mondaĩ	<p>Mondaĩ Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio com foz na 'Mondaĩ ou Alagoa de Norte' (Lagoa Mundaú, Lagoa do Norte). Nomes históricos: Mondaĩ; Mondai; Rº Allagoas; R ºos Allagoas. Considerando-se seu percurso até desaguar no Oceano Atlântico, no século XVII esse rio recebia nomes diferentes para cada trecho: 'Mondaĩ' - nos alto e médio cursos, até desaguar na, ou formar a 'Mondaĩ ou Alagoa de Norte'; 'Mondaĩ ou Alagoa de Norte' - na lagoa propriamente dita; 'R. das Lagoas' -no canal entre a 'Mondaĩ ou Alagoa de Norte' e a 'Barra das Lagoas'; 'Barra das Lagoas' - na sua foz no Oceano. Nomes atuais: Rio Satuba; Rio Mundaú. Citações: ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotado, 'R ºos Allagoas', formando no seu curso a 'Alagoa d'É Norðt' (Lagoa do Norte, Lagoa Mundaú). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'Rº. ºos Allagoas.', formando no</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>seu curso a 'Alagoa d'É Norô.' (Lagoa do Norte, Lagoa Mundaú).</p> <p>► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotado, 'R° Alagoas:', formando grande lagoa, com barra entre o 'P° francis:' (Porto do Frances) e 'P°: Sergoa:' (Ponta de Jaragua).</p> <p>► (Walbeek & Moucheron, 1643), pg. 129:</p> <p>"Os três engenhos da lagoa do Norte estão situados no rio Mondai, que despeja no mesmo lago pelo lado ocidental. "</p> <p>► (Diegues Jr, 1949):</p> <p>@ pg. 17:</p> <p>"É possível admitir-se que haja partido de três focos iniciais o povoamento do território alagoano. ... O segundo situa-se no centro do litoral e se desenvolveu em torno das lagoas, que deram nome ao povoado inicial: Alagoas ou Alagoa do Sul e Alagoa do Norte. Prolongou-se pelo vale do Mundaú, a cujas margens assentaram os fundamentos da economia local: os engenhos de açúcar."</p> <p>@ pg. 18:</p> <p>"Do ponto de vista geográfico podem-se caracterizar estes núcleos pela influência do seu principal acidente; acidente, no caso dos três núcleos do litoral, principalmente hidrográfico, por isso que o seu elemento é a água: rios ou lagoas. ... Os rios Paraíba e Mundaú são os elementos referidos no povoamento da região das grandes lagoas; como seriam depois no da região palmarina. Eles e as lagoas do Norte e do Sul. A colonização se fez acompanhando o curso das águas. A sesmaria de Diogo Soares baseia-se na boca da lagoa Manguaba; a de Manuel Antônio Duro iria para o sertão até entestar o rio Mundaú, ao despejar na lagoa do Norte."</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956):</p> <p>@ pg. 164:</p> <p>"Na Alagoa do Norte desaguam, à direita, o Potiguaçutiba, no centro, o Mondai, Mundaú e à esquerda, o Carrapato."</p> <p>@ pg. 170:</p> <p>"Em reta, dos arredores do Mundaú a Sant'Antônio, estão engenhos de roda d'água com Capela (ingenio, vel mola sacchari qual vi aquarum, rotatur, cum Ecclesia), a povoação de Santa Luzia do Norte, seguindo-se para Nossa Senhora d'Ajuda engenho d'água com Capela. Nossa Senhora da Encarnação, para leste, onde o caminho procurava o mar, juntando-se com o que de Nossa Senhora d'Ajuda vinha passando serras, logo depois do rio Carrapato, afluente da Alagoa do Norte. O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
[Mondaí]	<p>Mondaí Sem nome Natureza: aldeia de índios Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Aldeia de índios, sem nome no BQPPB, na m.e. do 'Mondaí' (Rio Mundaú). Nomes históricos: Aldeia Mondai (Mundaú). Nome atual: não é mais aldeia de índios (brasilianos). Possivelmente situava-se na área urbana da cidade de Satuba-AL. Citações: ► (Bullestrat, 1642), pg. 179: "À tarde cheguei ao engenho do Sr. Cloet e aí pernoitei depois de ter ido a pé até à aldeia dos brasilianos, que se situa em um monte (a menos de meia hora de marcha do engenho); é necessário, porém, passar por dois rios, antes de lá chegar. Verifiquei que os brasilianos são em número de 25 homens, não contando as mulheres e os meninos, conforme lista que examinei; alguns deles, com lote de animais, viajaram para o Recife com Belquior Álvares. Os soldados que se acham neste engenho comprovei estarem conforme a lista organizada nas Alagoas. Soube pelo feitor do engenho e pelo capitão dos brasilianos que nas campinas dali, 3 a 4 cavalos e diversas cabeças de gado ainda existem em liberdade e que tinham pertencido a diversas pessoas emigradas; pediram-me autorização para capturá-los à sua custa, pagando por cada um deles quatro peças, moeda espanhola. Prometi fazer menção deste pedido (63). " ► (Gonsalves de Mello, 1985), pg. 196: "(63) Deve entender-se a "peça" como o real-de-ocho ou pieza de ocho reales, famosa moeda espanhola de prata, de ampla circulação mundial no século XVII. Equivalia a cerca de 2 florins e meio. Propunham-se a pagar, pois, 10 florins por animal capturado. " ► (Walbeek, J.; Moucheron, H., 1643), pg. 130: "À vista do engenho dos de Cloeten fica a aldeia Mondaí, que se compõe de dez ou doze famílias de brasilianos e foi transferida para aí de Santo Amaro, junto ao rio Paraíba. Convindo muito que, para tranqüilidade e segurança dos moradores das Alagoas contra os negros dos Palmares, Santo Amaro fosse de novo habitado pelos índios (pois Santo Amaro fica justamente na passagem); tiveram eles ordem de retirar-se de Mondaí e estabelecer ali a sua aldeia; mas, por causa da sua fraqueza, não ousam residir em Santo Amaro, salvo se se mantiver ali constantemente uma força de trinta ou quarenta soldados."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Mondaí ou Alagoa de Norte	<p>Mondaí ou Alagoa de Norte Natureza: lagoa Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Lagoa fluvial de grande porte formada pelo 'Mondaí' (Rio Mundaú) e situada próxima e ao norte da 'Paraígera ou Alagoa de Sul' (Lagoa Manguaba). 'Allagoa de Nort' no MBU. Nomes históricos: Mondaí; Alagoa de Norte; Alagoa ∂Ɛ Nor∂t; a Lagoa ∂Ɛ Noor∂; Allagoa de Nort; Alagoa do Norte; Lagoa do Norte. Nome atual: Lagoa Mundaú (ou Lagoa do Norte). As grandes lagoas Mundaú e Manguaba formam o sistema lacustre denominado Alagoas, que dá nome, segundo Walbeek e Moucheron, ao distrito entre o Rio de São Miguel e o Rio de Santo Antônio Grande. A região no entorno da Mundaú constituía uma área denominada Alagoa do Norte, onde situa-se a povoação de 'S. Luzia' (atual cidade de Santa Luzia do Norte - AL). Citações: ► Mapa RSF (Albernaz, 1612) RIO DE SÃO FRANCISCO, desenhada, lagoa assinalada com a letra G, 'G - Lagoa do Norte cõ dous Engenhos'. ► Mapa PE (Albernaz, 1612) CAPITANIA DE PERNÃOBVCO, desenhada parcialmente, sem nome, com barra ao sul de 'Iaragua' (Porto de Jaragua). ► Mapa BA (IAHGP-Vingboons, 1640) #36 CAPITANIA DO BAHIA DE TODOS SANCTOS, plotada, 'a Lagoa ∂Ɛ Noor∂', desaguando no Oceano pelo 'R Alagoas'. ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotada, 'Alagoa ∂Ɛ Nor∂t.', desague pelo 'R°. ∂os Allagoas'. ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotada, 'Alagoa ∂Ɛ Nor∂t.', desague pelo 'R°. ∂os Allagoas'. ► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotada, sem nome, formada pelo 'R° Allegoas':. ► (Walbeek & Moucheron, 1643): @ pg. 123: "As alagoas, ou lagoas propriamente ditas, das quais procede o nome desse distrito, são duas, a do Norte e a do Sul, tendo ambas a mesma barra, e demoram na altura de 9° e 3/4 de latitude meridional." @ pg. 127-128: "A lagoa do Norte (que não é menos piscosa que a do Sul) foi dada com as suas terras circunvizinhas por Duarte de Albuquerque a</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>Miguel Gonçalves Vieira, Provedor da Fazenda d'el Rei, pois ditas terras estavam compreendidas na doação que se lhe fez de cinco léguas ao longo da costa, de Paripueira para o Sul, e de dez léguas para o sertão (8). Assim como Duarte Soares distribuiu as terras da lagoa do Sul, o Provedor distribuiu as do Norte a diferentes pessoas em dez datas, sendo cinco na parte do norte e outras tantas na do sul; mas os donatários tendo-se passado para o inimigo durante a guerra, todas essas terras (que têm a mesma natureza das lagoas do Sul) estão vagas e inteiramente incultas, pois não ficaram ali senão as pessoas declaradas na lista que vai abaixo, e essas residem na parte do sul da lagoa, onde têm dois pesqueiros, estando despovoada a parte do norte. "</p> <p>► (Gonsalves de Mello, 1985), Nota (8), pg. 138:</p> <p>"(8) Miguel Gonçalves Vieira foi nomeado Provedor da Fazenda Real por título datado de 26 de agosto de 1577, Torre do Tombo, Chancelaria de D. Sebastião, livro 37 fls. 282. Não é conhecido o texto da sesmaria pela qual recebeu em doação as terras aqui mencionadas. "</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956):</p> <p>@ pg. 155:</p> <p>"Miguel Gonçalves Vieira era dono da Alagoa do Norte, a Mundaú. Dessa posse, Vieira destacou um quinhão de légua-em-quadra para Antônio Martins Ribeiro, em 13 de abril de 1610, à margem do Mundaú. Ribeiro funda Santa Luzia de Siracusa, Santa Luzia do Norte atualmente."</p> <p>@ pg. 159:</p> <p>"Como se vê, as Alagoas holandesas não se apartavam da orla verde das lagoas onde se fixara a sociedade agrícola."</p> <p>@ pg. 164:</p> <p>"O Rio das Lagoas é o Mundaú. Barléu escreve-lhe o nome vulgar da época. O desenho tenta reproduzir, no contorno geral, as duas lagoas famosas, a Paraigera ou Alagoa do Sul (Manguaba) e a Mondai ou Alagoa do Norte (Mundaú). Não nomeia os canais que as ligam, o Remédios e o Siriba.</p> <p>'''</p> <p>Na Alagoa do Norte desaguardam, à direita, o Potiguaçutiba, no centro, o Mondai, Mundaú e à esquerda, o Carrapato."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
<p>N S dAiuda</p>	<p>N S. d'Aiuda Natureza: povoação Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Povoação na m.d. do 'R. de S. Miguel'- 'Cenembĩ ou R. de S. Miguel' - 'Genembĩ' (Rio São Miguel). 'S. Miguel' no MBU. Nomes históricos: N S. d'Aiuda; Nossa Senhora de Ajuda; S. Miguel; St. MiguEl; St. MiguEll; St. MiguEls. Nome atual: cidade de São Miguel dos Campos-AL. Citações: ► Mapa BA (IAHGP-Vingboons, 1640) #36 CAPITANIA DO BAHIA DE TODOS SANCTOS, plotada, 'St. MiguEls', desenhada com a disposição das edificações, na m.d. do 'R°. St Migull' (Rio São Miguel). ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA, plotada com o símbolo de povoação, 'St. MiguEl', na m.d. do 'St. MiguEll' (Rio São Miguel). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotada com o símbolo de povoação, 'St. MiguEll.', na m.d. do 'R. St. MiguEll.' (Rio São Miguel). ► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotada com o símbolo de povoação, sem nome, na m.d. do 'R° St. Mighiel' (Rio São Miguel). ► (Walbeek & Moucheron, 1643): @ pg. 131, cita a aldeia defronte ao engenho São Miguel: "O caminho ordinário do engenho São Miguel ou da aldeia situada defronte para os Campos de Unhaú segue ao sudoeste e ao longo do rio primeiramente, durante duas léguas de boas terras de pasto, até Furado, ribeiro que sai no São Miguel, e depois por três léguas de campina seca ou charneca até o passo do rio, onde começam os Campos de Unhaú." @ cita a igreja da povoação, pg. 131-132: "Pois que tratamos do rio de São Miguel, diremos quais as pessoas a quem pertenceram as suas respectivas terras. ... Sobre as terras que ficam ao sul do rio, disputaram Gonçalo da Rocha e Belquior Alvares, e a questão compôs-se do seguinte modo: Belquior Alvares possuiria uma légua em quadra, sendo a primeira da barra para cima, e Gonçalo da Rocha quatro léguas ao longo do rio até a igreja de São Miguel. " ► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 170-171: "Apenas, de Nossa Senhora de Ajuda, um caminho se atira, furando a desolação sem gente, saltando os rios Urubutinga, Giquiá e Cururuí (Cururipe) até Nossa Senhora d'Aurade (?), aldeamento de indígenas batizados. De Nossa Senhora d'Ajuda outra via levava ao mar, ao correr do rio S. Miguel. E uma outra estrada transpondo o Çobauna (Sibaúna), as serras que, neste trecho, molduram o Itinga, ia ter a Nossa Senhora do Rosário, partindo um ramal a Nossa Senhora da Conceição, em Paraigera, alagoa do sul."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
<p>N S dapenha đ França</p>	<p>N S dapenha đ França Natureza: engenho de bois com igreja. Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Engenho de bois com igreja na m.e. do 'Guaraiguaça' (Rio de Santo Antônio Grande). Jurisdição: Vila do Bom Sucesso do Porto Calvo. Nomes históricos: Engenho de Nossa Senhora de França, Engenho Santo Antônio (Santo Antônio Grande). Nome atual: Usina Santo Antonio. Vide mapa IBGE Geocódigo 2708501 São Luís do Quitunde - AL. Citações: ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE - plotado com o símbolo de engenho, 'E' somente, na m.e. do 'R. St Antony'. ► (Nassau-Siegen; Dussen; Keullen - 1638), pg. 80: "ENGENHOS DE PERNAMBUCO Em Porto Calvo 4, do mesmo Pimentel, recentemente feito;". ► (Dussen, 1640), pg. 161: (ENGENHOS DE PERNAMBUCO - Na jurisdição de Porto Calvo) "109) Engenho Santo Antônio, pertencente ao mesmo Rodrigo de Barros. São lavradores: Jerônimo da Costa Santa Cruz 35 tarefas Maria Vaz 10 Partido do engenho 4 ----- 49 tarefas". ► (Relação dos Engenhos, 1655), pg. 241: "Engenhos da Vila do Bom Sucesso do Porto Calvo ... - E o engenho de Rodrigo de Barros, vinte arrobas de branco encaixado, posto no passo." ► (Diegues Jr., 1949): @ pg. 30: "Em 1639 o Morro pertencia a Rodrigo de Barros Pimentel, como se vê do relatório de van der Dussen, e tinha como lavradores Pedro Ferreira da Silva, Julião de Lima e Gonçalves Domingos. Outro engenho de Rodrigo de Barros Pimentel, também arrolado, é o Santo Antônio; deve ser a atual Usina Santo Antônio, pois se encontra, em mapas antigos, situado no mesmo local.</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>Além disso este engenho se localiza justamente na principal parte de terras que coube a Rodrigo de Barros, na partilha de 1608, isto é, na concessão que lhe fez Cristóvão Lins. Há ainda a considerar que Antônio de Barros Pimentel era concunhado de Cristóvão Lins; sua mulher D. Maria de Holanda, era irmã de D. Adriana de Holanda. O engenho Morro e o Santo Antônio são, de certo, os dois que Rodrigo de Barros possuía à época do domínio holandês e que encontramos arrolados no «Breve Discurso», que diz ser um deles recentemente feito. Este «recentemente» deve referir-se, sem dúvida, ao Santo Antônio.".</p> <p>@ pg.68: "O outro, o Santo Antônio também chamado Santo Antônio Grande, creio ter sido o primeiro levantado pelo próprio Rodrigo de Barros, devendo ser o recentemente feito a que alude o «Breve Discurso», em 1638. E isto porque o Morro foi, a nosso ver, um dos erigidos por Cristóvão Lins, tendo chegado às mãos de Rodrigo de Barros Pimentel por herança, da mesma forma que, posteriormente, quando das lutas da restauração, estava; em poder de Manuel Camelo Quiroga. O Santo Antônio Grande foi levantado à margem do rio do mesmo nome, e é hoje usina."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
O CAMINHO DO CONDE	<p>O CAMINHO DE CONDE</p> <p>Natureza: caminho</p> <p>Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS</p> <p>Capitania: PARANAMBVCA</p> <p>Caminho pelo interior, extremo oeste, entre as ALAGOAS e o 'Guaraíguacú ou R. d S. Ant. Grande' (Rio Santo Antônio Grande).</p> <p>Nome histórico: O CAMINHO DE CONDE.</p> <p>Nome atual: não é conhecido como tal, e possivelmente é constituído por um conjunto de estradas principais pavimentadas e vicinais de terra.</p> <p>Neste trabalho, adotamos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seu início na travessia do 'Mondaí' (Rio Mundaú), próximo ao engenho 'N S dAiuda' (Engenho Mundaú), em Satuba-AL; - Seu final na travessia do 'Guaraíguacú ou R. d S. Ant. Grande' (Rio Santo Antônio Grande), próximo ao engenho 'N S dapenha d França' (Usina Santo Antônio), em São Luís do Quitunde-AL; - Metodologicamente, dividi-lo em segmentos, objetivando minimizar os erros da interpretação do seu trajeto no Google Earth, da seguinte forma: <ol style="list-style-type: none"> 1. Mondaí@Olho d'água sem nome; 2. Olho d'água sem nome@Paratijĩ guaçu; 3. Paratijĩ guaçu@ afluente m.d. do Guairai mirĩ; 4. Afluente m.d. do Guairai mirĩ@Guairai mirĩ; 5. Guairai mirĩ@afluente m.d. do Çabuçu; 6. Afluente m.d. do afluente m.d. do Çabuçu@afluente m.d. do Çabuçu; 7. Afluente m.d. do Çabuçu@Çabuçu; 8. Çabuçu@Paripoera; 9. Paripoera@Carguatatiba; 10. Carguatatiba@Caipiranga; 11. Caipiranga@Ietifiba; 12. Ietifiba@afluente m.d. do Aramarijĩ; 13. Afluente m.d. do Aramarijĩ@Aramarijĩ; 14. Aramarijĩ@Guaratingapri ou R. Caítanha; 15. Guaratingapri ou R. Caítanha@Tapera d'Angola; 16. Tapera d'Angola@Tapamandé; 17. Tapamandé@afluente m.d. do Iunuçú; 18. Afluente m.d. do Iunuçú@Iunuçú; 19. Iunuçú@afluente m.e. do Iunuçú;

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>20. Afluente m.e. do Iunuçú@Iunuçu;</p> <p>21. Iunuçú@Guaraiguaçu ou R. d S. Ant. Grande.</p> <p>Citações:</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956):</p> <p>@ pg. 165: "O Guaraimiri ou rio de SantAntônio Pequeno termina num topônimo alusivo às guerras: — barraca do Conde, início de uma zona denominada caminho do Conde e que se referirá a Nassau."</p> <p>@ pg. 170: "O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde. O Caminho do Conde é o limite da terra trabalhada e conhecida. Para cima não ha notícia gráfica."</p> <p>@ pg. 171: "O "caminho do Conde" aludirá à marcha do conde João Maurício de Nassau, em 1637, perseguindo Giovani Vincenzo San Felice, conde de Bagnuolo. É um caminho pelas abas das serras, mais de retirada do que de perseguição. Vemo-lo riscando os rios Cabuçu, Paripoera, Caipiranga, Ietitiba, Aramariji, Guaratingapri, baixando à direita da "Tapera de Angola", pelo amontoado de serras, indo passar o rio Tapamundé, acurvando-se para transpor o Iuniçu e findar no engenho de Nossa Senhora da Penha de França. De Nossa Senhora da Penha de França irradiam-se estradas. A de leste é o "Caminho do Conde". A de oeste, deixando moradas à direita, termina às margens do Guairaguaçu, subindo um ramo que alcançava o engenho de S. Cristóvão, na riba direita do Ietitiba, depois de vencido o Guaratingapri ou Rio da Castanha. De S. Cristóvão até o mar, na mesopotâmia Paripoera e Guaraiguaçu só existe uma povoação, S. Gonçalo, isolada, entre Tipioca e o baixo Paripoera."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Paratijĩ guaçu	<p>Paratijĩ guaçu Paratijĩ Natureza: rio, barra de rio. Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio com foz no Oceano Atlântico, ao sul do 'Guaraĩmirĩ ou R đ S. Antonio menino' (Rio Meirim). Nomes históricos: Paratijĩ guaçu; Paratyiguaçu; Paratijuguaçu; Paratijĩ; Paratii; Paratyy; Pratagi. Nome atual: Rio Prataji. Citações: ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotado, segundo rio sem nome e com barra no oceano, ao sul do 'R. St. Antº mirin' (Rio Meirim). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'Rº. Paratagy', com barra entre as do 'R. St Antony mirin' (Rio Meirim) e 'Rº. ∂ocE' (Riacho Grota da Alegria). ► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotado, sem nome, possivelmente o primeiro rio com barra ao sul do 'Rº St. Antonymymyn' (Rio Meirim). ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do '... rio Guaraimini ou rio de Santo Antônio Menino', até o 'Rio Paratii', percorre-se em 3/4 h; - Do 'Rio Paratii', que 'vadeia-se de baixa mar', até o 'Rio Doce', percorre-se em 1/4 h de viagem. ► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "Vem ao mar, logo após, o rio Doce, partindo de uma lagoa, e o rio Paratyy, Pratagi hoje, que finda nos formadores Paratyiguaçu e Paratyimiri." @ pg. 170: "... O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Paratijĩ miri	<p>Paratijĩ miri Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio afluente m.d. do 'Paratijĩ guaçu' (Rio Prataji). Nomes históricos: Paratijĩ miri; Paratyimiri. Nome atual: Rio Messias ou Rio do Meio. Citações: ► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "Vem ao mar, logo após, o rio Doce, partindo de uma lagoa, e o rio Paratyy, Prataji hoje, que finda nos formadores Paratyiguaçu e Paratyimiri." @ pg. 170: "... O caminho real atravessava o rio Mundaú, o Paratyimiri, antes havendo olheiros, o Paratijuguaçu, o Guairaimiri, já em zona acidentada e com árvores, atingindo a Barraca do Conde depois da qual se alonga o Caminho do Conde."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
Pta. de Içoçara	<p>Pta. de Içoçara Natureza: pontal ou cabo Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Pontal entre a 'Pta. Iaragea' (Ponta de Jaragua) e a barra do 'R doce' (Riacho Doce ou Riacho Grota da Alegria). Nome histórico: Pta. de Içoçara; Ponta de Içoçara (Juçara; Jussara). Nome atual: Ponta de Pajuçara ou Ponta Verde. Citações: ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotada, sem nome, ao norte e junto à 'Pta. ∂E Iaragua' (Ponta de Jaragua). ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do 'Rio Doce', que 'Vadeia-se. Este rio tem água fresca na foz, bem como pasto.', até o 'Riozinho sem nome', percorre-se em 1/2 h; - Do 'Riozinho sem nome', até a 'Água potável, mas não é boa' [Jatiúca], percorre-se em 1/2 h; - Da 'Água potável, mas não é boa', até a 'Ponta de Içoçara (Juçara)', percorre-se em 1/2 h de viagem. ► (Walbeek & Moucheron, 1643), pg. 128-129: "As terras que ficam ao oriente da barra e se estendem ao longo da costa para a ponta de Jocara e além, não é habitada, pois os moradores retiraram-se para a Bahia." ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "A ponta de Iaragea é naturalmente Jaraguá. (38) Próxima, a de Juçara, Jussara. Nem sinal onde surgiria a linda Maceió."</p>
Pta Iaragea	<p>Pta Iaragea Natureza: pontal ou cabo Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Pontal entre 'R. das Lagoas' e a 'Pta. de Içoçara' (Ponta de Pajuçara ou Ponta Verde). Assinalada com símbolo de porto. Nome histórico: Pta Iaragea; Pta. ∂E Jaragua; P^a: Sergoa.; ponta de Geraguá; Iaragua; P^a. ∂E Iaragua; Porto de Iaragua; Porto Jaragoá. Nome atual: Ponta de Jaragua, Porto de Maceió. Citações: ► Mapa RSF (Albernaz, 1612) RIO DE SÃO FRANCISCO, plotado como porto, assinalado com a letra F, 'F - Porto de Iaragua com sua sonda', com as indicações de sonda, 10 na entrada e 8 na enseada ao norte, junto à ponta. ► Mapa PE (Albernaz, 1612) CAPITANIA DE PERNÃOBVCO, plotada, 'Iaragua', no extremo sul deste mapa, entre a barra das</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>lagoas e a barra do 'Maxigua' (Rio Meirim).</p> <p>► Mapa BA (IAHGP-Vingboons, 1640) #36 CAPITANIA DO BAHIA DE TODOS SANCTOS, plotada, 'P^a. ∂E Iaragua' (Ponta de Jaragua), ao norte da barra do 'R Alagoas' (Barra das Lagoas).</p> <p>► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotada, 'Pta ∂E Iaragua' (Ponta de Jaragua), entre a barra do 'R^o. ∂os Allagoas' e 'R. St. Ant^o. mirin' (Rio Meirim).</p> <p>► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotada, 'Pta ∂E Iaragua.', entre a barra do 'R^o. ∂os Allagoas.' e 'R. ∂ocE' (Riacho Doce ou Riacho Grota da Alegria).</p> <p>► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotada, 'P^a: Sergioa:', entre o 'P Francis:' (Porto do Frances) e a barra do 'R^o St. Antonymymyn' (Rio Meirim).</p> <p>► (Dussen, 1640), pg. 139: "Os rios, ancoradouros e baías com boa disposição para abrigar navios, ao longo da costa de Pernambuco, são os seguintes: ... 6) Ponta de Jaraguá, duas milhas ao Norte de Alagoas, é também uma baía situada atrás de arrecifes e onde navios grandes podem ficar abrigados, sendo que foi aí que Dom Luís de Rojas y Borja desembarcou a sua tropa; ... '.</p> <p>► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201-202, registra que os caminhos: - Da 'Ponta de Içoara (Juçara)', que 'Aqui começa uma grande enseada junto ao passo de Jaraguá', até a 'Ponta de Jaraguá', percorre-se em 1/4 h; - Da 'Ponta de Jaraguá', que 'Aqui não há água, mas, pode-se abrir cacimbas; a água é meio salobra, o pasto sofrível um pouco para o interior atrás da mata.', até o 'Rio das Lagoas', percorre-se em 1 h de viagem.</p> <p>► (Calado, 1648), Volume 1: @ CAPÍTULO II - No qual se trata da entrada dos Holandeses na vila de Olinda, e como conquistaram toda a Capitania de Pernambuco, e quem foram os que ajudaram nesta empresa, citando eventos do segundo semestre de 1635, pg. 68: "Passados cinco meses pouco mais, ou menos, que Matias de Albuquerque se alojou na Alagoa, chegou à sua barra Dom Luiz de Roxas e Boria com o socorro que Sua Majestade nos mandava, e vinha por Mestre de Campo General e Tenente do Marquês da Vaiada, que estava eleito para vir por General da real armada, com que Sua Majestade tinha resolvido de mandar restaurar esta terra, trouxe consigo dois mil homens entre Castelhanos, e Portugueses, muitos dos quais eram bisonhos, e os outros já práticos, e experimentados na guerra, que já eram soldados. Desembarcou Dom Luiz de Roxas e Boria na ponta de Geraguá, e deitou a gente em terra, e algumas peças de artilheria, e a frota foi passando para a Baía, para onde também se partiu Matias de Albuquerque para se embarcar (como se embarcou) para o Reino, segundo a ordem que lhe veio de Sua Majestade." @ CAPÍTULO III - Das coisas que sucederam em Pernambuco depois da chegada de Dom Luiz de Roxas até a hora de sua morte, pg. 69: "Tanto que se divulgou a nova da chegada de Dom Luiz de Roxas à ponta de Geraguá logo o Mestre de Campo dos Holandeses Cristóvão Artixof, que estava por Governador na fortaleza de Paripoeira com mil e quinhentos homens, temendo como soldado</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>velho, e prático na milícia, que poderia Dom Luis de Roxas vir marchando por o sertão, e senhoreando-se de toda a campanha para lhe impedir os mantimentos, e adjutório, ...".</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165:</p> <p>"A ponta de Iaragea é naturalmente Jaraguá. (38) Próxima, a de Juçara, Jussara. Nem sinal onde surgiria a linda Maceió.</p> <p>...</p> <p>(38) "Do Porto Velho dos Franceses ao rio de S. Miguel são quatro léguas, que está em dez graus, em o qual entram navios da costa e entre um e outro entra no mar o rio da Alagoa, onde também entram caravelões, o qual se dis da Alagoa, por nascer de uma que está afastada da costa, ao qual rio chamam os índios o PORTO JARAGOÁ. Gabriel Soares de Sousa. TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL, 32. São Paulo, 1938."</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
<p>R doce</p>	<p>R doce Natureza: riacho com lagoa barra de rio. Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Riacho costeiro nascendo numa lagoa, foz ao sul da barra do 'Paratijr' (Rio Prataji). Nomes históricos: R doce; Rio Doce; Rº. ðocE. Nome atual: Riacho Grota da Alegria, com foz no povoado Riacho Doce, município de Maceió-AL. Informações obtidas no mapa IBGE Geocódigo 2704302 Maceió-AL. Citações: ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotado, terceiro rio sem nome e com barra no oceano, ao sul do 'R. St. Antº mirin' (Rio Meirim). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'Rº. ðocE', com foz entre a 'Pta. ðE Jaragua.' e a barra do 'R. St Antony mirin' (Rio Meirim). ► Mapa Y-25 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn, plotado, sem nome, possivelmente o segundo rio com barra ao sul do 'Rº St. Antonymymyn' (Rio Meirim). ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do 'Rio Paratii', que 'vadeia-se de baixa mar', até o 'Rio Doce', percorre-se em 1/4 h; - Do 'Rio Doce', que 'vadeia-se. Este rio tem água fresca na foz, bem como pasto.', até o 'Riozinho sem nome', percorre-se em 1/2 h; - Do 'Riozinho sem nome', até a 'Água potável, mas não é boa', percorre-se em 1/2 h; - Da 'Água potável, mas não é boa", até a 'Ponta de Ioçara (Juçara)', percorre-se em 1/4 h de viagem. ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "Vem ao mar, logo após, o rio Doce, partindo de uma lagoa, e o rio Paratyy, Prataji hoje, que finda nos formadores Paratyiguaçu e Paratyimiri."</p>
<p>R Paripoera</p>	<p>Parïpoera Paripoera R Paripoera Natureza: rio, barra de rio, porto. Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Rio com barra no Oceano Atlântico, barra entre as do 'Guaraïmiri ou R. d S. Antonio menino' (Rio Meirim) e 'Iaçapuciÿ ou R. das</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>Frades' (Rio Sapucaia). Assinalado com o símbolo de porto na barra. Nomes históricos: Paripoera; Paripoera; Paripueira; R Paripoera; R. PĒrpoĒro; R. RĒpoĒra; R Parpowero; Piripaua; rivver of St de Consolva; rio de São Gonçalo. Nome atual: Rio Suaçui, no baixo curso; Rio Paraguai, no médio curso; Rio Oricuri, no alto curso. Citações: ► Mapa PE (Albernaz, 1612), plotado, 'Piripaua', barra entre as do 'Maxigua' ('Guaraĩmirĩ ou R. đ S. Antonio menino' no BQPPB, atual Rio Meirim) e 'Iasapucahug.' (Rio Sapucaia). ► Mapa BRASILIA (IAHGP-Vingboons, 1640) #38 CAERTE VAN BRASILIA plotado, 'R. RĒpoĒra', barra no Oceano entre 'R. St. Antº mirin' (Rio Meirim) e 'R. Camariginÿ' (Rio Camaragibe - AL). ► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE, plotado, 'R. PĒrpoĒro' (Rio Suaçui), barra ao norte da do 'R. St Antony mirin' (Rio Meirim). ► Mapa Y-31 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio St. antonij Mimijn ende Cabo St. aúgústijn, plotado, 'R Parpowero:', barra entre a do 'St Antonÿ Mimÿn:' (Rio Meirim) e 'St Antonÿ grandē:' (Rio Santo Antônio Grande). ► (Margrave, 1640), ITINERÁRIO, pg. 201, registra que os caminhos: - Do 'Rio Tipioca', que 'Vadeia-se', até o 'Rio Paripoera', percorre-se em 3/4 h; - Do 'Rio Paripoera', que 'Vadeia-se de baixa mar', até '... uma grande enseada, onde há também água potável, mas, ruim', percorre-se em 1 h; - Vadeia-se (um riacho) e percorre-se até o 'Fim da enseada' em 1/2 h; - De 'Uma outra enseada até o rio Guaraimini ou rio de Santo Antônio Menino' percorre-se em 1 h de viagem. ► (Bullestrat, 1642), pg. 179: "A 13 do dito mês do ano de 1642, ao amanhecer, partimos e com a maré baixa passamos o rio que fica a uma boa hora de marcha do rio doce. Passamos o rio que está a uma hora [de marcha] do anterior. Ainda atravessamos o rio Paripueira que também fica a uma hora do antes mencionado. Ainda cruzamos dois ou três pequenos rios. " ► (Pudsey, circa 1670), relatando eventos ocorridos em 1635: @ pg. 91, Fólio 20r. e pg.93, Fólio 20v.: "O governador marchou até um largo rio chamado Santo Antônio Grande.²⁹⁸ E entre esse rio e o rio de São Gonçalo²⁹⁹ acampou, em uma estreita passagem, tendo do lado leste o mar e do lado oeste as florestas selvagens. E como os dois rios ficam ao norte & ao sul, deixou na entrada do rio de Santo Antônio um pequeno navio para funcionar como espia, situado a cerca de uma légua ou mais de nosso aquartelamento com o exército. E no lado norte, no rio de São Gonçalo, colocou um forte com uma dupla paliçada de</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
	<p>madeira,³⁰⁰ tendo o forte dois baluartes para fazer fogo sobre o rio e um outro sobre a praia. A cerca de um tiro de canhão mais acima, sobre a passagem, foi feito um outro forte, que foi colocado no lado de trás de nosso acampamento, em direção à selva, pois havia sido confiadamente assegurado pelos habitantes da região que, sendo bloqueada essa passagem, nenhum pelotão do inimigo poderia passar para fazer dano à região, a não ser que enfrentasse nosso exército. Atrás desse forte, na praia, aquartelamos nosso exército, havendo postado baterias baixas de cada lado nosso para flanquear a praia.³⁰¹".</p> <p>► Nelson Papavero in (Pudsey, circa 1670), NOTAS, pg. 178: "298- "A brode rivver called Saint Antony Grande", no original. 299- "The rivver of St de Consolva", no original. Trata-se de uma tradução tentativa, baseada inclusive na existência de uma localidade denominada São Gonçalo, próxima à margem direita do atual rio Juçara, que deságua poucos quilômetros ao sul de Paripueira. 300- "A fort wth a woodden doublett", no original. Trata-se de uma tradução tentativa, já que "doublett" seria uma expressão inglesa alusiva às placas componentes de determinadas armaduras e não a estrutura de fortificações. 301- "Havinge mayde low batteries on each syde of us to flank alongst the shoare", no original.".</p> <p>► (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "O rio Paripoera desagua com o Cabuçu, unidos antes da descarga. O Paripoera passa além dumas serras, Carguatatiba.". @ pg. 171: "O "caminho do Conde" aludirá à marcha do conde João Maurício de Nassau, em 1637, perseguindo Giovanni Vincenzo San Felice, conde de Bagnuolo. É um caminho pelas abas das serras, mais de retirada do que de perseguição. Vemo-lo riscando os rios Cabuçu, Paripoera, Caipiranga, Ietitiba, Aramariji, Guaratingapri, baixando à direita da "Tapera de Angola", pelo amontoado de serras, indo passar o rio Tapamundé, acurvando-se para transpor o Iuniçu e findar no engenho de Nossa Senhora da Penha de França. De Nossa Senhora da Penha de França irradiam-se estradas. A de leste é o "Caminho do Conde". A de oeste, deixando moradas à direita, termina às margens do Guairaguauçu, subindo um ramo que alcançava o engenho de S. Cristóvão, na riba direita do Ietitiba, depois de vencido o Guaratingapri ou Rio da Castanha. De S. Cristóvão até o mar, na mesopotâmia Paripoera e Guairaguauçu só existe uma povoação, S. Gonçalo, isolada, entre Tipioca e o baixo Paripoera.".</p>
S. Chri toul	<p>S. Chri toul Natureza: engenho de bois com igreja. Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS. Capitania: PARANAMBVCA. Engenho de bois com igreja, na m.d. do 'Ietitiba' (Rio Jitituba). Jurisdição: Vila do Bom Sucesso do Porto Calvo. Nomes históricos: Engenho São Cristovão (S. Chri toul; St. Cristopho), Engenho Getituba (Ietitiba. Jitituba, Jititiba, Gitituba, Gitihiba).</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>Nome atual: possivelmente Fazenda Santa Cruz. Vide mapa IBGE Geocódigo 2708501 São Luís do Quitunde - AL.</p> <p>Citações:</p> <p>► Mapa PE-M (IAHGP-Vingboons, 1640) #39 CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE - plotado com o símbolo de engenho, 'E. St. Cristopho' somente, na m.d. do 'R. Gitituva'.</p> <p>► (Nassau-Siegen; Dussen; Keullen - 1638), pg. 80: "ENGENHOS DE PERNAMBUCO Em Porto Calvo 9, de Cristóvão Dias Delgado." ► (Dussen, 1640), pg. 162: "ENGENHOS DE PERNAMBUCO Na jurisdição de Porto Calvo 114) Engenho de Cristóvão Dias delgado, arruinado." ► (Relação dos Engenhos, 1655), pg. 241-242: "Engenhos da Vila do Bom Sucesso do Porto Calvo ... Engenhos a monte e arruinados da vila acima do Porto Calvo ... - E o engenho de Cristóvão Dias Delgado, trinta arrobas de branco, posto no passo." ► (Coelho, 1654), Ano 1636, janeiro: @ fol. 214a, pg. 440, relatando fatos ocorridos no dia 11: "Em onze deste mesmo mês, chegou ao engenho de Cristóvão Dias Delgado, que era perto das fortificações e redutos que o inimigo tinha na Peripueira (ainda que um pouco mais para o interior). Este, há poucos dias, havia morto o mesmo Delgado e um filho seu; por ter o nosso alferes Soto morto no mesmo engenho sete ou oito holandeses. Deram o filho e o pai como incursos na pena de morte de um bando, para quem não avisasse semelhantes coisas. Finalmente, os pobres moradores iam já experimentando, não a pouco custo, o que era viver sob as mãos de hereges." @ fol. 215b, pg. 443, relatando fatos ocorridos no dia 16: "O nosso Mestre-de-Campo-Geral, com o segundo aviso, voltou do caminho à povoação, e chegando fatigado, e não menos a infantaria, dispôs que se marchasse outra vez contra o Coronel, que andava a quatro léguas dali, e tinha queimado cinco engenhos de açúcar: dois de Cristóvão Botelho, um de Bartolomeu Lins, outro de Rodrigo de Barros, e o de Cristóvão Dias Delgado, morto antes com seu filho, como já apontamos." ► (Pudsey, circa 1670), relatando fatos relacionados com a queima desse engenho, e a execução de seu senhor, em 1635: @ pg.91, Fólio 20r:</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>"O governador marchou até um largo rio chamado Santo Antônio Grande.(298) E entre esse rio e o rio de São Gonçalo (299) acampou, em uma estreita passagem, tendo do lado leste o mar e do lado oeste as florestas selvagens. "</p> <p>@ pg. 93, Fólio 20v:</p> <p>"A cerca de três milhas a oeste ficava um engenho de açúcar pertencente a um português chamado Cristóvão (302) e esse lugar era o último habitado em direção à selva."</p> <p>@ pg. 95, Fólio 21r:</p> <p>"Um traidor executado</p> <p>Os habitantes de nossos domínios agora sentiam-se orgulhosos e intratáveis,(305) mas, como será dito adiante, deles nos vingamos. Mas ainda não se atreviam a mostrar seu apoio antes que o inimigo atacasse. E apesar de que as passagens nunca haviam estado tão difíceis, eles obtinham inteligência [dos inimigos] através de destacamentos. Por causa disto, o senhor de engenho, nosso vizinho Cristóvão,(306) dando o primeiro exemplo, alojou em sua casa um destacamento do inimigo & depois permitiu-se matar cinco de nossos homens que levavam cartas a Camaragibe. Matamo-lo, queimamos seu engenho & confiscamos seus bens; e ficamos sabendo por sua inteligência, ou por certas cartas achadas com ele, que logo depois do dia do Ano Novo, ou pouco tempo depois, Dom Luís deveria atacar, por um lado, nosso exército, e os habitantes da região de Camaragibe por outro. Mas esse plano, apesar de uma boa providência, foi frustrado, por ser [agora] conhecido por nossa inteligência. Foi feita uma proclamação para que toda a região de Camaragibe abandonasse suas casas com armas e bagagens dentro do limite de 11 dias.(307) Depois de expirado esse tempo regulamentar, qualquer um que estivesse deste lado do Rio de Porto do Calvo(308) seria acusado de traidor, podendo esquecer-se de sua vida e bens."</p> <p>► (Papavero & Teixeira, 2000), NOTAS à TRADUÇÃO:</p> <p>@ pg. 178:</p> <p>«298- "A brode rivver called Saint Antony Grande", no original.</p> <p>299- "The rivver of St de Consolva", no original. Trata-se de uma tradução tentativa, baseada inclusive na existência de uma localidade denominada São Gonçalo, próxima à margem direita do atual rio Juçara, que deságua poucos quilômetros ao sul de Paripueira.</p> <p>...</p> <p>302- "A Sugar Mylne belonginge to a Portuguez called Christofer day", no original. Vide nota 306.»</p> <p>@ pg. 179:</p> <p>«305- Southey (1810-19) assinala que a chegada da armada levantou o ânimo dos habitantes, que não mais traziam o gado e a farinha de mandioca exigidos como tributo e tampouco hesitavam em resistir aos ditames dos conquistadores. Muitos holandeses foram mortos nos campos, estradas ou mesmo nas casas de portugueses, sendo que a população de Serinhaém assassinou os doentes que ali tinham ficado. Interceptavam-se cartas e prendiam-se os padres e negros empregados como agentes da correspondência que agora fervia entre as tropas ibéricas e os portugueses dentro do próprio território ocupado pelos flamengos. Severos castigos se impunham, mas o rigor de tais punições aumentava ainda mais os ressentimentos. Desesperados por darem fim a esse caudal de</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>informações privilegiadas, o coronel Arciszewski e o conselheiro Jacob Stackhouwer propuseram ao conselho assolar o país entre Paripueira e Porto Calvo com a sumária destruição dos engenhos e habitações, arranque das plantações de mandioca, queima os canaviais e remoção dos moradores, que deveriam ser estabelecidos em casas confiscadas e terras abandonadas disponíveis em outros locais. Aprovou-se a medida e nas portas das igrejas e engenhos se afixaram os editais convidando todas as pessoas a obedecer dentro de três semanas a ordem de compulsória transferência.</p> <p>306- "Our neighbour Christofer day", no original. Frei Calado (1648) menciona um certo Cristóvão Gomes de Melo ao comentar que, terminado o prazo da transferência compulsória imposta pelos holandeses (vide nota anterior), o conselheiro Jacob Stackhouwer teria saído do reduto de Camaragibe com sessenta soldados para correr as casas vizinhas. Dona Maria da Silva, mulher de Cristóvão Gomes de Melo, teve a má sorte de ser descoberta com sua gente em um alojamento, que foi queimado causando a morte de dois meninos e a fuga de escravos e escravas, enquanto Dona Maria recebia duas cutiladas que a levaram às portas da morte. Infelizmente, não podemos saber se esta seria a mesma pessoa chamada de "Christofer day" por Pudsey.</p> <p>307- "Proclamation was sent out that all the Lande of Camaraseva should drawe away from their houses within 11 day", no original. Segundo Frei Calado (1648), o desembarque de Dom Luís de Rojas y Borja teria levado Jacob Arciszewski a forçar uma imediata transferência de todos os habitantes de Porto Calvo, Camaragibe e Furríciosa para as terras de Serinhaém, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Muribeca e Várzea, nesse momento muito pouco povoadas em virtude dos conflitos armados anteriores. Sob pena de morte sem remissão, aos moradores foi concedido um prazo de dez dias para providenciarem sua transferência com toda a família, escravos e gado.</p> <p>308- "Rivver of Port de Calve," no original.». ► (Diegues Jr., 1949), pg.65-66: "Do de Cristóvão Dias Delgado sucede o mesmo, embora dos quatro seja aquele de que possuímos alguns bons informes. Johannes de Laet (72) refere-se a este engenho como sendo nas proximidades do engenho Santo Antônio, de Rodrigo de Barros Pimentel, embora, em outro passo, chame o próprio engenho de Delgado de Santo Antônio, o que nos quer parecer um lapso. O engenho situava-se em Paripueira, ao sul do rio Santo Antônio Grande, e, ao que suponho, corresponde ao chamado engenho S. Cristóvão do mapa de Vingboons, ficando no vale entre os rios Jetituba e Castanha. Foi um dos incendiados na excursão de Arciszewsky em 1636; figura na relação de van der Dussen como destruído e, ao que parece, não mais foi reparado e replantado, desaparecendo inteiramente. É certo que no vale citado há atualmente engenhos; nenhum, entretanto, com qualquer tradição de antigüidade. Tudo indica que o engenho de Cristóvão Dias Delgado não se reconstruiu. Documenta esta alegação o fato de que, em 1699, Apolinário Fernandes Padilha, ao requerer terras para povoar e lavrar e fazer um engenho de açúcar, faz referência ao engenho de Delgado. Diz o requerente, ao indicar o limite da sesmaria pedida: «começando donde acabão as terras donde foi antigamente engenho de Cristóvão Dias chamado Gitihiba» (73). Com esta indicação fica-se sabendo que o engenho de Delgado não foi reconstruído, pelo menos até 1699, bem assim se denominava Getituba, pois Gitihiba não pode deixar de ser grafia errada daquele nome, que é justamente o do rio em cujo vale se ergueu aquela fábrica de açúcar. Sabe-se que Cristóvão Dias Delgado foi morto pelos holandeses, ele e um seu filho, possivelmente</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
	<p>em fins de 1635, como se depreende da seguinte passagem de Duarte de Albuquerque: «o inimigo ... havia morto o mesmo Delgado e seu filho, pela razão de ter o nosso alferes Souto morto no mesmo engenho sete ou oito holandeses» (74). Do mesmo livro do donatário de Pernambuco infere-se que o engenho de Delgado estava perto das fortificações e redutos holandeses em Paripueira, «ainda que — esclarece — um pouco para o interior».</p> <p>(69) Primeira Visitação, cit. (70) idem, idem. (71) Cf. Laet, cit. (72) idem, idem. (73) Registro de Sesmarias e Datas de terras — 1689-1730, MSS na Biblioteca Pública do Recife, vol. I. (74) Memórias Diárias da Guerra do Brasil, edição do Governo do Estado de Pernambuco, Recife, 1944."</p>
S. Gonçalves	<p>S. Gonçalves Natureza: igreja Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Igreja no litoral, entre as barras do dos 'R Paripoera' (Rio Suaçuí) e o 'Tipioca' (Rio Feira). Nomes históricos: S. Gonçalves; São Gonçalves; São Gonçalves de Paripueira; ermida de São Gonçalves; St de Consolva. Nome atual: Capela ...</p> <p>■ Notas: Há em Paripueira - AL a capela próxima à praia - vide imagem no Google Earth e fotos no Panoramio. Nessa região os neerlandeses estabeleceram fortificações e acampamentos militares. O símbolo utilizado no BQPPB neste topônimo, um círculo com uma cruz do lado esquerdo, não está descrito no 'NOTULARUM EXPLICATIO', aparentando ser um misto das características dos símbolos de igreja e de povoação. Adotei a interpretação de que é uma capela, por ainda não ter visto nas referências menção a essa povoação na primeira metade século XVII.</p> <p>■ Citações: ► (Câmara Cascudo, 1956), pg. 171: "De S. Cristóvão até o mar, na mesopotâmia Paripoera e Guaraiguaçu só existe uma povoação, S. Gonçalves, isolada, entre Tipioca e o baixo Paripoera." ► (Bullestrat, 1642), pg. 179: "A 13 do dito mês do ano de 1642, ... Com meia-maré atravessamos o rio São Gonçalves aonde a Companhia já teve um forte na sua barra e outro mais para o interior; ambos, por não serem de muito préstimo, foram arrasados e abandonados (64); aí entramos pela mata, porque com a maré alta a</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>praia não mais poderia servir de caminho; aí descansamos e permanecemos até que com o início da vazante pudéssemos reiniciar a marcha em direção ao rio Santo Antônio Grande, ...".</p> <p>► (Gonsalves de Mello, 1985), pg. 196:</p> <p>"(64) Em São Gonçalo de Paripueira foram levantados dois redutos por Arciszewsky em agosto de 1635: "em uma eminência sobre a praia e junto à ermida de São Gonçalo, pertencente aos religiosos do Carmo, levantaram um reduto e na praia outro, para estorvarnos a comunicação com os moradores do campo" refere Duarte de Albuquerque Coelho, Memórias Diárias da Guerra do Brasil (Recife 1944) p. 214 e J. de Laet, Iaerlyck Verhael 2ª ed., 4 vols. (Haia 1931-37) IV p. 172. "</p> <p>► (Calado, 1648):</p> <p>@ CAPÍTULO II - No qual se trata da entrada dos Holandeses na vila de Olinda, e como conquistaram toda a Capitania de Pernambuco, e quem foram os que ajudaram nesta empresa, citando eventos do segundo semestre de 1635, pg. 66-67:</p> <p>"Detiveram-se os Governadores Holandeses na povoação doze dias, e deixando nela duzentos soldados de guarnição, se partiram com toda a outra gente por mar, e por terra, dizendo que iam em seguimento de Matias de Albuquerque, e chegando a Parapueira (que é um sítio na praia entre o rio de Santo Antônio o grande, e a Alagoa, fabricaram uma bizarra fortaleza de terra, e faxina, a qual guarneceram com seiscentos soldados, e boa artilharia, e deixando nela por Cabeça o Mestre de Campo Artixof, vieram fazer outro reduto no rio de Camaragibe, aonde chamam o Passo, aonde ficou com cento e vinte soldados, Jacobo Estacour, um dos que assistiam no seu supremo conselho) com o que tomaram todos os caminhos, assim por a praia do mar, como por o sertão por os quais se podia ir, e vir a Alagoa, ainda que logo os nossos soldados abriram outros por o mato."</p> <p>@ Volume 1, CAPÍTULO III, Das coisas que sucederam em Pernambuco depois da chegada de Dom Luís de Rojas y Borja até a hora de sua morte, indicando que forças neerlandesas comandadas pelo Mestre de Campo Crestofle d'Artischau Arciszewski estavam estacionadas em Paripueira, no flanco da investida de Dom Luiz de Roxas de Geragua ('Pta Iaragea' - Ponta do Jaraguá, na Alagoa do Norte, atual cidade de Maceió-AL) para Porto Calvo, fator determinante para a vitória neerlandesa na Mata Redonda em 18 de janeiro de 1636, pg.69:</p> <p>"Tanto que o Mestre de Campo Artixof soube que Dom Luiz de Roxas era passado com sua infantaria, entendendo que o Governador Sigismundo, que estava na povoação, estaria em grande aperto, ou cercado, e que tinha pouca gente consigo, partiu da Paripueira com mil e quinhentos soldados, e veio em seguimento de Dom Luiz de Roxas, o qual sabendo como ele era partido, e não estando certo do caminho por onde vinha marchando, mandou espias por todas as partes, e principalmente à praia, porquanto por ali lhe diziam que podia o inimigo vir com mais facilidade; e ele mesmo se abalou com toda a infantaria a esperá-lo, e nunca sua gente descansou até que soube de certo o por onde o inimigo vinha marchando; e sendo certificado de que vinha por Camaragibe, e que ali abrasara com fogo três engenhos, e todas as casas dos moradores daquele distrito, e que vinha entrando por o caminho da Mata Redonda na derrota da povoação, logo lhe saiu ao encontro com mil e trezentos infantes, e deixou na povoação ao Tenente-General Manuel Dias de Andrada com trezentos e cinquenta soldados em resguardo da pólvora, e das mais munições, e bastimentos. "</p> <p>@ Volume 1, CAPÍTULO III, pg. 76, descrevendo os acontecimentos da batalha da Mata Redonda:</p> <p>"... andava Dom Luiz de Roxas no meio do nosso esquadrão, animando os soldados, e provendo os postos como via ser necessário, e</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.

Topônimo	Dados e citações:
	<p>tendo a cara para o inimigo, eis que vem uma bala de entre o nosso esquadrão, e lhe deu por as costas, e o passou de parte a parte, caiu ele em terra, e logo se tornou a levantar, dizendo: Não é nada, adiante soldados, que o inimigo vai vencido; dêem-me o meu cavalo. E querendo pôr o pé no estribo para cavalgar, disse estas palavras: Es posible que esto se me haze estando entre fidalgos Portugueses? E logo caiu estendido em terra morto. Henrique Teles de Melo, e o Padre Frei Manuel o retiraram para um mato, e o meteram em uma quebrada, e o cobriram com folhas secas por não ser achado, e tornando para o esquadrão, que andava mui aceso na briga, correu palavra, que o Mestre de Campo General era morto, e logo os de barrigas grandes, que nos haviam acompanhado a cavalo, não para pelejar, senão para ver touros de palanque, de cima de um outeiro, logo começaram a virar os cavalos, e a fugir; e os soldados vendo isto, imaginando que o inimigo poderia ter deitado alguma manga para os acolher no meio, começaram a virar, e em breve se começaram a meter por entre os matos, e uns após outros desampararam o campo, e se vieram retirando para a povoação, cada um por o caminho, ou vereda que se lhe oferecia; e só o Capitão Camarão, e o Rebelinho saíram de dentro do mato (donde brigaram) saindo ao alto do monte, e dali com vagaroso passo, e ordem se vieram retirando, fazendo alto algumas vezes, e virando a cara ao inimigo, o qual não veio em seu seguimento, antes se deixou ficar no mesmo lugar da batalha, aonde tinha duzentos mortos, dos quais enterrou os oficiais no mato, e levou mais de quatrocentos feridos, e se tornou por o mesmo caminho por onde havia vindo, para o forte da Parapueira." .</p> <p>► (Pudsey, circa 1670), relatando eventos ocorridos em 1635: @ pg. 91, Fólio 20r. e pg.93, Fólio 20v.: "O governador marchou até um largo rio chamado Santo Antônio Grande.²⁹⁸ E entre esse rio e o rio de São Gonçalo²⁹⁹ acampou, em uma estreita passagem, tendo do lado leste o mar e do lado oeste as florestas selvagens. E como os dois rios ficam ao norte & ao sul, deixou na entrada do rio de Santo Antônio um pequeno navio para funcionar como espia, situado a cerca de uma légua ou mais de nosso quartelamento com o exército. E no lado norte, no rio de São Gonçalo, colocou um forte com uma dupla paliçada de madeira,³⁰⁰ tendo o forte dois baluartes para fazer fogo sobre o rio e um outro sobre a praia. A cerca de um tiro de canhão mais acima, sobre a passagem, foi feito um outro forte, que foi colocado no lado de trás de nosso acampamento, em direção à selva, pois havia sido confiadamente assegurado pelos habitantes da região que, sendo bloqueada essa passagem, nenhum pelotão do inimigo poderia passar para fazer dano à região, a não ser que enfrentasse nosso exército. Atrás desse forte, na praia, aquartelamos nosso exército, havendo postado baterias baixas de cada lado nosso para flanquear a praia.³⁰¹".</p> <p>► Nelson Papavero in (Pudsey, circa 1670), NOTAS, pg. 178: ²⁹⁸- "A brode rivver called Saint Antony Grande", no original. ²⁹⁹- "The rivver of St de Consolva", no original. Trata-se de uma tradução tentativa, baseada inclusive na existência de uma localidade denominada São Gonçalo, próxima à margem direita do atual rio Juçara, que deságua poucos quilômetros ao sul de Paripueira. ³⁰⁰- "A fort wth a woodden doublett", no original. Trata-se de uma tradução tentativa, já que "doublett" seria uma expressão inglesa alusiva às placas componentes de determinadas armaduras e não a estrutura de fortificações. ³⁰¹- "Havinge mayde low batteries on each syde of us to flank alongst the shoare", no original.".</p>

ANEXO 1 - TOPÔNIMOS DA REGIÃO D'O CAMINHO DO CONDE' – CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS.	
Topônimo	Dados e citações:
Tapamandé	<p>Tapamandé Natureza: rio Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Riacho afluente m.e. do 'Guaratingapri ou R. Ca[^tanha' / 'Guiratingapri' (Rio Pindoba, no baixo curso; Riacho Barreiro ou Grotta Grande no alto curso). Nomes históricos: Tapamandé; Tapamondé. Nome atual: ... Citação: ▶ (Câmara Cascudo, 1956), pg. 165: "No Guiratingapri cai o Tapamondé e, entre ambos, sobem serras, ao pé das quais há uma indicação: — Iapera d'Angola."</p>
Taperas d'Angola	<p>Taperas d'Angola Natureza: casa Mapa: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS Capitania: PARANAMBVCA Casa n'O CAMINHO DE CONDE', trecho entre o 'Guiratingapri' (Riacho Barreiro ou Grotta Grande) e o rio 'Tapamandé'. Nome histórico: Taperas d'Angola; Iapera d'Angola; Taperas de Angola. Nome atual: ... Citações: ▶ (Câmara Cascudo, 1956): @ pg. 165: "No Guiratingapri cai o Tapamondé e, entre ambos, sobem serras, ao pé das quais há uma indicação: — Iapera d'Angola. Será o quilombo velho que Roulox Baro em 1644, e Johan Blaer e Jurgens Reijmbach, no ano seguinte, tentaram destruir inutilmente?" @ pg. 171: "O "caminho do Conde" aludirá à marcha do conde João Maurício de Nassau, em 1637, perseguindo Giovanni Vincenzo San Felice, conde de Bagnuolo. É um caminho pelas abas das serras, mais de retirada do que de perseguição. Vemo-lo riscando os rios Cabuçu, Paripoera, Caipiranga, Ietitiba, Aramariji, Guaratingapri, baixando à direita da "Taperas de Angola", pelo amontoado de serras, indo passar o rio Tapamundé, acurvando-se para transpor o Iuniçu e findar no engenho de Nossa Senhora da Penha de França."</p>

ANEXO 2 - Bibliografia & Iconografia.

(4.VEL Y, 1643-1649)

Atlas manuscrito do Arquivo Nacional dos Países Baixos em Haia (AMANH) intitulado "Den Corte Beschrijvinge. Inhoudende. De Cust van Brazil ende meer andere Plaetsen" - (Uma breve descrição contendo a costa do Brasil e outros locais), documento 4.VEL Y, organizado por João de Laet, Diretor da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), contendo textos geográficos e mapas a respeito do Brasil.

Pg.	Título original (*)	Título em português (*)
Y-3	De Cust van Brazil tusschen IJhas das IJhas en Rio das Contas	A Costa do Brasil entre a Vila de Ilhéus e o Rio das Contas
Y-4	De Cust van Brazil tusschen IJhas das IJhas en Rio Rijael	A Costa do Brasil entre a Vila de Ilhéus ao Rio Real
Y-8	De revier van Cammomou ende Rio St. Bastiaen	Do Rio Camamú ao Rio São Sebastião
Y-13	De Cust van Brazil tusschen de hoeck van Suagaripa ende het eijlant Tapperijca	A Costa do Brasil entre a Ponta de Jaguaripe e a Ilha de Itaparica
Y-16	De baj Todoslossantos ende Toro de Gracidave	Da Baía de Todos os Santos à Torre de Garcia de Ávila
Y-21	De Cust van Brazil tusschen Toore de Gracidave ende Rio Vassabara	A Costa do Brasil entre a Torre de Garcia de Ávila e o Rio Vaza Barris
Y-25	De Cust van Brazil tusschen Rio Vassabara ende Rio St. Antonij Mimijn	A Costa do Brasil entre o Rio Vaza Barris e o Rio Meirim.
Y-31	De Cust van Brazil tusschen Rio St. antonij Mimijn ende Cabo St. augustijn	A Costa do Brasil entre o Rio Santo Antônio Mirim (atual Rio Meirim) e o Cabo de Santo Agostinho
Y-41	De Cust van Brazil tusschen Cabo St. augusstijn ende hoeck van Pommarel	A Costa do Brasil entre o Cabo de Santo Agostinho e a Ponta de Pau Amarelo
Y-45	De Cust van Brazil tusschen Ponto Pommarel ende Cabo Blancko	A Costa do Brasil entre a Ponta de Pau Amarelo e o Cabo Branco
Y-48	De Cust van Brazil tusschen Cabo Blancko en Rio Jan de Sta	A Costa do Brasil entre o Cabo Branco e o Rio de João Lostão (Rio Trairi)
Y-51	De Cust van Brazil tusschen Rio Jan desta en cabo Roques	A Costa do Brasil entre o Rio de João Lostão (Rio Trairi) e o Cabo de São Roque
Y-54	De Cust van Brazil tusschen cabo Roques en Bay Cazay	A Costa do Brasil entre o Cabo de São Roque e a Baía de Caiçara (do Norte)
Y-57	De Cust van Brazil tusschen de Bay Caysay en ponto abaron	A Costa do Brasil entre a Baía de Caiçara (do Norte) e a Ponta de Ubarana (Ponta Grossa)
Y-59	De Cust van Brazil tusschen ponto abaron en Rio Syara	A Costa do Brasil entre a Ponta de Ubarana (Ponta Grossa) e o Rio Ceará

(*) (Teensma, 2011).

(4.VEL Y, 2011)

ATLAS DA COSTA DO BRASIL 1643 - c. 1649, organizado por José Monteiro Soares e Cristina Ferrão, Kapa Editorial, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

(4.VEL-2156, 1649)

Anônimo: mapa manuscrito do acervo do Arquivo Nacional dos Países Baixos em Haia (AMANH), ARA. VEL 2156, intitulado CAPITANIA DE SIARA, e quadro de legendas com a explanação AFFTEÏCKENINGE Van het Fort Schoonenborç DE bay Mucúriba en den berg Ýtarema gelegen in Siara, ost ðEn 28 Aprilis Anno 1649.

(Albernaz, 1612)Mapas *in* (Moreno, 1612).

Sigla	Mapa	Pg.
RJ-SV	Descrição da costa qvn do Rio de Janeiro até o Porto de São Vicente CARTA DA COSTA SUL DO BRASIL	17
RJ	RIO DE JANEIRO CARTA DO RIO DE JANEIRO	19
MA-ST	Mostra na presente tavao toda a costa que ha entre as Ilhas de maricaha e o Cabo de São thome ... CARTA DA COSTA LESTE/SUL DO BRASIL	21
ES	Demonstração da Capitania de Espirito Santo ... CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (1ª)	25
PS	Porto Seguro CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (2ª)	27
AB	De mostraçõ da Sonda dos Abrolhos na Costa do Brasil desdo Rio dos Frades e ponta de Cozunbabo até ORio das Caravelas ... CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (3ª)	29
SA-RG	Mostra abarra do Santo Antonio que ate o Rio grande ... CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (4ª)	33
IL	CAPITANIA DOS ILHEOS CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (5ª)	35
CA_SP	RIO DAS CONTAS CAMAMV MORRO DE S PAVLO CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (6ª)	37
BTS	A BAHIA DE TODOS OS SANTOS CARTA DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS	45
SE	SIRIGIPE DEL REI CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (7ª)	51
RSF	RIO DE SÃO FRANCISCO CARTA DO CURSO DO RIO SÃO FRANCISCO	55
PE	CAPITANIA DE PERNÃOBVCO CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (8ª)	63
REC	Recife senpre descuberto de agoas viuas lavado dagga CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (9ª)	65
IT	CAPITANIA DE ITAMARACA CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (10ª)	69
PB	PARAIBA OV RIO DE SÃO.DOMINGOS CARTA DA BARRA DO RIO PARAÍBA	75
RG	(Rio Grande) & PRANTA DO FORTE QVE DEFENDE A BARRA DO RIO GRANDE CARTA DA COSTA LESTE DO BRASIL (11ª)	81
RG-CE	Desrprção do verdadeiro descubrimento e nova conquista do Rio de Iaguaribe ... CARTA DA COSTA NORTE/LESTE DO BRASIL	83
MA	MARANHÃO CARTA DO MARANHÃO	85

(Almeida, 1965)

Almeida, Elpídio de: COPAOBA-BORBOREMA, in Revista Campinense de Cultura, Ano II, nº 06, dezembro de 1965, pg. 5-11.

(Anônimo, 1711)Anônimo(*): MEMÓRIA HISTORICA DA CIDADE DE CABO FRIO E DE TODO O SEU DISTRITO COMPREENDIDO NO TERMO DE SUA JURISDIÇÃO - ANNO DE 1707, *in* Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil, Tomo XLVI, Parte I, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1883, pg. 205-236.

(*) Nota da Redação, pg. 236:

"Esta memoria não traz nome do autor, e foi oferecida ao Instituto historico e geographico brasileiro pelo conselheiro Jozé Paulo Figueroa Nabuco d'Araujo."

Disponível em

http://www.ihgb.org.br/trf_arq.php?r=rihgb1883t00461.pdf acesso em 21/12/2010.**(Antonil, 1711)**

Antonil, André João: CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL POR SUAS DROGAS E MINAS, Introdução e Notas por André Mansuy Diniz Silva, EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2007.

(Barbosa, 2000)

Barbosa, José Elias Borges: AS NAÇÕES INDÍGENAS DA PARAÍBA, *in* Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil, IHGP, Secretaria de Educação e Cultura do Estado, João Pessoa, Paraíba, Brasil, 2000.

Disponível em

<http://ihgp.net/pb500i.htm>

acesso em 20/04/2010.

(Barléu, 1647)

Barléu, Gaspar: HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OITO ANOS NO BRASIL ... , tradução e anotações de Cláudio Brandão, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, Brasil, MCMXL.

- Versão em português, edição brasileira de 1940 acima referenciada, disponível em

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03973800#page/2/mode/1up>

acesso em 11/11/2010.

- Edição original de 1647, em latim, disponível em

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00246000#page/1/mode/1up>

acesso em 15/11/2010.

# prancha	Mapa ou Imagem	Ante pg.
1	Cirii.	25
2	Parnambucum.	25
3	Parnamb. et Tamarica.	25
4	Parayba et Rio Grande.	25
6	Prælium Propè Portum Calvum.	37
7	Portus Calvus.	37
8	Obŕidio et expugnatio Portus Calvi.	37
9	Civitas Olinda.	41
10	Olinda.	41
12	Serinhaim.	41
13	Civitas Formosa Serinhamensis	41
16	Castrum Mauritj.	43
17	Castrum Mauritj ad ripam fl. S. Francisci.	43
18	I. Tamarica.	53
19	Insula Tamarica	53
24	Siara.	67
25	Arx Siara.	67
26	Fl. Parayba.	71
27	Parayba.	71
28	Ostium fluminis Parayba.	71
29	Castrum Ceulii, Rio Grande.	75
30	Fl. Grandis.	75
33	Insula Antonii Vazii.	137
35	Mauritiopolis. Reciffa	137
36	Caput S. Augustini.	137
37	Caput S. Augustini.	137
40	Mauritiopolis Reciffa et circumjacentia castra.	147

(Baro, 1647)

Baro, Rodolfo: RELAÇÃO DA VIAGEM DE ROULOX BARO intérprete e Embaixador Ordinário da Companhia das Índias Ocidentais ... na terra firme do Brasil. Começada no dia três de abril de 1647 e terminada no dia quatorze de julho do mesmo ano. Traduzida do holandês para o francês por PIERRE MOREAU, de Paray em Charolois, *in* História das últimas lutas no Brasil entre holandeses e portugueses, 1651, Ed. Itatiaia - Ed. Universidade de São Paulo; Belo Horizonte, MG, São Paulo, SP; 1979; Coleção visão holandesa - Reconquista do Brasil, V.54.

(Beck, 1649)

Beck, Mathias: DIÁRIO DA EXPEDIÇÃO DE MATHIAS BECK AO CEARÁ EM 1649, tradução de Alfredo de Carvalho, *in* REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO DO CEARÁ, Tomo XVII - Ano XVII, ano do TRICENTENÁRIO DO CEARÁ, 1903, Fortaleza, Ceará, pg. 339-417.

Disponível em

<http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/Rev-apresentacao/RevPorAno/1903/1903-DiarioMathiasBeck.pdf>

acesso em 12/01/2011;

- Mapa CAPITANIA DE SIARA, mapa do "Diário de Mathias Beck", *in* (Câmara Cascudo, 1956), pg. 280-281.

(Blaeu, 1665)

Blaeu, Joan: ATLAS MAIOR OF 1665, introduction and texts by Peter Van Der Krogt, based in the copy of Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, with a selection of original texts by Joan Blaeu, directed and produced by Benedikt Taschen, Taschen GmbH, Köln, Deutschland, 2010.

ISBN 978-3-8365-2412-4.

(Broeck, 1651)

Broeck, Matheus van den: DIÁRIO OU NARRAÇÃO HISTÓRICA (1645-1646), traduzido e anotado por José Hygino Duarte Pereira, *in* Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Tomo XL, Parte Primeira, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1877, pg. 5-65.

Disponível em

http://www.ihgb.org.br/trf_arq.php?r=rihgb1877t00401.pdf

acesso em 7/9/2011.

Edição original:

Broeck, Matheus vanden - Journael/ ofte Historiaelse Beschrijvinge van Matheus vanden Broeck, t' Amstelredam, Voor Gerrit van Goedesbergen, Boeck-verkoo- per op het water, by de nieuwe-brugh, inde Delfte Bybel, Anno 1651.

Disponível em Brasileira USP

http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/02112900/021129_COMPLETO.pdf

acesso em 7/9/2011.

(Brommer, 2012)

Brommer, Bea: A CARTOGRAFIA NEERLANDESA SOBRE O BRASIL, tradução para o português de Josafa Terto de Amorim, *in* (Amorim, 2012), Capítulo 2, pg. 48-80.

(Brommer & Heijer, 2011)

Brommer, Bea; Heijer, Henk den; et all: GROTE ATLAS VAN DE WEST-INDISCHE COMPAGNIE, Deel I : De Oude WIC, 1621-1674, Uitgeverij Asia Maior/Atlas Maior, Voolburg/Den Haag, Netherlands, 2011.

ISBN/EAN 978 90 74861 33 5.

(Bullestrat, 1642)

Bullestrat, Adriaen Van: NOTAS DO QUE SE PASSOU NA MINHA VIAGEM, DESDE 15 DE DEZEMBRO DE 1641 ATÉ 24 DE JANEIRO DO ANO SEGUINTE DE 1642, REDIGIDO PELO ALTO E SECRETO CONSELHEIRO ADRIAEN VAN BULLESTRAT, *in* Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 2 - A ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985, DOCUMENTO 4, pg. 141-197.

(Calado, 1648)

Calado, Frei Manoel: O VALEROSO LUCIDENO, Volumes 1 e 2, Editora Itatiaia Ltda., Belo Horizonte, Minas Gerais, Editora da Universidade de São Paulo, Brasil, 1987.

(Câmara Cascudo, 1947)

Câmara Cascudo, Luís da: HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, UFRN/INL/MEC, Civilização Brasileira, 2ª Edição, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1980.

(Câmara Cascudo, 1955)

Câmara Cascudo, Luís da: HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE, Fundação José Augusto, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, Achiamé - 2ª Edição, 1984.

(Câmara Cascudo, 1956)

Câmara Cascudo, Luís da: GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDES, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1ª Edição, 1956.

(Câmara Cascudo, 1968)

Câmara Cascudo, Luís da: NOMES DA TERRA, Fundação José Augusto, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 1ª Edição, 1968.

(Castello Branco, 1951)

Castello Branco, José Moreira: O RIO GRANDE DO NORTE E O ROTEIRO DE GABRIEL SOARES, *in* Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Volume 202, Janeiro-Março, 1949, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1951, pg. 133-138.

Disponível em

<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1949volume0202c.pdf>

acesso em 10/11/2011.

(Carpentier, 1635)

Carpentier, Servaes: RELATÓRIO SOBRE A CAPITANIA DA PARAÍBA EM 1635, PELO Sr. Dr. SERVAES CARPENTIER, CONSELHEIRO POLÍTICO E DIRETOR DA MESMA CAPITANIA, *in* [\(Gonsalves de Mello, 1985\)](#), DOCUMENTO 1, pg. 39-52.

(Cardim, 1625)

Cardim, Fernão: TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL, Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, J. Leite & Cia., Rio de Janeiro-RJ, Brasil, 1925.

* 1625 é o ano da publicação por Samuel Purchas do *Treetise of Brazil written by a Portugall which had long lived there*. Ao texto, atribui-se 1584-1585 como o ano em que foi escrito.

(Cavalcanti; Cunha, 2006)

Cavalcanti, Carlos André; Cunha, Francisco Carneiro: PERNAMBUCO AFORTUNADO, DA NOVA LUSITÂNIA À NOVA ECONOMIA, INTG-Instituto de Gestão, Recife, Pernambuco, Brasil, 2006.

(Coelho, 1654)

Coelho, Duarte de Albuquerque: MEMORIAS DIARIAS DE LA GVERRA DEL BRASIL, POR DISCURSO DE NVEVE años, empeçando desde el de M. DC. XXX, Madrid, por Diego Diaz de la Carrera, Impressor del Reyno, año 1654.

Disponível em

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00592400#page/1/mode/1up>

acesso em 22/2/2012.

Edição traduzida:

Coelho, Duarte de Albuquerque: MEMÓRIAS DIÁRIAS DA GUERRA DO BRASIL PELO DECURSO DE NOVE ANOS, COMEÇANDO EM 1630, tradução de Murilo Lisboa e Paula Maciel Barbosa, Editora BECA, São Paulo, SP, Brasil, 2003.

O livro é acompanhado de CD, contendo a imagem do texto original, página a página, e a respectiva tradução.

(Coriolano de Medeiros, 1950)

Coriolano de Medeiros, João Rodrigues: DICIONÁRIO COROGRÁFICO DO ESTADO DA PARAÍBA, Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, Departamento de Imprensa Nacional, Segunda Edição, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1950.

(Costa, 1623)

Costa, José Israel: AÇÚCARES QUE FIZERAM OS ENGENHOS DE PERNAMBUCO, ILHA DE ITAMARACÁ E PARAÍBA — ANO DE 1623; *in* DOCUMENTO 2 - UMA RELAÇÃO DOS ENGENHOS DE PERNAMBUCO, ITAMARACÁ E PARAÍBA EM 1623, *in* Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, pg. 21-32.

(Dicionário Tupi, 1795)

O DICCIONARIO ANONYMO DA LINGUA GERAL DO BRASIL, publicado de novo com o seu reverso por Julio Platzmann, edição facsimilar, Leipzig, B. G. Teubner, 1896, do DICCIONARIO PORTUGUEZ, E BRASILIANO, ..., Lisboa, na Officina Patriarcal, Anno M. DCC. XCV

Disponível em

http://biblio.wdfiles.com/local--files/anonimo-1896-diccionario/anonimo_1896_diccionario.pdf

acesso em 22/12/2010.

(Diegues Jr, 1949)

Diegues Júnior, Manuel: O BANGUÊ NAS ALAGOAS, edição do INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1949.

(Drewisch, 1631)

Drewisch, Andreas: GRONDT TEYCKENINGH VAN HET EYLANDT ANTONI VAAZ, HET RECIF ENDE VASTELANDT AENDE HAVEN VAN PERNAMBUCO IN BRASIL, SOODANIGH AIS DIE TEGENWOORDIGH VOOR DE WEST INDISCHE COMP. MET DE SCHANSEN, REDOUTEN ENDE ANDRE WERCKEN SIJN VOORSIEN; *in* Caert gebracht door den Ingenieur Andreas Drewisch Bongesaltensis (Langensaltensis) in Julio Anno 1631, mapa *in* (Gonsalves de Mello, 1976), pg. 37.

(Dussen, 1640)

DUSSEN, Adriaen Van der: RELATÓRIO SOBRE O ESTADO DAS CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRASIL, REDIGIDO PELO SENHOR ADRIAEN VAN DER DUSSEN, DATADO DE 10 DE DEZEMBRO DE 1639 E APRESENTADO AO CONSELHO DOS XIX NA CÂMARA DE AMSTERDAM EM 4 DE ABRIL DE 1640, *in* Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, DOCUMENTO 6, pg. 131-232.

(Emerenciano, et alii, 2007)

Emerenciano, João Gothardo Dantas, et alii: NATAL NÃO-HÁ-TAL. ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL, Prefeitura Municipal de Natal, Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 2007.

e-book disponível em

http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/File/NATAL_NAO_HA_TAL.pdf

acesso em 14/4/2010.

(Figueredo, 1933)

Figueredo, Naason: A IGREJA DE SÃO GONÇALO DE JURISSACA, *in* REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO, Vol. XXI, Ns 147 a 150, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Recife, Pernambuco, Brasil, 1931.

(Galindo; Menezes - 2003)

Galindo, Marcos; Menezes; José Luiz Mota: DESENHOS DA TERRA - ATLAS VINGBOONS, Instituto Cultural Bandepe, Recife, Pernambuco, Brasil, 2003.

(Galvão, 1977)

Galvão, Hélio: HISTÓRIA DA FORTALEZA DA BARRA DO RIO GRANDE, MEC/CFC, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2ª edição, 1979.

(Galvão, 2006)

Galvão, Hélio: CARTAS DA PRAIA, Scriptorin Candinha Bezerra, Fundação Hélio Galvão, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 2006.

(Garcia, 1927)

Garcia, Rodolpho: GLOSSARIO DAS PALAVRAS E PHRASES DA LINGUA TUPI, CONTIDAS NA "HISTOIRE DE LA MISSION DES PÈRES CAPUCINS EN L'ISLE DE MARAGNAN ET TERRES CIRCONVOISINES", DO PADRE CLAUDE D'ABBÈVILLE, *in* Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Tomo 94, Vol. 148, 1923, Rio de Janeiro, Brasil, Imprensa Nacional, 1927, pg. 5-100.

Disponível em

http://www.ihgb.org.br/trf_arq.php?r=rihgb1923t0094.pdf

e

http://biblio.etnolinguitica.org/local--files/garcia-1927-glossario/garcia_1927_glossario.pdf

acesso em 11/11/2011.

(Golijath, 1648)

Sigla	Mapa
PC	Perfecte Caerte der gelegentheyt van OLINDA de Pharnambuco MAURITS-STADT ende t RECIFFO ▶ publicado como PLANTA DO RECIFE DE C. GOLIJATH, 1648 em (Gonsalves de Mello, 1976) pg. 57. ▶ Imagem digital disponível na Biblioteca Nacional do Brasil em http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=bs&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&use=autor&disp=list&ss=NEW&arg=golijath.cornelis ou http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart535284.sid , acessos em 3/1/2009.
ASB	Afbeeldinge van drie Steden in Brasil ais Olinda de Phernambuco, Maurits Stadt, ende Reciffo, met een gedeelte der Vergea ... ▶ mapa digitalizado montado das quatro partes da PLANTA DO RECIFE DE C. GOLIJATH, 1648 publicadas em (Gonsalves de Mello, 1976), pg. 49-64.

(Gonsalves de Mello, 1947)

Gonsalves de Mello, José Antônio: TEMPO DOS FLAMENGOS, Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 4ª Edição, 2001.
(1ª edição : 1947).

(Gonsalves de Mello, 1954)

Gonsalves de Mello, José Antônio: D. ANTÔNIO FILIPE CAMARÃO, Universidade do Recife, Imprensa Oficial, Recife, Pernambuco, Brasil, 1954.

(Gonsalves de Mello, 1958)

Gonsalves de Mello, José Antônio: O ENGENHO GUARARAPES E A IGREJA DOS PRAZERES, Secretaria do Interior e Justiça, Arquivo Público Estadual, Recife, Pernambuco, Brasil, Brasil, 1958.

(Gonsalves de Mello, 1976)

Gonsalves de Mello, José Antônio: A CARTOGRAFIA HOLANDESA DO RECIFE, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, IPHAN/MEC, Recife, Pernambuco, Brasil, 1976.

(Gonsalves de Mello, 1981)

Gonsalves de Mello, José Antônio: FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981.

(Gonsalves de Mello, 1985)

Gonsalves de Mello, José Antônio: FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 2 - A ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985.

(Gonsalves de Mello, 1986)

Gonsalves de Mello, José Antônio: ESTUDOS PERNAMBUCANOS, 2ª ed. aumentada, FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais, Recife, Pernambuco, Brasil, 1986.

(Gonsalves de Mello, 1993)

Gonsalves de Mello, José Antônio: OS LIVROS DAS SAÍDAS DAS URCAS DO PORTO DO RECIFE, 1595-1605, *in* Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol. LVIII, Recife, Pernambuco, Brasil, 1993, pp. 21-85.

(Guaraná, 1916)

Guaraná, Armindo: GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO DOS NOMES DA LÍNGUA TUPI NA GEOGRAFIA DO ESTADO DE SERGIPE, *in* Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Ano II-1914, fascículos III e IV- vol. II, Aracaju, Sergipe, Brasil, 1916, pg. 297-326.

Disponível em

<http://www.ihgsc.org.br/revistas/05.pdf> acesso em 26/5/2010.

(Hamel; Bullestrate; Bas - 1646)

HAMEL, H.; BULLESTRATE, Adriaen Van; BAS, P. Jansen: RELATÓRIO APRESENTADO POR ESCRITO AOS NOBRES E PODEROSOS SENHORES DEPUTADOS DO CONSELHO DOS XIX, E ENTREGUE PELOS SENHORES H. HAMEL, ADRIAEN VAN BULLESTRATE E P. JANSEN BAS, SOBRE A SITUAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DOS REFERIDOS PAÍSES, TAL COMO SE ENCONTRAVAM AO TEMPO DE SEU GOVERNO E DE SUA PARTIDA DALI, em 20 DE AGOSTO DE 1646,

in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 2 - A ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985, DOCUMENTO 5, pg. 205-300.

(Herckmans, 1639)

Herckmans, Elias: DESCRIÇÃO GERAL DA CAPITANIA DA PARAIBA, notas de Marcus Odilon Ribeiro Coutinho, Prefeitura de Santa Rita, Santa Rita, Paraíba, Brasil, 1982.

Herckmans, Elias: DESCRPÇÃO (sic) GERAL DA CAPITANIA DA PARAHYBA, *in* REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO, outubro de 1886, Tomo V, Typographia Universal, Recife, Pernambuco, Brasil, 1886, pg. 239-288

Disponível em

<http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/jn001345.pdf>

acesso em 4/7/2010.

(IAHGP-Vingboons, 1640)

Mapas manuscritos do ATLAS editado por Johannes Vingboons, pertencentes ao IAHGP - Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

#	MAPA (*)	Observação
	◀Topônimos extremos no litoral▶	
#36 BA	CAPITANIA DO BAHIA DE TODOS SANCTOS	Inclui CAPITANIA DO SERGIPPE DEY REY e parte das CAPITANIA DO RIO ILHÉOS e CAPITANIA DO PHARNAMBUCCO
	"Rº Ilhios" (foz do Rio Ilhéus-BA).	"Pº di Iaragua" (Ponta de Jaragua-AL).
# 37 RSF	RIO Sto. FRANCISCO	Mapa com o Forte Maurício e as suas cercanias, semelhante à prancha # 16 de (Barleus, 1647), da qual possivelmente é a fonte.
	CAERTE waEr in AfgebEile wert hit fort wilekE Zyn. Ex. Graeff Mourits van Nassaviu hEift doEn lEggEn aEn RiuiEr St. francisco dEn 29en MaErt (1637).	
#38 BRASILIA	CAERTE VAN BRASILIA	Inclui a CAPITANIA DE PHARNAMBOCQVE CAPITANIA DE I. TAMARACA, CAPITANIA DE PARAYBA e CAPITANIA DE RIO GRANDE.
	"Bº di Caratuba" (Baía de Garatuba, na foz do braço do sul do Rio São Francisco-BA).	"R. Siera mirim" (barra do Rio Ceará Mirim- RN).
#39 PE-M	CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE	Mapa da parte meridional da Capitania.
	"Bº di Garatuba" (Baía de Garatuba, na foz do braço do sul do Rio São Francisco-BA).	"Bº Rotten" (Baía na praia do Patacho, ao norte da foz do Rio Tatuamunha-AL).
#40 PE-C	CAPITANIA DE PHARNAMBOCQVE	Mapa da parte central da Capitania.
	"Rº Tetemonha." (barra do Rio Tatuamunha- AL).	"Pº de Maria" (Ponta de Marin, Olinda-PE - está escrito na posição do Forte Castelo do Mar.
#43 IT	CAPITANIA DE I. TAMARICA	Inclui parte das CAPITANIA DO PHARNAMBOCQVE e CAPITANIA DE PARAIBA.
	"d Barritto" (Barreta, na Praia do Buraco da Velha - Recife-PE).	"C. Branco" (Cabo Branco-PB).
#49 PB	CAPITANIA DE PARAYBA	Inclui parte das CAPITANIA DE I. TAMARICA e da CAPITANIA DE RIO GRANDO.
	"Rº Gojana." (barra do rio Goiana ou Capibaribe Mirim, limite PE-PB).	"Pº de Pippa." (Ponta da Pipa-RN).
#51 RG	CAPITANIA DE RIO GRANDE	Inclui parte da CAPITANIA DE PARAYBA.
	"Rº Mirerÿ" (barra do Rio Miriri-PB).	"R. ZiEra mirim" (barra do Rio Ceará Mirim-RN).
#53 CE	CAPITANIA DO ZIERA	
	"Baxos dv S Roque" (Recifes de São Roque - RN).	"Rº Ziera" (foz do Rio Ceará-CE).

Esses mapas são cópias manuscritas com base em matrizes editadas circa 1639-1640. A autoria dos mapas # 38, 39, 40, 42, 49 e 51 está conflitantemente atribuída a:

- *Jorge Marcgrave*, por José Hygino Duarte Pereira, em (Pereira, 1896), pg. 82-83;
- *Cornelis Bastiaanszoon Golijath*, por José Antônio Gonsalves de Mello, em (Gonsalves de Mello, 1976), pg. 21.

(Laet, 1637)

Laet, João de: ROTEIRO DE UM BRASIL DESCONHECIDO - Descrição das costas do Brasil - Manuscrito da John Carter Brown Library, transcrito, traduzido e anotado por B. N. TEENSMA, Kapa Editorial, Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2007.

(Laet, 1644)

Laet, Ioannes de: HISTÓRIA OU ANAIS DOS FEITOS DA COMPANHIA PRIVILEGIADA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS, DESDE O COMEÇO ATÉ O FIM DO ANO DE 1636 (Iaelijck Verhael), OUTROS TEXTOS no CD, in (Coelho, 1654).

(Lobo, 2010)

Lobo, Emanuelle: MAPAS HISTÓRICOS TRAÇAM ROTA DOS HOLANDESES NO CEARÁ, in caderno Regional, Diário do Nordeste, Fortaleza, Ceará, Brasil, 5/9/2010.

(Lopes, 1999)

Lopes, Fátima Martins: MISSÕES RELIGIOSAS: ÍNDIOS, COLONOS E MISSIONÁRIOS NA COLONIZAÇÃO DA CAPITANIA DO RIO GRANDE DO NORTE, dissertação de mestrado, UFPE, Recife, Pernambuco, Brasil, 1999.

(Margrave, 1640)

Margrave, Jorge: ITINERARIO, in Câmara Cascudo, Luís da - GEOGRAFIA DO BRASIL HOLANDES, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro-RJ, 1ª Edição, 1956, pg. 199-204, nas ADENDAS, fonte primária - Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, n.º 31, p. 311, Recife, Pernambuco, Brasil, 1886.

Margrave, Jorge: ITINERARIO, in REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO, outubro de 1886, Tomo V, Typographia Universal, Recife-PE, Brasil, 1886, pg. 311-321.

Disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001345.pdf>

acesso em 4/7/2010.

Nota: o texto é de um manuscrito anônimo, cuja autoria é atribuída a Margrave pelo prof. Teensma, B. N. e outros pesquisadores neerlandeses.

(Margrave, 1648)

Margrave, Jorge: HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL, Tradução do Mons. Dr. José Procópio de Magalhães, Museu Paulista, São Paulo, SP, Brasil, 1942.

(Margrave, 1648 BQPPB)

Margrave, Jorge, et alii: mapa BRASÍLIA QUA PARTE PARET BELGIS, organização de Leonardo Dantas Silva, apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello, Editora Nega Fulô, Recife, Pernambuco, Brasil, 1978.

Reprodução fac-similar in folio das ilustrações (inclusive os mapas), publicadas em 1923 pela casa editora da Haia, Martinus Nijhoff.

(Matsuura, 2011)

Matsuura, Oscar Toshiaki: O OBSERVATÓRIO NO TELHADO, Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, Recife, Pernambuco, Brasil, 2011.

(Medeiros, 1989)

Medeiros Filho, Olavo de: NO RASTRO DOS FLAMENGOS, Fundação José Augusto, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 1989.

(Medeiros, 1997)

Medeiros Filho, Olavo de: ACONTECEU NA CAPITANIA DO RIO GRANDE, IHGRN, Depto. Estadual de Imprensa, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 1997.

(Medeiros, 1998)

Medeiros Filho, Olavo de: OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE, IHGRN, Depto. Estadual de Imprensa, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 1998.

(Medeiros, 2001)

Medeiros Filho, Olavo de: NOTAS PARA A HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE, Unipê Editora, João Pessoa, Paraíba, Brasil, 2001.

(Melo, 1929)

Melo, Mário: ENSAIO SOBE (sic) ALGUNS TOPÓNIMOS PERNAMBUCANOS, *in* Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Volume XXVIII, 1927, Ns. 131 a 134, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Recife, Pernambuco, Brasil, 1929, pg. 285-298.

Revista disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001445.pdf>

acesso em 23/5/2010.

(Melo, 1931)

Melo, Mário: TOPONÍMIA PERNAMBUCANA, *in* Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Volume XXX, 1930, Ns. 143 a 146, Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, Recife, Pernambuco, Brasil, 1931, pg. 175-231.

Revista disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001448.pdf>

acesso em 23/5/2010.

(Mello, 2010)

Mello, Evaldo Cabral: O BRASIL HOLANDÊS, Penguin & Companhia das Letras, São Paulo-SP, Brasil, 2010.

ISBN 978-85-63560-00-1

(Moreno, 1612)

Moreno, Diogo de Campos: LIVRO QUE DÁ RAZÃO DO ESTADO DO BRASIL, com mapas de João Teixeira Albernaz, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1968.

Reprodução do livro do IHGB, cópia dos mapas feitos circa 1626/1627.

(Moreno, 1615)

Moreno, Diogo de Campos: JORNADA DO MARANHÃO POR ORDEM DE SUA Magestade Feita no ano de 1614, Edições do Senado Federal, Volume 161, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2011.

(Nassau-Siegen; Dussen; Keullen - 1638)

NASSAU-SIEGEN, J. Maurice; DUSSEN, Adriaen Van der; KEULLEN, Mathijs Van: BREVE DISCURSO SOBRE O ESTADO DAS QUATRO CAPITANIAS CONQUISTADAS NO BRAZIL, PELOS HOLANDESES, 14 DE JANEIRO DE 1638, *in* Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, DOCUMENTO 5, pg. 73-125.

(Nieuhof, 1682)

Nieuhof, Joan: MEMORÁVEL VIAGEM MARÍTIMA E TERRESTRE AO BRASIL, traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos; confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues; Belo Horizonte, Minas Gerais, Editora Itatiaia; São Paulo, SP, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

(Orazi, 1698)

Orazi, Andrea Antonio (Andreas Antonius Oratij), mapas, *in* (Santa Teresa, 1698):

Sigla	Mapa/disponibilidade na web	Pg.
BRASILE	IL REGNO DEL BRASILE http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/export?mid=JCB~1~1~4956~7780001&xres=9	após a 2
PB	PROVINCIA DI PARAIBA http://catalogos.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=rd&pr=cartografia_pr&db=cartografia&fdn=189.124.172.150&tdn=objdigital.bn.br&url=http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart96519fo13.sid	após a 13
PE	PROVINCIA DI PERNAMBVCO http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/export?mid=JCB~1~1~4957~7780002&xres=9	após a 20
IT	PROVINCIA DI ITAMARACÁ http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/export?mid=JCB~1~1~4959~7780004&xres=9 http://catalogos.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=rd&pr=cartografia_pr&db=cartografia&fdn=189.124.172.150&tdn=objdigital.bn.br&url=http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart96519fo12.sid	após a 110
CE-RG	PROVINCIE DI SEARÁ E RIO GRANDE http://www.lunacommons.org/luna/servlet/detail/export?mid=JCB~1~1~4960~7790001&xres=9	após a 198

Esses mapas foram baseados nos mapas do Atlas Vingboons da Biblioteca Apostólica Vaticana, volume REG LAT 2106 (América), cujas matrizes foram compostas *circa* 1640 - fontes: (Gonsalves de Mello, 1976), pg. 20, e (Galindo; Menezes - 2003), pg. 40.

(Papavero & Teixeira, 2000)

Papavero, Nelson & Teixeira, Dante Martins: NOTAS À INTRODUÇÃO, pg. 11-12, e NOTAS À TRADUÇÃO, pg 156-188, *in* (Pudsey, *circa* 1670).

(Pereira, 1896)

Pereira, José Hygino Duarte: RELATÓRIO DE SEUS TRABALHOS, EM DESEMPENHO DA COMISSÃO DE QUE ESTEVE INCUMBIDO NA HOLANDA, COM APENSOS, *in* Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, N. 30, junho de 1886, Typographia Industrial, Recife, Pernambuco, Brasil, 1886.

Disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001345.pdf>

acesso em 4/7/2010.

(Pereira da Costa, 1902)

Pereira da Costa, Francisco Augusto: O PASSO DO FIDALGO, *in* Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, Volume X, 1902, Pernambuco, Brasil, pg. 53-74.

Disponível em

http://www.institutoarqueologico.com.br/RIAHGP/RIAHGP_X_1902.pdf

acesso em 30/9/2011.

(Pereira da Costa, 1903)

Pereira da Costa, Francisco Augusto: ANAIS PERNAMBUCANOS, 10 Volumes, Estudo Introdutório de José Antônio Gonsalves de Mello, fac-simile da edição de 1951 do Arquivo Público Estadual, FUNDARPE, Diretoria de Assuntos Culturais, Recife, Pernambuco, Brasil, 1983.

(Pereira & Spencer, 2008)

Pereira, Levy e Spencer, Walner Barros: MARGRAVE - TRILHAS E CAMINHOS DO RIO GRANDE, *in* ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL, Mneme – Revista de Humanidades, UFRN, Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out, 2008, ISSN 1518-3394.

Disponível em

http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pd_st14/spencer_st14.pdf

acesso em 20/04/2010

(Pereira, 2010)

Pereira, Levy: PREFEITURA DO RIO GRANDE - A PRESENÇA INDÍGENA NOS ENTES GEOGRÁFICOS DO MAPA DE GEORGE MARCGRAVE, palestra no MUSEU CÂMARA CASCUDO/UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 22/04/2010.

Disponível em

http://lhs.unb.br/wiki_files/levypereirapalestra2010.pdf

acesso em 15/01/2013.

(Pires, 1994)

Pires, Fernando Tasso Fragoso: ANTIGOS ENGENHOS DE AÇÚCAR NO BRASIL / introdução, história dos engenhos e legendas Fernando Tasso Fragoso Pires; estudo arquitetônico Geraldo Gomes, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1994

(Piso, 1648)

Piso, Guilherme: HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL ILUSTRADA, tradução do prof. Alexandre Correia, edição comemorativa do primeiro cinquentenário do Museu Paulista, Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP, Brasil, 1948.

(Prévost, 1757)

Prévost, Antoine François*: HISTOIRE GÉNÉRALE DES VOYAGES, OU, NOUVELLE COLLECTION DE TOUTES LES RELATIONS DE VOIAGES PAR MER ET PAR TERRE, ... ", Tome Quatorzieme, Chez Didot, Librairie, Quai des Augustins, à la Bible d'or, A Paris, France, M. DCC. LVII.

Disponível em

http://books.google.com.br/books/download/Histoire_g_n_rale_des_voyages_ou_Nouv.pdf?id=rK_oBAAAAYAAJ&output=pdf&sig=ACfU3U2aQncmU7dBQF_A7xHKaegEhoyCzA&source=gbs_v2_summary_r&cad=0

acesso em 20/04/2010

ou em

http://books.google.com.br/books/download/Histoire_g_n_rale_des_voyages.pdf?id=egQPAAAAQAAJ&output=pdf&sig=ACfU3U3RVTLQ5UCLjoOJSWqh4EYK_ZE_6w&source=gbs_v2_summary_r&cad=0

acesso em 15/04/2010.

(*) também conhecido como Prévost d'Exiles ou Abade Prévost.

(Pudsey, circa 1670)

Pudsey, Couthbert: DIÁRIO DE UMA ESTADA NO BRASIL, 1629-1640; traduzido e anotado por Nelson Papavero e Dante Martins Teixeira, Volume 3 da coletânea BRASIL HOLANDÊS, Editora Index, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

(Relação dos Engenhos, 1655)

TRASLADO DO RENDIMENTO DAS PENSÕES, REDÍZIMA E VINTENA E OUTRAS COISAS MAIS QUE ESTA CAPITANIA DE PERNAMBUCO PAGAVA AO DONATÁRIO DOM MIGUEL PORTUGAL; in DOCUMENTO 7 - UMA RELAÇÃO DOS ENGENHOS DE PERNAMBUCO EM 1655,

in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil. 1981, pg. 233-243.

(Richshoffer, 1677)

Richshoffer, Ambrosius: DIÁRIO DE UM SOLDADO DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS - 1629-1632, in CD da Editora BECA, São Paulo-SP, 2003 [in [\(Coelho, 1654\)](#)].

(*) A edição original do AMBROSIJ RICHSSHOFFERS, BRASILIANISCH -UND WEST INDIANISCHE REISE BESCHREIBUNG foi impressa por Josias Städeln, Strassburg, 1677.

(Sampaio, 1901)

Sampaio, Theodoro: O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, Memória lida no Instituto Histórico e Geographico de S Paulo; Casa Eclectica, Rua Direita 6, São Paulo, SP, Brasil, 1901.

Disponível em

http://biblio.etnolinguistica.org/local--files/sampaio-1901-tupi/sampaio_1901_tupi.pdf

acesso em 24/02/2009.

(Sampaio, 1904)

Sampaio, Theodoro: AS ETIMOLOGIAS INDÍGENAS DE ELIAS HERCKMAN, *in* RIAHGP - Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Tomo XI, 1904, Recife, Pernambuco, Brasil, pg. 30-36.

Disponível em

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001345.pdf>

acesso em 24/02/2009.

(Sampaio, 1905)

Sampaio, Theodoro: O RIO DE SÃO FRANCISCO, Trechos de um Diário de Viagem, e a CHAPADA DIAMANTINA, publicados pela primeira vez na Revista S. Cruz, 1879-80; Escolas Profissionais Salesianas (Liceu do Sagrado Coração), São Paulo, SP, Brasil, 1905.

Disponível em

http://biblio.wdfiles.com/local--files/sampaio-1905-rio/sampaio_1905_rio.pdf

acesso em 24/02/2009.

(Santa Teresa, 1698)

Santa Teresa, Frei João José de (João de Noronha Freire): ISTORIA DELLE GUERRE DEL REGNO DEL BRASILE, ACCADUTE TRA LA CORONA DI PORTOGALLO E LA REPUBBLICA DI OLANDA, Stamparia degl'heredi del Corbelletti, Roma, Itália, 1698.

(Santana, 2004)

Santana, Pedro Abelardo de: ALDEAMENTOS INDÍGENAS EM SERGIPE COLONIAL: SUBSÍDIOS PARA A INVESTIGAÇÃO DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, dissertação (Mestrado de Geografia) - Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, 2004.

Disponível em

http://www.ufs.br/bicen//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=149

acesso em 10/3/2009.

(Salvador, 1627)

Salvador, Frei Vicente do: HISTÓRIA DO BRASIL; nova edição revista por Capistrano de Abreu, editada por Weiszflog Irmãos, São Paulo e Rio, Brasil, 1918.

Esta obra de Vicente Rodrigues Palha está disponível em

http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/01861600/018616_COMPLETO.pdf

acesso em 13/10/2011.

(Schott, 1636)

Schott, Willem: INVENTÁRIO, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, DE TODOS OS ENGENHOS SITUADOS AO SUL DO RIO DAS JANGADAS ATÉ O RIO UNA, EM PERNAMBUCO, datado de 1636, *in* Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, 1981, DOCUMENTO 4, pg. 47-71.

(Silva, 2005)

Silva, Leonardo Dantas: HOLANDESES EM PERNAMBUCO 1630-1654, L. Dantas Silva, Recife, Pernambuco, Brasil, 2005.

(Sousa, 1587)

Sousa, Gabriel Soares de: TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL em 1587, 5ª edição comemorativa dos quatrocentos anos da obra, Companhia Editora Nacional, São Paulo, SP, Brasil, 1987.

(Southey, 1810)

SOUTHEY, Robert: HISTORIA DO BRASIL, 3ª edição brasileira, traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, anotada por C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, 2º volume, Editora Obelisco, São Paulo, SP, Brasil, 1965.

(Souto Maior, 1912)

Souto Maior, Pedro: UMA ASSEMBLÉIA DE ÍNDIOS EM PERNAMBUCO NO ANO DE 1645, *in* RIAGP - Revista do Instituto Archeológico e Geographico Pernambucano, Volume XV, nº 79, 1910, Imprensa Industrial I. Nery da Fonseca, Recife, Pernambuco, Brasil, 1912, pg. 61-77.

Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41449

acesso em 12/3/2011.

(Tavares de Lira, 1921)

Tavares de Lira, Augusto: HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE, Fundação José Augusto, 2ª edição, atualização gráfica do prof. Waldson Pinheiro, Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1982.

(Teensma, 1997)

Teensma, Benjamin Nicolaas: A MISSÃO DE RODOLFO BARO AO ENCONTRO DE NHANDUÍ NA SERRA DE MACAGUÁ, EM 1647, *in* BRASIL HOLANDESE, Index Editora, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1997, pg. 228-248.

(Teensma, 2011)

Teensma, Benjamin Nicolaas: BREVE DESCRIÇÃO DA COSTA DO BRASIL E MAIS ALGUNS LUGARES, UM ATLAS MANUSCRITO ANÔNIMO E SEM DATA DOS ANOS 1640, TRANSCRIÇÃO E NOTAS, *in* (4.VEL Y, 2011), pg. 33-243.

(Terto de Amorim, 2012)

Amorim, Josafa Terto (organizador): O SIARA NA ROTA DOS NEERLANDESES, Utrecht, Holanda, 2012.

Obra depositada na Koninklijke Bibliotheek, Haia, Países Baixos, ISBN:978-90-819522-0-0, disponível em <http://www.bookess.com/read/14473-o-siara-na-rota-dos-neerlandeses/> acesso em 29/10/2012.

(Terto de Amorim, 2012) CEARÁ

Amorim, Josafa Terto: O CEARÁ SEGUNDO OS NEERLANDESES DO SÉCULO XVII, *in* (Amorim, 2012), Capítulo 10, pg. 245-296.

(Vainfas, 2008)

Vainfas, Ronaldo: TRAIÇÃO - UM JESUÍTA A SERVIÇO DO BRASIL HOLANDÊS PROCESSADO PELA INQUISIÇÃO, Companhia das Letras (Editora Schwarcz Ltda), São Paulo, SP, Brasil, 2008.

(Verdonck, 1630)

Verdonck, Adriaen: MEMÓRIA OFERECIDA AO SENHOR PRESIDENTE E MAIS SENHORES DO CONSELHO DESTA CIDADE DE PERNAMBUCO, SOBRE A SITUAÇÃO, LUGARES, ALDEIAS E COMÉRCIO DA MESMA CIDADE, BEM COMO DE ITAMARACÁ, PARAÍBA E RIO GRANDE SEGUNDO O QUE EU, ADRIAEN VERDONCK, POSSO ME RECORDAR. ESCRITA EM 20 DE MAIO DE 1630,

in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 1 - A ECONOMIA AÇUCAREIRA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1981, pg. 34-46.

(Walbeek & Moucheron, 1643)

Walbeek, Johannes Van et Moucheron, Hendrick de: RELATÓRIO SOBRE A SITUAÇÃO DAS ALAGOAS EM OUTUBRO DE 1643; APRESENTADO PELO ASSESSOR JOHANNES VAN WALBEECK E POR HENDRICK DE MOUCHERON, DIRETOR DO MESMO DISTRITO E DOS DISTRITOS VIZINHOS, EM DESEMPENHO DO ENCARGO QUE LHES FOI DADO POR SUA EXCIA. E PELOS NOBRES MEMBROS DO ALTO CONSELHO,

in Gonsalves de Mello, J. A., FONTES PARA A HISTÓRIA DO BRASIL HOLANDÊS, vol. 2 - A ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA, Parque Histórico Nacional dos Guararapes, MEC/SPHAN/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, Recife, Pernambuco, Brasil, 1985, DOCUMENTO 3, pg. 113-139.

(Whitehead, 1987)

Whitehead, Peter J. : THE MARCGRAF MAP OF BRAZIL (O Mapa do Brasil de Marcgraf), in The Map Collector journal, 1 de junho de 1987, pg. 17-20, tradução de Levy Pereira.

(*) tradução para o português disponível em (Pereira, 2010).

(Zandvliet, 2002)

Zandvliet, Kees: MAPPING FOR MONEY - MAPS, PLANS, AND TOPOGRAPHIC PAINTINGS AND THEIR ROLE IN DUTCH OVERSEAS EXPANSION DURING THE 16TH AND 17TH CENTURIES, Batavian Lion International, Amsterdam, Netherlands, 2002.

MAPAS AVULSOS:

TÍTULO	FONTE	pg.
Caerte van de Haven van Pharnambocque met de Stat Mouritia, 't Dorp Reciffo en Byleggende forten met alie gelengheden van dien. In 't Jaer Anno 1639	(Gonsalves de Mello, 1976)	45
CAPITANIA DE SIARA Mapa do Diário de Mathias Beck, 1649	(Câmara Cascudo, 1956)	280

TÍTULO	FONTE
BRASILIA PARS CAERTE VanδΕ Cust Van BRASÿL βΕginEnδΕ van R. fΕrmoso Enδ Einδicht aEn Cabo Roia ... G.V.S. (Geleyns van Stapel), 1632	►(Galindo; Menezes - 2003), pg. 30. ►R.UNIV. BIBLIOTHEEK LEIDEN Biblioteca da Universidade de Leiden, Holanda. Cota: (UBLCKA.COLL BN 054-07-001)
Kaart van HET EYLANT I. TAMARICA 1648, manuscrito.	Coleção de mapas do Arquivo Nacional em Haia Cotas: (NA 4 VEL 707). ARA. VEL 707.
PORTO CALVO Vista aérea de Porto Calvo durante a invasão pelo Conde João Maurício de Nassau Originalmente feito por Christoffel Artichowsky.	Coleção Bodel Nijenhuis R.UNIV. BIBLIOTHEEK LEIDEN Biblioteca da Universidade de Leiden, Holanda. Cota: (UBLCKA.COLL BN 002-12-076)

ANEXO 3 — MAPA DE MARCGRAVE DO BRASIL	
Sigla	Descrição
BQPPB	<p>BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS; * Conhecido como o <i>Mapa do Brasil de George Marcgrave</i>. * Formato: mapa mural, mapa de parede, <i>wandekaart, tableau</i>. * <i>Tableau</i> colorido (conhecido apenas um exemplar do século XVII, ainda não colorido); * Contem explicações técnicas, legenda, dedicatórias, vinhetas de Frans Post, e dois mapas: <ul style="list-style-type: none"> o BRASILIA qua parte paret BELGIS e o MARITIMA BRASILLÆ UNIVERSÆ. * Mapa de grandes dimensões: <ul style="list-style-type: none"> o Klencke (British Museum): 1,7 m altura por 2 m largura, incluindo o texto sobre o Brasil; o Blaeu: 163,7 cm largura por 102,0 cm altura, ou 148,8 cm de altura incluindo o texto sobre o Brasil. * Fonte para os mapas SE, PE-M, PE-IT e PB-RG, os quais são recortes ou secções desse mapa. * Edições: <p>Gonsalves de Mello (Cartografia Holandesa do Recife, PHNG/IPHAN/MEC, Recife, 1982, pg. 21) nos informa: "<i>Foi publicada pela primeira vez em Amsterdam por Joan Blaeu em 1647; reeditado naquela cidade por Huych Allard em 1659, e por Clement de Jonghe em 1664. Em 1923 a casa editora da Haia, Martinus Nijhoff, reeditou-o, quer em folhas soltas quer coladas em linho, formando tableau.</i>".</p> <p>A edição de 1923 tinha exemplares coloridos e em preto e branco.</p> * Edição brasileira, em preto e branco: <p>BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS, organização de Leonardo Dantas Silva, apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Editora Nega Fulô, 1978. Reprodução fac-similar in folio das ilustrações publicadas em 1923 pela casa editora da Haia, Martinus Nijhoff.</p>
BRA	<p>BRASILIA</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: BRASILIA qua parte paret BELGIS; * É o mapa principal do BQPPB; * é o mapa em maior escala, representando o território do <i>BRASILIA qua parte paret BELGIS</i> (Brasil Holandês), de forma contínua, do rio Vaza Barris, em Sergipe del Rei, ao rio Ceará Mirim, no Rio Grande; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Mapa de retângulo esférico de 6°19' x 4° com réguas de latitude e longitude: <ul style="list-style-type: none"> o Régua de latitude situada na base de mapa: <ul style="list-style-type: none"> o Início no paralelo 5° 28' S e término no paralelo 11° 47' S; o Comprimento da régua de latitude: 6° 19'. o Régua de longitude situada na lateral esquerda do mapa: <ul style="list-style-type: none"> o Início no meridiano 336° 50' e término no meridiano 340° 50' (contados a Leste de Uraniburgo); o Comprimento da régua de longitude: 4°.
SE	<p>SERGIPE</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURA DE CIRÏÏI vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuáma; * Formato: prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BQPPB acima): base 53 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Não tem réguas de latitude e longitude. * Mapa da CAPITANIA DE ÇIRÏÏI (Sergipe), com versões coloridas ou não; * Limites desse mapa: <ul style="list-style-type: none"> o Sul: rio <i>Potiîpeba</i> ou <i>Rio de Vazarbarries</i> (rio Vaza Barris); o Norte: rio <i>Parapîtinga</i> ou <i>Rio de S.Francifco</i> (rio São Francisco); * Disponível em versões coloridas ou não; * Título e escala na base direita, em latim; * Decorado no topo com a vinheta da tiara com frutos do Brasil, no centro com a vinheta com três animais (onça, capivara e tapir), e, no oceano, navios a vela, dois deles engajados numa batalha, e um barco a remo; * Publicado no livro de Gaspar Barleus (Caspar van Baerle ou Barlaeus), <i>História dos feitos recentemente praticados nos últimos oito anos no Brasil</i> (<i>Rerum per octennium in Brasilia . . . historia</i>), primeira edição em 1647, e em todas edições subsequentes, inclusive suas edições brasileiras; * Edições posteriores: inserido no <i>Atlas Maior</i>, de Joan Blaeu, de 1665, e outros; * Publicado no Brasil, juntamente com os outros três mapas das Prefeituras (Pernambuco Meridional, Pernambuco Boreal com Itamaracá, Paraíba com Rio Grande) no Recife, <i>in carta</i>, na pasta: <p><i>O Brasil que Nassau conheceu</i>. Organização de Leonardo Dantas Silva, apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: SEC, Departamento de Cultura, 1979. (Coleção pernambucana: 1a fase, v. 20). Reprodução fac-similar in folio das ilustrações da 1. ed. da obra de Gaspar Barlaeus, impressa em Amsterdã (1647), 58 gravuras, 27 assinadas por Frans Post (1612-1680) e 15 datadas de 1645.</p>

ANEXO 3 — MAPA DE MARCGRAVE DO BRASIL

Sigla	Descrição
PE-M	<p>PERNAMBUCO MERIDIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS; * Formato prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 43 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Não tem réguas de latitude e longitude. * Mapa do sul da CAPITANIA DE PARANAMBUCÆ, hoje Estado de Alagoas; * Disponível em versões coloridas ou não; * Limites desse mapa: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: rio <i>Parapitinga ou Rio de S. Francisco</i> (rio São Francisco), que é o limite entre as Capitâneas de Pernambuco e a de Sergipe del Rei; ▫ Norte: rio <i>Guaraíguacú ou R. d. S. Ant. Grande</i> (rio Santo Antônio Grande); * Título e escala no topo direito, em latim; * Decorado com a parte esquerda da vinheta da cena de pesca com rede, e , no oceano, navios a vela, uma baleia e um barco a remo; * Publicações: idem SE acima.
PE-IT	<p>PERNAMBUCO BOREAL E ITAMARACÁ</p> <ul style="list-style-type: none"> * Título: PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRÆFECTURA de ITÂMARACÂ; * Formato prancha; * Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 53 cm, altura 41 cm; * Escala de 1 : 2.600.000 (±100.000) - edição brasileira acima citada. * Mapa com régua de latitude e sem a régua de longitude: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Régua de latitude situada na base de mapa; <ul style="list-style-type: none"> ○ Início no paralelo 7° 28' S e término no paralelo 9° 32' S; ○ Comprimento da régua: 2° 4'. * Disponível em versões coloridas ou não; * Mapa do norte da CAPITANIA DE PARANAMBUCÆ e da CAPITANIA DE ITÂMARACÂ, território hoje pertencente ao norte do Estado de Alagoas e ao Estado de Pernambuco. O limite atual entre esses Estados é no rio <i>Piráçununga</i> (hoje, rio Persinunga). A Capitania de Itamaracá foi absorvida pelo Estado de Pernambuco. * Limites nesse mapa: <ul style="list-style-type: none"> ▫ A CAPITANIA DE PARANAMBUCÆ: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: rio <i>Guaraíguacú ou R. d. S. Ant. Grande</i> (rio Santo Antônio Grande); ▫ Norte: <i>Zuyder gadt</i> (Canal de Santa Cruz) e a linha <i>Os marcos</i> (na parte leste desta linha demarcatória estava chantado um marco de pedra, que hoje está no IHGPE - Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco, no Recife.). ▫ A CAPITANIA DE ITÂMARACÂ: <ul style="list-style-type: none"> ▫ Sul: <i>Zuyder gadt</i> (Canal de Santa Cruz) e a linha <i>Os marcos</i> (já comentada). ▫ Norte: linha <i>Os marcos</i> (linha demarcatória cujo marco leste fica na foz do rio <i>Capitãbarimiri</i> (rio Goiana) e o marco oeste ao sul do rio <i>Cupecura</i> (atual rio Cupissura). * Título e escala no topo esquerdo, em latim; * Na base, a NOTULARUM EXPLICATIO, nota explicativa ou quadro de legendas, com a convenção para os símbolos e entes geográficos desenhados no mapa, redigida em latim e português; * O oceano está decorado com barcos a vela e a vinheta da cena do primeiro combate da batalha naval Oquendo vs Pater, em 12/01/1640; * No topo, está decorado com parte da vinheta do engenho de açúcar com roda d'água, parte direita, quase completa; * Decorado com os brasões das capitâneas PERNAMBUCÆ e I. TAMARICÆ; * Publicações: idem SE acima.

ANEXO 3 — MAPA DE MARCGRAVE DO BRASIL

Sigla	Descrição
PB-RG	<p>PARAÍBA E RIO GRANDE</p> <ul style="list-style-type: none">* Título: PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE;* Formato prancha;* Dimensões (versão da editora Nega Fulô - vide BB acima): base 53 cm, altura 41 cm;* Escala de 1 : 2.600.000 (± 100.000) - edição brasileira acima citada.* Não tem réguas de latitude e longitude.* Disponível em versões coloridas ou não;* Mapa da CAPITANIA DE DE PARAIBA, hoje Estado da Paraíba, e da CAPITANIA DE RIO GRANDE, atual Estado do Rio Grande do Norte* Com versões coloridas ou não;* Limites nesse mapa:<ul style="list-style-type: none">▫ A CAPITANIA DE PARAIBA:<ul style="list-style-type: none">▫ Sul: linha <i>Os marcos</i> (linha demarcatória cujo marco leste fica na foz do rio <i>Capitãbarimirĩ</i> (rio Goiana) e o marco oeste ao sul do rio <i>Cupecura</i> (atual rio Cupissura);▫ Norte: <i>Os marcos</i>, linha demarcatória cujo marco leste fica nas cercanias das lagoas <i>Vpabuna</i> (uma dessas lagoas hoje é denominada Lagoa das Negras e a praia se chama Praia da Pavuna) e o marco oeste está, ou estava, na região atualmente conhecida como "Os Marcos", próximo às margens do rio <i>Guaiçĩ</i> (localmente chamado de Rio da Canoa, efetivamente é o alto curso do rio Guajú, da nascente até receber o rio <i>Íriuna</i> (hoje, rio da Volta);▫ A CAPITANIA DE RIO GRANDE:<ul style="list-style-type: none">▫ Sul: a linha <i>Os marcos</i>, acima comentada;▫ Norte: o rio <i>Ciamirĩ</i> (rio Ceará Mirim);* Título e escala na base direita;* No oceano estão decoradas três cenas do segundo ao quarto embates da batalha naval Oquendo vs Pater, respectivamente ocorridos em 13/01/1640, 14/01/1640 e 17/01/1640;* Vinhetas:<ul style="list-style-type: none">▫ Topo direito, fração direita da cena do engenho de açúcar;▫ Topo esquerdo, a cena da vila com igreja e tropa composta de neerlandeses e brasileiros em marcha, bandeira desfaldada.* Decorado com os brasões da PARAIBA e RIO GRANDE;* Publicações: idem SE acima.

ANEXO 4 - O mapa MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ	
Sigla	Descrição
MBU	<p>MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Título: MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ; <input type="checkbox"/> Sigla: MBU; <input type="checkbox"/> É o mapa em menor escala, desenhado no mapa mural BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS; <input type="checkbox"/> Está no canto inferior esquerdo do BQPPB. <input type="checkbox"/> Escala de 1 : 16.000.000 (±100.000) - edição brasileira. <input type="checkbox"/> Limites desse mapa: <ul style="list-style-type: none"> ◦ sul: 'R. de S Franciſco' (rio de São Francisco, foz na Baía de São Francisco ou Babitonga, em São Francisco do Sul- SC); ◦ norte: 'S. Sebaſtian' (Fortaleza de São Sebastião, às margens do rio Ceará, em Fortaleza-CE). <input type="checkbox"/> Contém topônimos das Capitanias de São Vicente, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande e Ceará (sem a nomear). <input type="checkbox"/> Detalha onde se insere o BRASILIA SUB REGIMINE BATAVORUM (Brasil neerlandês). <input type="checkbox"/> Autoria: <ul style="list-style-type: none"> ► Martijn Storms, professor na Universidade de Leiden, em conferência intitulada "The wall map of Dutch Brazil by Georg Marcgraf", proferida no Simpósio comemorativo de 400 anos do nascimento de Georg Marcgraf, Leiden, Holanda, 23/09/2010 (filmada por Levy Pereira) afirma que esse mapa é 'Blau's map of Brazil, in Blau's atlas', ou seja, produzido por Blau baseado em mapas existentes na casa editora de Joan Blau Sr., sita em Amsterdam; ► (Terto de Amorim, 2012) CEARÁ, pg. 269, segue Martijn Storms: "Ou ainda no mapa de Blau com o título Marítima Brasiliae Universae, publicado em 1647 e que para muitos é tido como um mapa de Marcgraf algo inviável. * <p>...</p> <p>* Um agradecimento a Martijn Storms pelas sugestões sobre a autoria do mapa Marítima Brasiliae Universae."</p> <p>► (Brommer, 2012), pg. 75, dá mais informações sobre sua origem: "Embora Margraf, provavelmente, também tenha desenhado o Ceará, ele não incluiu essa capitania no seu mapa de contorno do Brasil. Já no mapa Marítima Brasiliae Universae, baseado no trabalho de Johannes Lichthart ou na cópia de Johannes Vingboons, e incluído no grande mapa de Marcgraf, o Ceará aparece, mas não tão bem detalhado. Talvez o Ceará não foi incluso no mapa BRASÍLIA qua parte paret BELGIS, pois, em 1646, o território cearense não estava mais ocupado pelos neerlandeses."</p> <p><input type="checkbox"/> NOTA:</p> <p>Ao meu ver, a elaboração do mapa MBU foi baseada em mapas do arquivo da casa editora de Joan Blau Sr., sita em Amsterdam, acrescida (complementada) com atualizações provenientes das fontes citadas por Brommer, e outras, pois esse mapa notabiliza-se, especialmente, por mostrar mapeado um caminho contínuo entre 'S. Sebaſtian', o Forte São Sebastião, no Ceará (em Fortaleza, à m.d. e próximo à foz do Rio Ceará) e 'S. Salvador', na 'Bahia de todos os Sanctos', 'Capitania du Bahia'.</p> <p>Esse caminho é constituído por segmentos de caminhos pelo interior ligados por trechos pontilhados pelo litoral como podem ser claramente vistos no mapa <i>Marítima Brasiliae Universæ</i>, do acervo da Biblioteca da Universidade de Leiden (COLLBN 003-08-30), interligando por terra o extremo norte do 'BRASILIA SUB REGIMINE BATAVORUM.'(*) à capital do Brasil Português.</p> <p>A malha de caminhos desenhada no MBU parece ser única nos mapas até o século XVII:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◻ Na região litorânea entre 'S. Salvador' e a m.d. do 'Potiĩpeba ou Rio de Vazarbarries' (Rio Vaza Barris), passando por 'S. Anthony' [povoado de Tejupeba, município de Itaporanga da Ajuda (SE)], no vale do 'Potiĩpeba ou Rio de Vazarbarries', e ' S. Gonſalvo Tapiuna' (possivelmente a atual cidade de Estância-SE); ◻ Na região ao norte do 'Ciaramiri' (Rio Ceará Mirim, no Rio Grande), desenhando o caminho pelo interior entre o 'Rio Grande' (Rio Potengi)** e o atual povoado de Cajueiro, município de Touros-RN, imediatamente a oeste de 'Soapary' (Ponta do Calcanhar). <p>(*) No BQPPB o extremo sul do Brasil Holandês está no rio Vazabarris, e não no Rio Real. (**) O MBU não desenha o Rio Ceará Mirim, situado ao norte do Rio Potengi.</p> <p>Os mapas Y-51 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen Rio Jan desta en cabo Roques e Y-54 (4.VEL Y, 1642) De Cust van Brazil tusschen cabo Roques en Bay Cazay mostram outro caminho pelo interior, entre 'Nieuſtaðt' e o rio 'Rº Sira Mirim:', e, ao norte deste, até 'Picqútinge:' (praia de Pititinga, município de Rio do Fogo-RN).</p>

GLOSSÁRIO	
Sigla	Significado
AL	Estado de Alagoas, Brasil.
BQPPB	Brasília Qua Parte Paret Belgis (mapa).
IAHGP	Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano http://www.institutoarqueologico.com.br/
LEHS	Laboratório de História Social, Universidade de Brasília. http://lhs.unb.br/lab/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=121&lang=en
Km	Quilômetro
m.e.	Margem esquerda de curso d'água.
m.d.	Margem direita de curso d'água.
MBU	MARITIMA BRASILIÆ UNIVERSÆ (mapa)
PB-RG	PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE (mapa).
PE-IT	PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, UNA CUM PRÆFECTURA DE ITÂMARACÂ
PE-M	PRÆFECTURA PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS (mapa).
RNM	Rio não mapeado no BQPPB .
SE	PRÆFECTURA DE CIRIÍ vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuáma (mapa).
SE	Estado de Sergipe, Brasil (quando sufixo de nome de cidade ou município).
UnB	Universidade de Brasília, Brasil.

AGRADECIMENTO.

Sempre almejei produzir textos e trabalhos de cartografia histórica tendo como objeto o mapa de Georg Marcgrave do Brasil, intitulado *Brasilia Qua Parte Paret Belgis*, que pudessem ser disponibilizados universalmente, com acessibilidade facilitada ao máximo, pois sei, por experiência própria, como a informação a respeito desse mapa, relativamente, pouco abordado nesse viés pelos nossos historiadores, pode, em algumas situações, ser difícil de obter. E produzi-los, com o mesmo espírito magistralmente delineado e explicitado por Luís da Câmara Cascudo ao comentar a sua motivação em escrever seus livros (*):
"... Enfim, os livros básicos de informação, consulta, ensino, sem esperança do prêmio e a ilusão do merecimento."

Tive a sorte de encontrar pessoas que pensam como eu, e que me ajudaram, generosamente, orientando-me e abrindo portas onde obtive apoio e suporte à minha pesquisa.

Uma dessas portas abertas é a do LEHS - Laboratório de História Social, da UnB, Universidade de Brasília, onde fui acolhido pelo professor *Tiago Luís Gil* e sua abnegada equipe. O LEHS, entre suas muitas atividades de apoio à pesquisa e ensino na UnB, disponibiliza para pesquisadores, que não são do quadro daquela renomada Universidade, um espaço colaborativo na internet, o ATLAS DIGITAL DA AMÉRICA LUSA (**), que dispõe de modernas ferramentas informáticas interativas, e no qual se podem praticar experiências de apresentação em trabalhos acadêmicos, agregando-lhes recursos de georreferenciamento e inserção interativa de textos, imagens estáticas e dinâmicas, e som, praticamente sem limitações, incrementando muito seu poder de comunicação e interesse.

Esse incremento no poder de comunicação e de retenção da atenção, ou interesse, eventualmente, poderá, como antevê o professor *Ernst van dem Boogaart*, que me facilitou o contato e o acesso ao LEHS, resultar numa ferramenta educativa e poderosa para estudantes de todos os níveis dos sistemas educacionais. O LEHS, pelo visto, comprovadamente, exerce um papel pioneiro na consecução desse objetivo, pelo seu fecundo trabalho e busca de sinergia via convênios com outras instituições, de caráter educativo e cultural, interessadas na História.

Levy Pereira.
Natal, RN, 19 de janeiro de 2013.

(*) (*Câmara Cascudo, 1968*), pg. 145.

(**) ATLAS DIGITAL DA AMÉRICA LUSA

http://lhs.unb.br/lab/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=121&lang=en
acesso em 20/01/2013.